

FUTUREO

**UM MÉTODO FUNDAMENTADO
E CONVIDATIVO PARA SONHAR
NOSSO FUTURO COLETIVO**

Luis Felipe Ulloa Forero
Rosilene Cassiano Silva Alves de Lima
Ana Paula Silva dos Santos
Aldrin Martín Perez Marin

Governo do Brasil

Presidência da República
Michel Miguel Elias Temer Lulia

Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
Gilberto Kassab

Instituto Nacional do Semiárido

Diretor
Salomão de Sousa Medeiros

Projeto Gráfico e Capa
Wedsley Melo

Autores
Luis Felipe Ulloa Forero
Rosilene Cassiano Silva Alves de Lima
Ana Paula Silva dos Santos
Aldrin Martín Perez Marin

Revisão do Português
Samelly Xavier da Cruz

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

F996 Futureo: um método fundamentado e convidativo para sonhar
nosso futuro coletivo / Luis Felipe Ulloa Forero...[et al.].-
Campina Grande, PB: INSA, 2016.
121p.
ISBN:978-85-64265-33-2
1. Comunidades - desenvolvimento. 2. Processo de
construção. 3. Futuro coletivo. I. Forero, Luis Felipe Ulloa.
II. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e
Comunicações. III. Instituto Nacional do Semiárido.

CDU: 316.334.52

Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
Instituto Nacional do Semiárido
Núcleo de Desertificação

FUTUREO

**UM MÉTODO FUNDAMENTADO
E CONVIDATIVO PARA SONHAR
NOSSO FUTURO COLETIVO**

Campina Grande (PB) - Brasil
2016

Apesar da mensagem, repetida muitas vezes, de que temos de preparar as crianças para o futuro, aqui essa não é a ideia. É, sim, preparar o futuro. Um futuro bom, construído a partir de uma imagem bonita e consensual, para nós e nossas comunidades.

A aplicação da capacidade de “Futurar” é uma característica que evidencia a condição de ser humano ainda mais que a capacidade de lembrar.

Os sonhos do futuro da comunidade são parte da sua identidade.

O futuro (no Futureo) não é a promessa, não é o destino oferecido por outros. É o ponto de partida construído coletivamente.

O Futureo é um processo de construção gradual e consensual, de uma bonita imagem-horizonte, seja de uma comunidade territorial, de uma comunidade não territorial, de uma dinâmica comunitária, seja ainda de uma prática, de uma iniciativa, de uma organização comunitária, de um coletivo ou, enfim, de uma situação atual “X”.

ORIENTAÇÕES

A PROPOSTA

A proposta principal do livro é destacar a importância e a necessidade de que as comunidades assumam como referência coletiva a noção de um sonho de futuro que, nas condições atuais e históricas, deve ser um futuro bonito e para todos. Estamos devolvendo para a sociedade um método testado, para criar coletivamente esse sonho de futuro bonito, o qual seja aplicável em variadas situações que vivem as comunidades, seus diferentes setores e organizações participantes.

No parágrafo acima, você pode mudar, sem problemas, o verbo “criar”, por “construir”, “imaginar”, “sonhar”, “idealizar” ou similares. Não tem problema. Mas nunca se esqueça de ter em mente o que isso significa e o que cada uma das outras palavras indicam: “coletivamente”, “futuro bonito”, “para todos”, “setores participantes”.

A aplicação do método para a construção do sonho é uma ação primeiro individual, depois gradualmente mais coletiva, envolvendo os diversos setores da comunidade participante através dos protagonistas na vida cotidiana.

Também queremos entregar à sociedade as discussões teóricas que alimentaram o processo de construção metodológica, dicas para as reflexões éticas, que vão ser desenvolvidas pelos aplicadores do método, bem como compartilhar questões.

ALTERAMOS O PONTO DE VISTA

Os projetos de “desenvolvimento” para as comunidades frequentemente tentam propor futuros melhores dentro do que já é aceitável e possível, mas não transforma essencialmente a realidade. O que é aceitável e bom tem sido definido geralmente na sociedade por autoridades políticas e religiosas (para quem e para quê?). A realidade é apresentada pelos especialistas a partir de suas visões fragmentárias com maior ou menor influência de suas crenças políticas e religiosas, além das tendências científicas que preferem. O alcance das mudanças procura ser limitado pelos centros financeiros internacionais, a partir dos compromissos dos governos.

Há décadas estamos entrando em uma nova época. O que era familiar para as gerações passadas, está mudando radicalmente. Entretanto, as forças que têm marcado muitas das mudanças são externas para nós¹ e quanto aos nossos interesses, em particular na América Latina, nem são consultados. Nessas circunstâncias, a nossa proposta sobre a definição do futuro não pode ser da forma descrita no parágrafo acima. Hoje, precisamos sonhar futuros bonitos não porque são possíveis, mas para que sejam possíveis. Um sonho criado e controlado pela comunidade porque a comunidade pode assumir seu poder. Assim, os participantes, em uma situação ou experiência ou comunidade vão definir como querem que ela seja no futuro, produzindo uma

imagem que se torna uma referência para suas decisões e ações. O que começa sendo muitos sonhos bonitos, vai mudando na direção de um futuro-bonito-de-todos, e vai criando condições subjetivas para transformá-lo em realidade. Este livro descreve o método e seus fundamentos para os facilitadores e provocadores de reflexão, bem como para os protagonistas impulsionadores do processo.

A BÚSSOLA É SUA

O importante é que estas folhas escritas sejam úteis. Só você leitor e leitora, com as pessoas de suas equipes de ação, podem saber como melhor aproveitá-las, desde a ordem da consulta, a gradualidade da aplicação até às reflexões e transformações necessárias ao longo do processo. Gostaríamos, enquanto autores, de conhecer as mudanças.

BREVE HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO

O Futureo é um método para construir coletivamente imagens boas e bonitas de futuro que sirvam para orientar as decisões e ações das pessoas na comunidade. Como todos os métodos, o Futureo tem uma história.

Tudo iniciou com a primeira etapa na construção do método de Revisão de Experiências com vista ao Futuro, REI-F, no Centro-América no início do ano 2000. Resgatávamos a história, tentávamos interpretar para terminar o exercício com dicas para alimentar decisões e planejamentos em um futuro próximo. O método tinha semelhanças como as “sistematizações” vigentes na época, mas também diferenças importantes. Gradualmente, o método REI-F foi evoluindo até encontrar a sua forma atual. A importância do Futureo e a sua organização no método foram mudando cada vez mais, até que chegou um momento substancial de descobrimento. Compreendemos a grande possibilidade de iniciar o processo completo com a construção coletiva de um futuro bonito e só mais tarde voltar para a revisão do passado, utilizando a imagem de futuro como referência para nosso aprofundamento na história, tendo neste sentido experiências importantes no México, na Nicarágua e no Brasil. O método REI-F havia encontrado o seu jeito, mas o Futureo se destacava como um momento que precisava caminhar mais.

E assim aconteceu. Com a participação dos quatro autores desta publicação, enquanto equipe do Núcleo de Inovação Metodológica (NIM), do Instituto Nacional do Semiárido (Insa)², e os avanços e discussões, a partir das seguintes contribuições: os participantes dos movimentos sociais no Curso de Especialização em Processos Históricos e Tecnológicos no Semiárido Brasileiro” (2013-2015, Pronera, Insa, UFPB, CNPq)³, além das reflexões geradas no curso de “Introdução teórico prática ao Método de Revisão de /experiências com vista ao Futuro -REI-F (Junho-Outubro 2013) e a experiência com um grupo de mulheres do Assentamento

Vitória, situado na zona rural da Paraíba, durante o processo de instalação de um sistema coletivo de captação e abastecimento de água (2013-2014)⁴. A partir dessas experiências entendemos que o Futureo podia ser utilizado com sucesso como um método independente do REI-F e ao mesmo tempo ser parte dele.

Como estávamos trabalhando numa visão não sequencial passado-presente-futuro, nos encontramos na necessidade de explorar as conceituações sobre o tempo através da história, contrastando posicionamentos gerados no Ocidente com outros que fossem mais próximos da nossa proposta, especialmente aqueles na cosmovisão dos povos andinos. A caminhada foi extasiante e agora chegou o momento de apresentar os resultados para vocês, leitores e leitoras. Podemos assegurar que, se tudo correr bem, novas inquietudes poderão nascer deste processo.

¹ Nesta publicação, ao utilizamos os termos “nós” e “nosso” estamos nos referindo respectivamente “a comunidade” como algo “da comunidade”.

² O Insa é uma Unidade de Pesquisa integrante do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), com enfoque no Semiárido brasileiro. Como uma instituição federal de pesquisa, o Insa articula, realiza, promove e divulga a Ciência, Tecnologia e Inovação como patrimônios universais para o bem da sociedade e, particularmente, do Semiárido brasileiro. Ver: http://www.insa.gov.br/?page_id=26#.VWS8o1LyoXg

³ Processos Históricos e Inovações Tecnológicas no Semiárido Brasileiro: Criado pela Resolução 22/2013 do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe), a especialização foi realizada pelo Departamento de História da UFPB, e tem como objetivo estruturar o processo de construção do conhecimento histórico, sob os preceitos da Educação do Campo, contextualizada às condições do Semiárido, para capacitar técnicos do Programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária - ATEs e lideranças de assentamentos, propiciando o domínio de uso de tecnologias sociais sustentáveis no semiárido brasileiro. Foi realizado em parceria com o Pronera: Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, INSA - Instituto Nacional do Semiárido - UFPB - Universidade Federal da Paraíba e CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Para saber mais:

<http://www.ufpb.br/content/ufpbinsa-promovem-curso-de-especializa%C3%A7%C3%A3o-para-assentados>

<http://www.insa.gov.br/noticias/especializacao-para-liderancas-no-campo-reune-representantes-de-sete-estados#.VWS8bFLyoXg>

⁴ Implantado no Insa o Projeto Águas em Assentamentos Rurais. A primeira fase demonstrativa da Pesquisa do Projeto Águas foi no Assentamento Vitória, localizado na zona rural do município de Campina Grande (PB). Conhecer um pouco mais por meio do link: <http://www.insa.gov.br/noticias/insa-inaugura-primeira-fase-do-projeto-aguas-na-paraiba#.VWS4kVLyoXg>

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

IMAGINE, EU TENHO UM SONHO. E VOCÊ?.....	12
Sonhadores na busca da humanidade.....	13
No cenário das guerras e injustiças do mundo.....	14
No cenário da exclusão racial.....	16
No cenário das relações românticas.....	16
No cenário dos abraços sequestrados.....	17
A ligação.....	18

CAPÍTULO II

NO CENÁRIO - UM MUNDO COMPLEXO E COMPLICADO. NO PALCO: OS (AINDA) SOBREVIVENTES.....	20
Para onde foi o passado? Ele não foi, ainda está conosco.....	21
A vida é bela, só que.....	22
Três papéis no palco: elite, recursos e obstáculos.....	23
Um modelo extrativista perverso.....	24
(Re) tirar os obstáculos.....	24
A transformação em mercadorias.....	25
Um sistema universal-matadouro.....	27
Só depende do sonhador e da sua utopia.....	28
Quando o sistema mata o sonho, ele pode matar o sonhador.....	28
A aceitação impune da inumanidade ou a efetividade dos trapaceiros.....	29
Etapa superior do colonialismo?.....	31
A memória do fogo e os espelhos estão tomando o palco.....	33
Perspectiva otimista em tempos de crise	35

CAPÍTULO III

O DESCONFORTÁVEL TEMA DO TEMPO.....	40
Por um Triz é o Futuro.....	41
Prontos para nos incomodar?.....	41
Um exercício pessoal.....	42
A nossa entrada desde as mudanças.....	43
O tempo para os gregos e os romanos.....	44
Não é mais um tempo-sucessão-linear.....	45
O passado é para frente e o futuro está por trás.....	45
A espiral entra no cenário.....	46
O tempo necessário para acompanhar o caminho.....	46
A admiração: capacidade para cada viajante afirmar.....	47
O primeiro caminho alimenta a vontade de agir no seguinte.....	48
Influências mútuas entre o passado e o futuro.....	48
Linguagem-Futuro-Empoderamento.....	51
O que foi bom ontem pode não ser assim hoje.....	51
O futuro inclui a morte.....	52
O futuro no Futureo.....	54

CAPÍTULO IV

UM BEM-FUTURAR, PARA SER NO MUNDO.....	56
Discussão sobre o que é Futurar.....	57
Abya Yala.....	57
Sonhar.....	58
Futarar é um exercício de atores protagonistas.....	58
Futarar é um exercício de rebeldia.....	59
Futarar é superar a linearidade do tempo sequencial.....	59
Futarar e um ato de esperança.....	60
Futarar é um ato de humanização.....	61
Futarar é um ato de responsabilidade.....	62
Futarar é um processo, de construção gradual.....	62
Futarar é construir sem restrições.....	64
O Futureo é um mutirão com diversos recursos metodológicos.....	65
O Futureo é um exercício bom, especialmente para situações difíceis.....	66

CAPÍTULO V

O QUE QUEREMOS COM O FUTUREO.....	69
Futuramos para gerar uma imagem nossa, positiva que é evasiva.....	70
Futuramos para nos aproximar para a tripla harmonia.....	70
Futuramos para disponibilizar uma imagem bonita e nossa como horizonte.....	72
Futuramos para mudar a perspectiva.....	72
Futuramos para olhar de outra forma para o passado.....	73
Futuramos para comparar a partir dos sonhos de futuro.....	73
Futuramos para aprimorar a nossa auto imagem.....	73
Futuramos com a intenção, também, de mudar a automatização, a inercia e a imobilidade.....	74
Futuramos para inventar uma imagem que subsidia o planejamento e a ação.....	75
Futuramos para nos aproximar das grandes mudanças.....	75
Futuramos para sermos sujeitos de nosso destino.....	75
Futuramos buscando um regime do povo.....	76

CAPÍTULO VI

DO POR QUE ACHAMOS POSSÍVEL FUTURAR.....	78
Futurar porque há bons sinais.....	79
Futurar porque as pessoas sonham.....	80
Futurar porque compartilhar os sonhos vigora e vigoriza.....	80
Futurar porque contribui para mudar bem.....	82
Futurar porque é possível sonhar coisas que existirão.....	82
Futurar porque -e quando- a porta das soluções está fechada.....	84
Futurar porque é o tempo da travessia.....	84
Futurar porque já foi anunciado o tempo de Pachakutek.....	85

CAPÍTULO VII

MAS, COMO FUTURAR?.....	87
LEMBRAR QUE SÃO CAMINHOS, NÃO ESTRADAS	88
Foco sobre o que somos e o que buscamos.....	89
Foco sobre o alcance temporal do futuro bonito.....	90
Foco em convidar as pessoas certas dos setores certos (participantes).....	91
Diferenciar os momentos e passos do método.....	94
O MOMENTO “A”: A CRIAÇÃO DA IMAGEM DE FUTURO BONITO.....	95
Passo Zero. A mística.....	97
Passo 1. Construção individual.....	98
Passo 2. A Primeira Coletivização.....	99
Passo 3. Construção por setor.....	102
Passo 4. Convergência (Uma imagem única de futuro bonito).....	103
O MOMENTO “B”: A IMAGEM DE FUTURO BONITO, COMO HORIZONTE E COMO PROFECIA.....	104
Passo 1. Um Futuro bonito integral em várias imagens.....	105
Passo 2. Planejamento comunicacional.....	105
Passo 3. Novas oficinas de expressão.....	106
Passo 4. Garantir visibilidade.....	106
O MOMENTO “C”: FECHAR-ABRINDO.....	107
Agenda mínima e alguns destaques.....	107
Destaque #1. Fazer voar a voz.....	107
Destaque #2. Refletir sobre as condições para realizar esse futuro bonito.....	108
Destaque #3. Salientar as intenções do Futureo pertinentes para nosso caso.....	108
Destaque #4. Encaixar a nossa imagem nas instâncias de decisão.....	109
Destaque #5. Duas preocupações para o que falta na caminhada.....	109
AGORA, SERÁ NECESSÁRIO REINVENTAR!.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111

CAPITULO I



Imagine,
eu tenho
um sonho.
E você?

O MOMENTO DOS SONHADORES

Convocatória urgente para os sonhadores bons das diferentes partes do mundo

“Se bem que embora acordados alguns saibam que se vive em sonho na vida real. O que é a vida real? Os fatos? Não, a vida real só é atingida pelo que há de sonho na vida real” (Clarice Lispector, Um sopro de vida).

“Matar o sonho é matarmo-nos. É mutilar nossa alma. Os sonhos é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso” (Fernando Pessoa, Livro do Desassossego).

“Não é verdade que as pessoas param de perseguir os sonhos quando ficam velhas, elas ficam velhas porque param de perseguir os sonhos” (Gabriel Garcia Márquez, escritor colombiano).

Tradução Espanhol/Inglês:

(“No es cierto que las personas dejen de perseguir sus sueños porque envejecen, envejecen porque dejan de perseguir sus sueños” / “It is not true that people stop pursuing dreams because they grow old, they grow old because they stop pursuing dreams” - lembrado pela jornalista Arianna Huffington após a morte de Gabo)

“Somos essencialmente o que os nossos sonhos são” (William Shakespeare, A Tempestade).

Tradução Inglês:

“We are such stuff as dreams are made on” (William Shakespeare, The Tempest).

SONHADORES NA BUSCA DA HUMANIDADE

A complexidade não é chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo e, por vezes, mesmo a ultrapassá-lo (Edgar Morin)⁵.

“Complexidade” não é uma má palavra. É só parte da descrição necessária para o que nomeamos a “realidade” e a vida, só que nós a simplificamos demais quando tentamos compreendê-la ou explicá-la. O termo “complexo”, nos leva à ideia de “enlaçado” “entrelaçado”, “encadeado”, perto do latim plexu- [ˈplɛksu], que é o participio passado de plectere⁶. Quando falamos de complexidade, falamos do encadeamento múltiplo, dos diversos enlaces entre objetos, seres e situações, dos relacionamentos diferentes, que originam diversas formas para reagir ante a vida, em momentos distintos.

Tudo o que parece simples, quando olhamos com atenção, mostra o seu rosto de complexidade, inclusive as pessoas, que são complexas demais. Como humanos, temos muitas formas para ser inumanos com os demais, com a natureza e conosco. Nós, enquanto seres diversos, temos graves problemas com a diversidade, e nós, enquanto seres integrais e integrados, podemos ser – também em extremo – dissociáveis/dissociabilizadores. Em nós, a inteligência, os sentimentos e as crenças coexistem e se complementam, ou não.

Lembremos que “humanidade” se refere à natureza humana, e pode ser definida como “a capacidade de compreensão ou de aceitação em relação aos semelhantes”, e que “dade” significa “alheio ao sentimento de humanidade; crueldade”⁷. Para alguns povos africanos existe um fundamento ético tradicional e social denominado Ubuntu, que traduzindo para o português seria “humanidade para com os outros” ou “ser-com-os-outros”. As pessoas que vivem a filosofia Ubuntu são afetadas quando seus semelhantes sofrem opressão ou são diminuídos⁸.

Temos vivido situações muito ruins em nossas comunidades, seja na América Latina ou em qualquer parte do planeta, que ainda hoje estão acontecendo. Assim, não é esquisito tentar sonhar em futuros bonitos, como queremos propor nestas folhas. Como a tarefa é dura, achamos que é bom desenvolver reflexões com ajuda de alguns sonhadores que escreveram a sua página na história, mas cujos grandes objetivos ainda não foram atingidos.

Por que não? Podemos pensar que as forças contrárias têm sido muito poderosas; que nós, não fizemos o esforço suficiente para acompanhar os sonhadores e que eles não encontraram no seu momento, os caminhos mais apropriados ou suficientes para partilhar o seu sonho e convocar as pessoas certas, ou para lidar com a complexidade de seus entornos.

Não é uma novidade. Sonhos de futuros melhores têm sido gerados e propostos de diversas maneiras por sonhadores protagonistas nas diferentes dinâmicas da vida. Neste capítulo lembraremos para os leitores uma bela canção filosófica e política, uma canção romântica, uma marcha com discurso, e um abraço de reencontro.

Falaremos deles e de seus autores, que reafirmaram nossa dignidade, e nossa esperança.

Nota: Três dos quatro autores e atores emblemáticos que vamos apresentar neste capítulo vêm do Hemisfério Norte, não porque lá tem a maioria dos lutadores sociais, mas para lembrar que essa região também tem gente boa, muito boa. A outra é uma experiência bem particular.

NO CENÁRIO DAS GUERRAS E INJUSTIÇAS DO MUNDO

John Lennon foi um músico britânico dos Beatles e um solista que só pode ser compreendido mergulhando na presença de uma artista libertária japonesa focada nas artes plásticas, no cinema e na música: a sua companheira Yoko Ono. Uma canção dos anos 1970, “Imagine”, sintetiza o sonho de futuro dos dois. O sonho de Lennon estava vinculado com a ação, em temas como a guerra e a injustiça. Por ser ativista contra a guerra do Vietnã, foi muito monitorado e a administração do presidente Richard Nixon tentou, repetidamente, deportá-lo dos Estados Unidos. Lennon aceitava com naturalidade o rótulo de sonhador, e acrescentava: “mas não sou o único” (E não é!).

Uma de suas lembranças preferidas assim se demonstra: “Quando eu fui para a escola, me perguntaram o que queria ser quando crescesse. Eu escrevi ‘feliz’. Eles me disseram que eu não entendi a pergunta, e eu lhes disse que eles não entendiam a vida” (John Lennon)⁹.

IMAGINE¹⁰

Imagine there's no heaven
It's easy if you try
No hell below us
Above us only sky

Imagine all the people
Living for today

Imagine there's no countries
It isn't hard to do
Nothing to kill or die for
And no religion too

Imagine all the people
Living life in peace

You may say, I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will be as one

Imagine no possessions
I wonder if you can
No need for greed or hunger
A Brotherhood of man

Imagine all the people
Sharing all the world

You may say, I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will live as one

(JOHN LENNON, 1971).

NO CENÁRIO DA EXCLUSÃO RACIAL

Os grupos hegemônicos nos Estados Unidos têm sido discriminadores terríveis dentro e fora do país. Os negros antes, os latino-americanos agora e os indígenas permanentemente têm sido vítimas desta situação. Era uma vez um lutador pelos direitos de sua etnia, que junto aos muitos manifestantes os quais compartilhavam do seu sonho, encheram as ruas e parques para denunciar e não permitir que as injustiças praticadas contra o povo negro fossem ignoradas por mais tempo. Em 28 de agosto de 1963, Martin Luther King Jr, destacando a “soul force” (força do espírito), apresentou um discurso inesquecível: “I have a Dream!”¹¹ “Eu tenho um sonho”, simbolizando a bandeira levantada por King que desejava um mundo em que as pessoas não fossem separadas por raça.

- Trecho do discurso de King em português/inglês:

“Eu tenho um sonho hoje! Eu tenho um sonho de que um dia, no Alabama, com seus racistas cruéis, com seu governador de cujos lábios gotejam palavras de intervenção e negação; um dia lá mesmo no Alabama, meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãs e irmãos”¹².

“I have a dream today. I have a dream that one day, down in Alabama, with its vicious racists, with its governor having his lips dripping with the words of interposition and nullification, one day right there in Alabama, little black boys and black girls be able to join hands with little White boys and White girls, as sisters and brothers.”

NO CENÁRIO DAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS

O grupo sueco ABBA, formado por dois casais foi de grande sucesso mundial. Com “I have a dream” (1979) eles fizeram pensar que seu sonho poderia agarrar seu futuro, e assim ajudaram a passar as águas turbulentas da realidade por meio das músicas que referenciavam o amor e à convivência. Nós concordamos!

I HAVE A DREAM¹³

I have a dream
A song to sing
To help me cope
With anything
If you see the wonder
Of a fairy tale
You can take the future
Even if you fail
I believe in angels

Something good in
Everything I see
I believe in angels
When I know the time
Is right for me
I'll cross the stream
I have a dream

I have a dream
A fantasy
To help me through
Reality
And my destination
Makes it worth the while
Pushing through the darkness
Still another mile
I believe in angels
Something good in
Everything I see
I believe in angels
When I know the time
Is right for me
I'll cross the stream
I have a dream

(ABBA, 1979)

NO CENÁRIO DOS ABRAÇOS SEQUESTRADOS

Em agosto de 2014 foi emocionante um encontro emblemático na Argentina: Estela de Carlotto, a presidente das “Abuelas de Plaza de Mayo” (Avós da Praça de Maio) e Guido, seu neto sequestrado pela ditadura três ou quatro décadas atrás, se encontraram e se abraçaram no meio de júbilo nacional e internacional. “Dois dias atrás, eu sei quem eu sou, ou quem eu não era”¹⁴ falou Guido, e assim nós percebemos que era um momento sagrado¹⁵.

Guido nasceu em Julho de 1978 e sua mãe, Laura, foi assassinada um mês depois em um centro de detenção militar. Nas décadas dos anos 1960 e 1970, concentraram uma história de ditaduras na América Latina mais forte que outros anos, em um cenário mundial de “guerra fria” (USA e URSS) e a presença da revolução cubana vitoriosa, desde 1959. Em 1976, um general, Jorge Rafael Videla, iniciou uma série de quatro juntas militares que governaram a Argentina por 17 anos com estimativa de 30 mil civis mortos no que viria a ser denominada “a guerra suja”¹⁶.

Estela de Carlotto, assim como outras Avós da Plaza de Maio, havia preparado a imagem de outro futuro e lutara por ele. Ela e as outras avós já tinham criado a imagem daquele momento no futuro, quando elas foram

encontrar seus netos sequestrados. Sua luta foi em torno desse futuro bonito que lhes permitiria ajustar as contas com o passado, para em seguida, reconstruir novamente sua nova ideia de futuro, de futuro bonito, com bases mais sólidas.

A LIGAÇÃO

Na América Latina, muitas pessoas desejam viver o “sonho americano” como o seu sonho, mas elas não têm toda a informação. Às vezes, nem conhecem a história e poucos relacionam as notícias de hoje com o passado dos EUA para verificar a coerência entre seus discursos e os fatos.

O abraço entre a avó e o neto na Argentina, reforçou a esperança dos latino-americanos. Agora podemos sonhar o que parecia logicamente impossível, e confirmamos uma vez mais que podemos alcançar os sonhos, mesmo no meio de situações avassaladoras como as ditaduras militares. As ditaduras da época não foram casos isolados nem foram eventos de criação individual. A ditadura foi um procedimento genérico na América Latina, aceitado e/ou propiciado desde o hemisfério Norte, para favorecer o acesso das corporações aos bens comuns naturais¹⁷ e para controlar as resistências internas. As ditaduras na América Latina não podiam acontecer sem o apoio explícito ou disfarçado dos governos dos EUA e da Europa. As vítimas foram eventos “normais” das intervenções.

Dentro dos EUA, Lennon foi mais longe por meio da música na política, já Luther King foi o homem emblemático, uma grande liderança negra. Os dois, que tentaram ser protagonistas de mudanças sociais concretas, Martin Luther King e John Lennon, foram assassinados nos Estados Unidos da América. Foram também vítimas do mesmo sistema.

E ainda, em 2014, nos EUA meio século depois da marcha de Washington, ocorreram manifestações públicas em 37 estados e mais de 150 cidades, resultantes primeiro pela morte em Agosto 2014, do jovem negro-americano Mike Brown (desarmado, 18 anos) em Ferguson, Missouri, e logo pela decisão judicial de não iniciar uma causa jurídica contra o policial responsável, mostraram que as atitudes e as feridas ainda estão presentes¹⁸. A situação ficou mais evidente quando em Cleveland, Tamir Rice, criança negra, de 12 anos, foi morto também por policiais em Cleveland no dia 27 de novembro de 2014, e então outros mais “branco-mata-negro” em menos de um mês.

A violência traz na sua essência uma discriminação profunda, além de outros elementos. Há ligações também com o lucro e o negócio, dentro de uma cultura criada durante muitos anos. Tamir, o menino, brincava com uma arma de brinquedo, o que é normal em uma sociedade que exalta a violência e a ideia do herói selvagem desde a infância¹⁹. Essa mesma sociedade ainda em fevereiro de 2015, não tira fora uma emenda constitucional que defende o porte de armas, as quais podem e são usadas para o que elas foram feitas: matar. Nos EUA, há quase 300 milhões de armas de fogo ativas em mãos de civis, segundo um estudo de 2010, e acontecem 30,288 mortes por armas de fogo por ano, dentro de suas fronteiras (cálculos entre 2000 e 2008). Segundo Sallon, (2013), os EUA que têm 315 milhões de habitantes e uma média de uma arma de fogo per capita²⁰, é o primeiro país no mundo de posse de armas por civis (muito à frente do Jêmen) e cada titular possui uma média de duas a três armas. Os EUA, ainda, também exportam as armas e a violência em diferentes formas, e isso é uma preocupação para nós, os latino-americanos. Os sonhos de Lennon e Luther King ainda precisam de esforços.

Além das aparências, o mundo hoje não está melhor. Acreditamos que, para mudar as coisas, nós (aqueles do futuro sequestrado) precisamos de muitos mais protagonistas honestos e informados e de melhores capacidades para construir e compartilhar sonhos bonitos mais coletivos.

NOTAS

⁵ MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget. 2ª ed., p. 177 ISBN: 972-8245-82-3. Do original Introduction à la pensée complexe, Paris: ESF éditeur, 1990

⁶ Complexo: in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consulta: 30.01.2015 - 23:39:34]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/complexo> .

⁷ Definições do dicionário. Neste caso (Ferreira, 2010)

⁸ Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência. Ver: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia>

⁹ Imagine: canção escrita e interpretada pelo músico inglês John Lennon.

¹⁰ Caro leitor, você pode assistir “Imagem” legendado em português durante 3’55” no link: <https://www.youtube.com/watch?v=bBW8g64Vzf8&list=RDbBW8g64Vzf8&index=1>, ou na coletânea “Anos 2000” de Milton Nascimento.

¹¹ Você pode assistir ao vídeo do ativista negro falando durante 17’28” - no link: <https://www.youtube.com/watch?v=smEqnklfYs> ou legendado em Inglês em https://www.youtube.com/watch?v=jw1R_JBuHEQ

¹² Ver discurso completo em português em Palas Athena no link: http://www.palasathena.org.br/downloads/Eu_tenho_um_sonho-MLK.pdf . Acessado em 09. Nov. de 2015.

¹³ Você pode assistir o vídeo, legendado em português (4’44”) em <https://www.youtube.com/watch?v=KsS1Qz7Wyll> , (Polar Studios).

¹⁴ GINZBERG, Victoria. Hace dos días que sé quién soy, o quién no era. Pagina12 diário el país. <http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-252589-2014-08-09.html> Acessado em 09.08.2014.

¹⁵ Mais informação em um vídeo. Estela. El documental. TV Pública Argentina TVP. 2014. <https://www.youtube.com/watch?v=Lh0hZsjg34Y>

¹⁶ SALATIEL, José Renato. Militarismo na América Latina: a ditadura militar na Argentina. Pedagogia & Comunicação. 2012. <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/militarismo-na-america-latina-a-ditadura-militar-na-argentina.htm> . Acessado em 10.08.2014.

¹⁷ Lembremos que os bens comuns naturais foram considerados por alguns teóricos do desenvolvimento como “recursos” naturais.

¹⁸ LOPEZ, Joséfa, Violences policières aux Etats-Unis: Les Noirs sont quasi déshumanisés. Le Monde.fr. http://www.lemonde.fr/ameriques/video/2014/11/25/violences-policieres-aux-etats-unis-les-noirs-sont-quasi-deshumanises_4529171_3222.html. Acessado em 26.11.2014

¹⁹ Sobre a morte de Tamir Rice, 12 ans. Ver Le Monder. fr. http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2014/11/27/cleveland-le-policier-qui-a-abattu-un-enfant-de-12-ans-a-tire-des-son-arrivee-sur-les-lieux_4529858_3222.html

²⁰ SALLON, Hélène. Etats-Unis: 300 millions d’armes à feu, 30 000 morts par an. Le monder. fr. 2013. http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/01/08/etats-unis-300-millions-d-armes-a-feu-30-000-morts-par-an_1813806_3222.html. Acessado em 27.11. 2014.

CAPITULO II

The background features several overlapping, tilted rectangular shapes in various shades of pink, orange, and green. The shapes are scattered across the page, with some being larger and more prominent than others. The overall aesthetic is modern and abstract.

No cenário:
um mundo complexo
e complicado.

No palco:
Os (ainda)
sobreviventes

EM UM CANTO, A PREDUÇÃO EXTRATIVISTA E O LUCRO. NO OUTRO, O DESEJO DE VIVER HUMANAMENTE E DAR SENTIDO À VIDA

“O que há de mais complicado do que uma rosa, para quem a quer compreender? O que há de mais simples, para quem não quer nada? Complexidade do pensamento: simplicidade do olhar. ‘Tudo é mais simples do que podemos imaginar e, ao mesmo tempo, mais intrincado do que poderíamos conceber’, segundo Comte-Sponville, portanto, dizia Goethe: Complexidade das causas-simplicidade da presença- complexidade do real-simplicidade do ser” (SPONVILLE, 1999).

“O Homem vive da natureza, isto significa que a natureza é o seu corpo com o qual ele deve permanecer em processo constante, para não perecer. O fato de que a vida física e espiritual do homem se relaciona com a natureza não tem outro sentido senão o de que a natureza relaciona consigo mesma, pois o homem é parte da natureza” (Karl Marx). “Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias” (GEERTZ, 1989).

PARA ONDE FOI O PASSADO? ELE NÃO FOI, AINDA ESTÁ CONOSCO

Cada comunidade pode falar de seus sucessos reais ou aparentes. Também de seus problemas específicos, só que frequentemente há o desconhecimento sobre as vinculações entre o que acontece dentro da comunidade e o que acontece fora, no entorno. Também é insuficiente a consciência de que mais cedo ou mais tarde, o que ocorre hoje (o que fazemos? O que outros nos fazem? O que deixamos acontecer?) vai influenciar o futuro, assim como o que aconteceu no passado já está influenciando hoje e terá mais consequências no futuro. Também é fraca a consciência de que o que acontece em outra parte do mundo vai ter influência em nossa comunidade, e o que acontece em uma comunidade pode ter influência no mundo global.

E então temos nossa primeira impressão. O local está associado com o global e vice-versa. Todos os tempos estão associados entre si. E já estamos falando de um mundo e de sistemas complexos! Nada acontece de forma totalmente isolada. Os sonhos também não.

Quem influencia quem? Mediante as influências queremos destacar várias situações.

A primeira tem a ver com a auto-minimização do próprio poder. Quando a vida está marcada pela globalização, há, em nossos países, uma tendência de acreditar que só acontece a marca ou influência do global para o local, e do Norte para o Sul, e não o contrário. Sejamos, então, claros de uma só vez, pois podemos ter marcas do local para o global e, além disso, estamos interessados que possa ser assim, para evitar ser encurralados em caminhos determinados por outras forças e sem a nossa decisão.

A segunda é que as comunidades de referência geográfica, fisicamente falando, estão dentro e fora de suas fronteiras. Elas têm níveis de dispersão de seus membros e de seus produtos, pela região, pelo país,

pelo continente, pelo mundo. Por meio deles, a comunidade está em muitas partes, ao mesmo tempo muitas partes estão na comunidade. É importante considerar a dispersão como oportunidade para influir e de receber boas influências. Também para articular em cada dinâmica comunitária.

Assim, o exercício de criar um futuro bonito não pode esquecer essa situação. Agora sabemos que: 1) As dinâmicas comunitárias não acontecem só dentro dos limites geográficos do território original. Por isso, para entender a realidade, buscar propostas, respostas e soluções, precisamos transcendê-los; 2) O Futureo de uma comunidade pode (deve?) considerar os setores comunitários, incluindo as pessoas que estão morando em outras regiões e países, e os atuais moradores da comunidade de outras origens (os imigrantes); 3) A construção da imagem de um futuro bonito para uma situação particular, não precisa ser restrita puramente para local. Apesar de vivermos e atuarmos em um espaço local, não podemos esquecer das questões globais, pois vivemos em um mundo globalizado. Por isso, também podemos (devemos?) sonhar desde o local-bonito ligado ao global-bonito.

A VIDA É BELA, SÓ QUE...

Podemos sempre dizer que o mundo é belo, a vida é bela, mesmo nas situações mais difíceis, como o que foi ensinado no famoso filme com esse nome²¹. Temos muitas e profundas razões para que, mesmo vivenciando estes momentos complicados (sejam individuais ou coletivos), nunca podemos perder de vista que a vida, ela própria é um dom, é bela.

Apesar de existir a opressão, injustiças, maldades, preconceitos, desinteresse pela causa alheia, ainda há lugar para uma vida bela, com gestos generosos, de partilha, de amor desinteressado, de tolerância, de sonhos bons e bonitos capazes de transformar a vida de muitas pessoas na sua comunidade, região e no mundo.

Poucos podem negar que hoje é impressionante o progresso da ciência e também o aumento da esperança de vida para certos setores, em certos países, fatos que só foram possíveis porque nos beneficiamos de uma regularidade no mundo de aparatos tecnológicos e da nossa capacidade de adaptação às mudanças do nosso meio e ambiente. Isso é grandioso!

No que concerne à inclusão social, no que se refere à ciência e tecnologia parece boa também, a informação sobre a mobilidade dos pobres na América Latina. Segundo um estudo do Banco Mundial (BM), entre 2000 e 2010, a porcentagem de pobres na América Latina diminuiu de 44 % para 30 %. Sendo que 40 % das famílias mudou de pobre para o “Segmento vulnerável” (um segmento que passou a fazer parte de um grupo inserido entre os pobres e a classe média) e para a “classe média”, que passou de 100 milhões de pessoas para 150 milhões²². A classe média parece ir bem, se compararmos com a franja²³ dos pobres; tem melhorado o nível de educação formal em relação à geração anterior, podendo entrar na faculdade ou aprender uma profissão ou conseguir um emprego. Faz-se compras com cartão de crédito, adquire-se carro ou moto e se tem acesso a comprar ou alugar uma moradia. Além disso, como diferença com o segmento vulnerável, segundo o referido estudo, a classe média apresenta uma baixa probabilidade de voltar à pobreza. O Brasil é um exemplo disso. Só que para diversos pesquisadores, outros componentes da realidade parecem relativizar as citações otimistas.

Alejandro Jadad, pesquisador latino-americano, em síntese do conhecimento e manejo da dor, na Universidade de Oxford²⁴, afirmou em uma entrevista, que todos os modelos que nortearam a nossa vida no século XX não funcionam mais, que se transformaram em nossos inimigos: “o sistema de saúde nos torna

doentes e nos mata, o sistema educativo nos brutaliza e o sistema financeiro nos empobrece”²⁵. E nos mata, no sentido literal como aconteceu com os 43 jovens em Ayotzinapa, México, em 26 de setembro de 2014²⁶, e como está ocorrendo nos assassinatos de opositores da mineração a céu aberto e defensores dos direitos humanos em diversos países durante tantos anos. Nesse sentido, Michael Löwy²⁷ lembra-nos que o que predomina já não é a dimensão humana, “é o capital, é a indústria, é a produção, isso que é importante. O ser humano, os seus governos, a felicidade, não importam” e ilustra o que acontece com as seguintes palavras de Max Weber: “a verdade é que o capitalismo é um sistema que converte, transforma, substitui os meios pelos fins”²⁸.

Nós, os autores, partimos do pressuposto de que o leitor ou leitora conhece os grandes problemas que ameaçam o planeta e a humanidade, e, assim sendo, não precisa de muitos discursos sobre isso. Mas consideramos importante ressaltar certos aspectos, porque, especialmente nos primeiros exercícios de Futureo, a imagem de um futuro bonito, pode ficar isolada: muito no local, sem aparente vinculação com o que acontece no entorno; ou muito no imediato, sem aparente ligação com a história. A reflexão depois do sonho vai contribuir para evidenciar os nexos e os novos exercícios de Futureo vão ajudar a aprimorar os resultados.

TRÊS PAPÉIS NO PALCO: ELITE, RECURSOS E OBSTÁCULOS

O mesmo estudo do Banco Mundial, citado anteriormente, também afirma que a alta mobilidade não acontece “em todos os sentidos da palavra”,

Em suma, os persistentes baixos níveis de mobilidade Intergeracional da região contrastam com o recente aumento acentuado da mobilidade intrageracional. O panorama geral da sua mobilidade econômica na América Latina é, portanto, desigual. A mobilidade entre as gerações – no sentido de que os resultados pessoais são independentes do contexto familiar e da origem social continua a ser um objetivo difícil de alcançar (FERREIRA, 2013, pg. 10)²⁹.

Ou seja, permanecem altos os níveis de desigualdade no acesso às oportunidades, o que é mais visível se o leitor focar sua análise também nas relações étnicas, na inclusão e exclusão por razões de diferenças físicas ou mentais, nas opções sexuais e em outras situações.

Jadad ressaltou que: “Não há justificção para mais de um bilhão de pessoas no mundo passar fome e não ter teto, enquanto o consumo de uma minoria ameaça acabar com os recursos finitos que temos” (QUINTERO, 2012).

Desta forma, diferentes setores vêm desenvolvendo papéis distintos, sendo atribuído a uma parte dos habitantes do continente, o papel de “recursos” e “mercadorias”, no caminho pela procura de felicidade para outras pessoas, aquelas com dinheiro e poder e que denominamos de elite.

Um setor de pessoas age como “Recursos”, isto é, como meios materiais para conseguir essa felicidade para a elite. Outra parte é convertida em “mercadorias”, no entanto, é possível comercializá-las e uma parcela é considerada “obstáculo”, porque atrapalha o gozo nos planos da elite. O resultado tem sido, e ainda é, a

geração de uma grave situação de inequidade, certas resistências, como ações de colonização do pensamento e do sentimento, e outras formas de persuasão que incluem a repressão.

Consideramos que o sonho de futuro pode incorporar a imagem de uma comunidade, uma região, um país, uma América Latina, um mundo, cujo avanço signifique oportunidade de uma boa qualidade de vida para todos.

UM MODELO EXTRATIVISTA PERVERSO

Sabemos que no mundo atual, somos conduzidos por modelos que priorizam o extrativismo e o mercado, os quais, por sua vez, alimentam a obsessão pelo lucro e geram uma cultura de depredação e aceitação da depredação, na busca do controle dos bens comuns (nomeados por eles como “recursos naturais”³⁰). É uma situação que favorece apenas ao capital internacional (grandes empresas nacionais e internacionais) e compromete a vida das comunidades locais³¹. As intervenções incluem a adequação das leis para facilitar o controle, diversas ações para silenciar as opções alternativas (os obstáculos), o encorajamento sigiloso para a corrupção, a criação de exércitos paramilitares, a guerra aberta ou encoberta, a detenção, as campanhas de intimidação e quebra da esperança, a expulsão de habitantes que ficam deslocados de seus territórios ou “desplazados”³², e situações de desaparecimento e assassinato de protagonistas da resistência em diversos países.

Há boas descrições disponíveis e estudos sobre os efeitos do extrativismo e da economia de mercado, feitos em vários formatos por intelectuais, artistas e testemunhas honestas³³. Alguns definitivamente desoladores, no entanto, outros destacam os avanços da resistência.

Na vida cotidiana, vemos consequências aberrantes do passado, como o racismo e a homofobia, como a negação do outro e até mesmo a aniquilação dele. Temos como certo é que um preconceito tão feio e tão abominável consegue deixar marcas profundas no indivíduo e na sociedade.

O preconceituoso é um ser temeroso, seu temor é de ser aniquilado pelo outro. Acredita que o outro é uma ameaça ao seu estilo de vida, à sua crença, à sua verdade, ao seu modo de ser e de viver. Então decide aniquilar, o diverso, o diferente. Não entende que a diversidade deve ser cultivada e alimentada porque faz bem a todos. Por que então aniquilar o diferente?

Frente a esse questionamento e ao modelo perverso para o lucro, fundamentado no extrativismo (de bens comuns e de vidas), o futuro bonito é sonhado como uma vida harmônica com a natureza, entre os moradores diversos e de cada pessoa com ela mesma. O que coincide com a busca principalmente dos povos tradicionais (indígenas, quilombolas, ciganos e outros), dos agricultores familiares, mas também dos moradores das cidades quando compreendem as consequências de não-fazer, não defender, não prever, para suas vidas e o bem viver.

(RE)TIRAR OS OBSTÁCULOS

Tirar é sacar, arrancar, fazer sair de seu lugar, desaparecer.

(Re) tirar é fazer a mesma coisa de novo.

De acordo com as Nações Unidas, em 2013, 51,2 milhões de pessoas deixaram suas casas por conflitos armados, sendo este um indicador relevante para compreender o estado do mundo atual³⁴. Seres tão reais e tão humanos como você e eu, que desejam o fim das atrocidades para possibilitar a reconstrução de suas existências da melhor forma possível. Na Colômbia são mais de 5 milhões os “desplazados” ou deslocados internos³⁵.

Os povos sem territórios deixam de ser, perdem a sua identidade. Sem território, as pessoas buscam como sobreviver, e acontece como falou o músico Chico Science “E quem era inocente hoje já virou bandido / pra poder comer um pedaço de pão todo fudido” e o problema fica mais complexo, o “banditismo por necessidade” e também “O banditismo por uma questão de classe”³⁶.

O futuro é uma construção pelo consenso progressivo. Quando futuramos com pessoas atingidas pelo deslocamento, as mulheres e homens; adultos, idosos, jovens, crianças... podem construir sonhos bonitos de futuro: seus territórios originais bem cuidados; umas relações entre os moradores (humanos e animais) mais harmônicas; homens, mulheres e crianças bem protegidas das intenções de deslocamento. No sonho compartilhado (consenso), as pessoas vão mostrar-se muito responsáveis de suas vidas e da natureza, utilizam boas formas de resolução das disputas territoriais e lutam pelos bens comuns.

A TRANSFORMAÇÃO EM MERCADORIAS

Hoje, é frequente ouvir notícias sobre diversas formas do mercado de pessoas. Uma delas é sobre a exploração sexual comercial de crianças e jovens, outra é sobre a escravidão. As duas podem ser locais, nacionais e internacionais.

O relacionamento com diversas comunidades camponesas e urbanas da América Latina tem revelado aos pesquisadores, histórias tristes de moradores que têm ou tiveram suas filhas e filhos nessas circunstâncias. É complexo. A exploração sexual comercial de crianças e jovens da América Latina pode estar associada com o negócio da recreação e turismo, com a presença militar estrangeira, com a mega mineração e as grandes obras, além do abuso de poder a partir de posições de controle no governo e até mesmo nas empresas, além de muitas outras situações. Esse cenário evidencia a fragilidade diante da própria condição de vida e existência das pessoas.

Tal fragilidade é provocada pela miséria (pobreza extrema + fome + outras ameaças à dignidade humana) que, por sua vez, propicia reações diversas, e também pela organização de frentes criminosas que se aproveitam da situação de vulnerabilidade das famílias para negociar e comercializar crianças e jovens, mulheres e homens transformados em produtos e explorados em benefício próprio. Se olharmos os dois lados da moeda, perceberemos que há o espaço dos criminosos e seus cúmplices e o lado das vítimas, as quais para serem entendidas, é necessário observar suas famílias, histórias e seus espaços naturais.

E quando vamos para a história dos povos indígenas e dos negros em nosso continente, vemos outros horrores. Afirmou Beatriz Nascimento (1974)³⁷ em “Negro e Racismo” que “Ser negro é enfrentar uma história de quase quinhentos anos de resistência à dor, ao sofrimento físico e moral, à sensação de não existir, a prática de ainda não pertencer a uma sociedade na qual consagrou tudo o que possuía, oferecendo ainda hoje o resto de si mesmo. Ser negro não pode ser resumido a um “estado de espírito”, a “alma branca ou negra”, a aspectos de comportamento que determinados brancos elegeram como sendo de negro e assim adotá-los como seus” (p.65)³⁸.

Os negros foram extraídos de seus territórios, sequestrados, comercializados, violentados e escravizados. Para eles, não foi só chegar ao “novo” continente e sobreviver como explica Darcy Ribeiro³⁹:

[...] Mas a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes brasileiros foi, ainda é, a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional. Nela se viu incorporado à força. Ajudou a construí-la e, nesse esforço, se desfez, mas, ao fim, só nela sabia viver, em função de sua total des-africanização. A primeira tarefa do negro brasileiro foi a de aprender a falar o português que ouvia nos berros do capataz. Teve de fazê-lo para poder comunicar-se com seus companheiros de desterro, oriundos de diferentes povos. Fazendo-o, se reumanizou, começando a sair da condição de bem semovente, mero animal ou força energética para o trabalho. Conseguindo miraculosamente dominar a nova língua, não só a refez, emprestando singularidade ao português do Brasil, mas também possibilitou sua difusão por todo o território, uma vez que nas outras áreas se falava principalmente a língua dos índios, o tupi-guarani [...] (RIBEIRO, 1995, p. 220).

E logo acrescentou:

[...] As atuais classes dominantes brasileiras, feitas de filhos e netos de antigos senhores de escravos, guardam, diante do negro, a mesma atitude de desprezo vil. Para seus pais, o negro escravo, o forro, bem como o mulato, eram mera força energética, como um saco de carvão, que desgastado era facilmente substituído por outro que se comprava. Para seus descendentes, o negro livre, o mulato e o branco pobre são também o que há de mais reles, pela preguiça, pela ignorância, pela criminalidade inatas e inelutáveis. Todos eles são tidos consensualmente como culpados de suas próprias desgraças, explicadas como características da raça e não como resultado da escravidão e da opressão. Essa visão deformada é assimilada também pelos mulatos e até pelos negros que conseguem ascender socialmente, os quais se somam ao contingente branco para discriminar o negro-massa. [...] (Ibidem, p. 222).

Desde os primeiros anos na América Latina, os negros sonharam a liberdade e, ainda mais, construíram juntos espaços de realização do sonho, como formas de resistência e busca de autonomia. Sim, entretanto, na história da Colômbia temos as histórias dos “palenques”⁴⁰ e dos “palenqueros”, já no Brasil surgiram os Quilombos, como “movimentos de transição da condição de escravo para a de camponês livre” que destacam a resistência e a autonomia e, principalmente o “como aquele grupo se compreende, e se define”, como descrito pela Comissão Pró-Índio de São Paulo – CPISP⁴¹.

O Hemisfério Norte ainda não pagou a sua dívida para os descendentes dos povos originários, que foram explorados e dizimados; nem para os deslocados, que foram integrados pela força nas colônias. Eles sofreram e ainda sofrem as consequências. Ainda são vítimas.

A busca da humanização é uma das razões para propor a prática do Futureo. Ela tem que andar de mãos dadas com a ética para a relação com os outros, com a natureza e de cada um consigo mesmo. Uma ética do cuidado, da dignificação da vida e das pessoas, do reconhecimento das diversidades na espécie humana. O sonho pode considerar uma situação de reconhecimento da sua falta, por parte das autoridades do Hemisfério Norte se desculpar, terminar com a impunidade avançando a aplicação da justiça e a reparação para as vítimas e/ou seus descendentes (que também são vítimas).

E isso só será possível nos estágios avançados do Futureo, quando conseguirmos a capacidade de (re) afirmar juntos a nossa sobrevivência e identidade como protagonistas sociais da América Latina, ou melhor, da Abya-Yala⁴², uma vez que, os saberes produzidos por esta porção do continente americano transcendem as dimensões dos movimentos políticos, filosóficos, culturais e sociais germinando novas identidades,

valorizando assim, as culturas das comunidades originárias e tradicionais contribuindo significativamente para a autoafirmação e coletividade enquanto indivíduos ativos.

UM SISTEMA UNIVERSAL – “MATADOURO”

Sonhar pode ser tão perigoso que Eduardo Galeano⁴³, em seu livro “Espelhos – Uma história quase universal” (2012), fala de máquinas instaladas no aeroporto para ler os sonhos dos passageiros, inspecionando os travesseiros que eles usaram na noite anterior⁴⁴.

A verdade é que o exercício de sonhar não é bem aceito por todos, especialmente pelas forças tentando impor suas escolhas, as formas de fazer e viver para nós. E não é algo novo. Confirmando nossas palavras, o brasileiro Glauber Rocha⁴⁵ em seu filme “O leão de sete cabeças”, uma obra que faz uma crítica ao colonialismo no terceiro mundo, inspirado nos textos apocalípticos do apóstolo João, mostra-nos um colonizador (opressor) dizendo ao rebelde (sonhador): “É preciso parar de sonhar” e diz: “Sossega o leão!”. A cena se passa no meio de uma sessão em que o resistente é torturado e é acompanhada pela ideia de que não devemos resistir, mas deixar prevalecer “o bom senso”⁴⁶. E é claro que “o bom senso” é entendido como aceitar qualquer dos pacotes de opções oferecidas pelo colonizador.

A época em que foi feito o filme também mostra as grandes dificuldades para os sonhadores. O filme se deu em um país africano e ex-colônia francesa que começou a ser sonhado como a “República Popular do Congo”. O sonho de um país fora da proposta hegemônica acontecia em um ambiente extremamente difícil: na África e na Guerra Fria entre EUA e a URSS, um conflito em todas as dimensões da vida: a política, a econômica, a social, a ideológica e intelectual, a tecnológica, a esportiva, a artística e... a militar. O Congo estava sendo visto como uma fonte de riqueza em forma de “recursos” minerais importantes e como uma das maiores minas de potássio do mundo, depósitos de ferro e petróleo, que hoje provê mais de 75 % de todas as receitas de exportação. Portanto, o sonho de república popular foi entendido como uma ameaça pelos seus inimigos externos e também internos (incluindo os agentes da corrupção) e, instalada de forma inteligente. Resultados: Marien Ngoabui, Presidente do Congo, defensor do socialismo científico em seu país, foi assassinado em 1977 e logo em uma conspiração sem precedentes que ainda está impune. Outros igualmente foram assassinados, como Massamba Débat e o Cardinal Émile Biayenda (a-la-une)⁴⁷. Aconteceu, então, a aceitação (temporalmente?) de um destino que outros decidiram e conseguiram pela força e pela carência de meios para responder apropriadamente.

O que aconteceu na década de 1970 continua vivo. É por isso que Eduardo Galeano e Jean Ziegler, alertavam sobre o sistema que já vivemos plenamente;

Mas quem é esse assassino em série que mata tudo o que toca? Você tem que trancá-lo, ocorre-me, mas acontece que você não pode prender esse assassino em série, porque ele tem as chaves para todas as prisões, e é um sistema, um sistema universal de poder que transformou o mundo em um hospício ou um matadouro (GALEANO, *et al.* 2006)⁴⁸.

E, mesmo assim, as esperanças que continuam a voar, são produzidas pelos sonhadores. Novamente Galeano, em “objetos perdidos”, através de perguntas reflexivas, ajuda a pensar que os sonhos não escaparam da terra para à lua, que talvez eles estejam ainda na Terra...porém escondidos⁴⁹. No Futuro, podemos resgatá-los.

SÓ DEPENDE DO SONHADOR E DA SUA UTOPIA

Sobreviver num mundo onde há pobreza, violência, tráfico de drogas e armas, entre outros fatores que assolam a sociedade, e assassinam sonhos de milhares de pessoas, não é fácil, mas é necessário tentar, pois o sistema universal ainda faz muitas vítimas, pessoas estão excluídas, desempregadas, refugiadas, invisíveis, às margens da sociedade. Por isso, é preciso sonhar para deter as perversidades e transformar os erros humanos em ações que contribuam para melhores condições de bem viver no mundo.

Para ilustrar essa passagem o rapper brasileiro Tiago Sabino “Projota”, em sua música “O homem que não tinha nada” fala sobre os problemas sociais, do esforço, das batalhas e falhas do ser humano no decorrer da vida, “O ser humano é falho... Hoje mesmo eu falhei, ninguém nasce sabendo... Então me deixe tentar”⁵⁰.

Tentando podemos realizar o sonho... O sistema pode matar o sonho, mas o Futureo pode lançar uma semente de possibilidades (infinitas) de continuar a sonhar sem medo... Ter uma imagem de futuro bonito. Porque o velho sonho não morre por completo... Há um fio de esperança para se agarrar e seguir em frente, lutando, resistindo e superando os desafios de um sistema que oprime e mata. Só depende do sonhador e da sua utopia, nesse sentido:

[...] Utopia pra nós é um sonho possível. Algo que ainda não se realizou, mas pelo qual podemos lutar porque está ao alcance das mãos humanas. Pode ser construído histórica e socialmente. [...] o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico⁵¹ (SOUZA e CARNEIRO, 2006, p.10).

QUANDO O SISTEMA MATA O SONHO, ELE PODE MATAR O SONHADOR

Vale ressaltar que esse sistema que mencionamos são os poderes que querem controlar, dominar e aumentar seus lucros por meio da exploração do trabalho e dos “recursos” da natureza. Essas forças opressoras podem matar muitos sonhos por causa de todas as mazelas e destruição que provocam nos povos e no meio natural.

Muitos sonhadores são desestimulados e desencorajados a sonhar pelo sistema que castra e massacra impossibilitando-os de concretizar seu sonho, mas mesmo sob as forças opressoras – continuam lutando, pensando, resistindo, tendo bons sentimentos, construindo “tijolo por tijolo”⁵² uma ponte para o diferente e a diversidade do mundo, criando assim, a realidade.

A música do cantor e compositor Chico Buarque de Holanda⁵³ “Construção”, de 1971, retrata em parte essa situação, faz uma crítica social e alerta para a dolorosa relação entre o capital e o trabalho, principalmente da construção civil. Traz a figura do operário protagonista da canção que cai dos andaimes do prédio despedaçando-se no meio da rua, e então, “morreu na contramão atrapalhando o tráfego”. Simbolicamente, entendemos como sendo a morte de um sonhador que apesar da vida difícil e sua rotina diária, provavelmente sonhava com um emprego melhor, um salário mais justo e uma vida mais digna. E assim, “Amou daquela vez como se fosse a última/ beijou sua mulher como se fosse a última/ e cada filho seu como se fosse o único/ e atravessou a rua com seu passo tímido” (Idem).

Na verdade, esse sistema produz máquinas e pessoas que se comportam como robôs e vivem (alienadas) de um lado para o outro, e mesmo diante da morte do semelhante, a sensação é que a esta morte atrapalha,

perturba e desorganiza (o sistema). Portanto, “subiu a construção como se fosse máquina/ ergueu no patamar quatro paredes sólidas/ tijolo com tijolo num desenho mágico/ seus olhos embotados de cimento e lágrima” (ibidem).

O corpo caído do trabalhador (corpo social)... O corpo de um sonhador que construía o sonho de outros e até do próprio sistema que o explorava (destruindo-o) como mão de obra barata, enriquecendo seu negócio. O corpo agora sem vida não tem sonho. Mas, o sonho não morre, quem morre é o sonhador. Desta forma, compreendemos que futurar pode ajudar-nos a nos unir a outros sonhadores e lutadores. Lançar a semente que dará continuidade à vida e aos sonhos com mais dignidade, respeito e amor, onde quer que ela se manifeste.

A ACEITAÇÃO IMPUNE DA INUMANIDADE OU A EFETIVIDADE DOS TRAPACEIROS

Relacionando como a mortandade, resultante da seca de 1979 até 1983 no Nordeste do Brasil, “pode ser esquecida ou assimilada pela opinião pública como algo ‘normal’”, Daniel Rech afirmou que deve ser considerada de genocídio, e acrescentou:

O trágico, quando se torna cotidiano, corre o risco de parecer banal. A convivência – e convívência – com o crime e a impunidade, o hábito de ver desrespeitados direitos alimentares e o desalento ante a falência das instituições gera um clima de insensibilidade generalizada (RECH, 1983, p. 21)⁵⁴.

Estamos falando de mais de 700.000 óbitos, e até mais de um milhão.

[...] Durante estes anos, um quarto da população brasileira enfrentou diariamente a fome, a doença e a morte de maneira brutal, catastrófica. Foi a pior seca do século dizem os mais velhos. Nunca se viu tanto sofrimento, miséria e injustiça em cima da terra sem verde [...] (idem).

Então, Daniel Rech, com a autoridade própria do pesquisador e do assessor jurídico da Comissão Pastoral da Terra (CPT-Nacional), enumerou três formas jurídicas que têm sido utilizadas para isentar os responsáveis de eventos como esse:

1. “Ou a autoridade responsável desconhecia o fato e a prática criminosa foi de subordinados anônimos”;
2. “Ou os subordinados agiram de acordo com pretensas ordens superiores, cujas fontes, no entanto, não podem ser claramente localizadas”;
3. “Ou as autoridades tomaram todas as providências necessárias e cabíveis, sendo que a ocorrência dos danos e mortes foi resultado de forças maiores completamente indomáveis e imprevisíveis” (Idem, 1983, p. 26).

E deixou claro porque faz sentido usar a palavra apropriada:

Quando falamos de genocídio, não colocamos mais a seca como responsável pelas mortes. Afirmamos que houve uma intenção no crime cometido, intenção de autores humanos que devem ser responsabilizados pelo resultado de suas atitudes e de suas omissões (Ibidem, p. 21).

Mediante o exposto, vêm as indagações: Uma delas é: quem são os responsáveis? Os que estão na situação de poder, de governo, de domínio? Sim. Há muita indignação e revolta, mas há dificuldades de identificar os culpados e responsabilizá-los por falha nas leis e suas fiscalizações. Essa é uma realidade esmagadora! E também são responsáveis os silenciosos, os que não denunciaram (ou não denunciámos), quando o que deveria ter sido feito para a população foi deixado de lado pelos interesses particulares dos dominantes, geradores diretos do genocídio, da destruição, de fazer com que as vidas humanas tenham menos valor do que o lucro. Percebemos que há muita negligência coletiva provocando os riscos em tantos lugares e a tantos povos e das formas mais diversificadas.

Complementando o debate, o pesquisador Gerson Neves Pinto⁵⁵, por meio da bioética, lembra, através dos estudos sobre a “Ética Nicomaquéia”⁵⁶, de Aristóteles, que “apenas deliberamos das coisas que podem ser realizadas pelos nossos próprios esforços e que dependem de nós para sua realização ou não”⁵⁷.

Por isso mesmo, para as forças hegemônicas é importante convencer a todos nós de que a pobreza e riqueza, a nobreza e a vulgaridade, o direito a viver bem ou mal vêm em uns genes e em outros não, ou que eles estão na decisão dos deuses, ou são resultados do acaso. Se nós acreditamos nisso, não vamos deliberar, já que são coisas que não podem ser alteradas por nossos esforços. Se não vamos deliberar, também não vamos resistir. Em um “Sopro de Vida”, da escritora Clarice Lispector (1999), é à personagem Ângela que não cabe sustentar o não-saber, “Tudo o que Ângela não entende ela chama de Deus. Ela venera o Desconhecido”⁵⁸.

Os setores sociais majoritários, que historicamente fazem parte dos excluídos, foram convencidos, durante muitos anos, por aqueles com o poder de fazê-lo, que forças distintas as humanas causam as diferenças: a divisão em classes, a existência dos poucos ricos e muitos pobres, as grandes tragédias em que eles, são as principais vítimas.

Já que os excluídos não podem deliberar sobre aquilo que não está no seu domínio, não há escolha e, além disso, tentar mudar a situação sempre foi antinatural, contra a ordem divina, e contra a ordem legal. Por isso, a resistência contra este estado “natural” sempre foi facilmente criminalizada, ainda com a permissão dos demais excluídos, as vítimas não resistentes. Por isso, sonhar um estado diferente das coisas é um bom passo para romper essa mentalidade, e quando colocados juntos muitos sonhos, é ainda melhor.

SOMOS ENGANADOS NAS AULAS? OS VERDADEIROS PERFIS DOS ATORES NA HISTÓRIA OFICIAL DO MUNDO

Ao mesmo tempo em que escrevamos uma versão deste livro, acontecia uma barbárie que, segundo o diário Le Monde, nos primeiros 13 dias de guerra (iniciada no dia 08 de julho de 2014) já havia tido 600 vítimas mortas, delas 587 Palestinos e 23 do exército invasor; 100.000 pessoas foram deslocadas, e seus bairros aniquilados⁵⁹. A guerra continuou e o número de vítimas tinha mais que triplicado 20 dias depois: 1.890 palestinos mortos, dos quais 1.673 civis e 217 membros de grupos armados, enquanto 447 eram crianças, 10.000 pessoas ficaram feridas⁶⁰. Mais uma guerra provocada desde o Ocidente, EUA e Europa. Mais “obstáculos” para (re)tirar.

Para Futurar com liberdade, nós temos que aprender de novo, e ajudar outros a reaprenderem. Possivelmente Boaventura de Sousa Santos (2014) diria que, a Europa na qual acreditávamos desde crianças é um mito. A Europa é só um continente “que se autodenomina como o continente que inventou o ideal

de democracia e o concretizou historicamente com mais consistência” e não é verdade. A Europa tem sido o “continente mais violento do mundo”. “Nunca morreram tantas pessoas em guerra como na Europa no século XX. Calcula-se que entre 60 a 85 milhões de pessoas mortas foi o saldo deixado pela Segunda Guerra Europeia”⁶¹.

O intelectual europeu não aceita a ideia de “guerras mundiais”. E nós, também não. Ele afirma que as grandes guerras mundiais foram realmente duas guerras europeias. Lá, “com o desaparecimento do grande inimigo comunista no final da década de 1980 desapareceram também as concessões deste capitalismo como rosto humano” e o nazismo e o fascismo, na Europa, “não desapareceram porque não se fizeram muitas das coisas necessárias para acabar com elas definitivamente”⁶².

As guerras e os diversos tipos de agressões, provocadas por um Hemisfério Norte, de coração muito violento, também chegaram a nossa América Latina. O derrocamento de governos progressistas, além da proliferação da ditadura como procedimento genérico na América Latina, aceitado e/ou propiciado – desde o Hemisfério Norte – favoreceram o acesso das corporações aos bens comuns naturais e para controlar as resistências internas também ocorreram guerras entre países e as guerras internas dentro dos países.

Para equilibrar histórias como essas, precisamos denunciar com criatividade e efetividade, e anunciar para manter a esperança. A paz, a autonomia e a soberania são comumente incorporadas como parte dos sonhos bonitos nas áreas mais afetadas pela violência; e os atores locais, coletivos ou individuais, são destacados como os sujeitos protagonistas legítimos, com poder para mudar as tendências. A condição é que estes belos sonhos sejam construídos pelos diversos setores da comunidade, gradualmente e pelo consenso, e a partir de cada dinâmica da comunidade. Os sonhos de futuro não devem ser estabelecidos por agentes externos, tais como os políticos, os acadêmicos, as autoridades religiosas, ou o malandro do dia.

ETAPA SUPERIOR DO COLONIALISMO?

No encontro da Associação Americana de Juristas (AAJ), em novembro de 2014, o Juiz da Corte Suprema Argentina Raúl Zaffaroni mostrou outra forma de intervenção. Ele afirmou a partir da experiência na Argentina com os “fundos abutres”⁶³ - que “nos encontramos em uma etapa superior do colonialismo”, e acrescentou que o centro hegemônico já não utiliza mecanismos punitivos tradicionais de exercer a dominação. Agora “faz uso de jovens brilhantes preparados em seus *think tanks*⁶⁴ e da mídia convergente, faz uso de nossos próprios políticos oportunistas e tecnocratas politicamente neutros que assinam compromissos com eles e que então nos submetem a algum juiz provincial americano”⁶⁵.

Nessa etapa superior do colonialismo, os territórios da disputa são principalmente o pensamento e o conhecimento; os sentimentos; e as convicções e/ou as crenças. Todos intangíveis sim, mas a motivação principal é sempre a mesma: a exploração dos “recursos” de nossos países, o mesmo que para nós são bens comuns, bens públicos ou bens importantes para o conjunto.

A colonização inicialmente implicava a presença de grupos de pessoas (colonos) que se estabeleciam em terras que não eram deles, geralmente pela força e/ou por engano. Os colonizadores da Europa chegaram a América Latina com a convicção de ser “raça branca superior”, o que legitimava para eles a usurpação dos territórios ocupados.

Segundo Aníbal Quijano (2005)⁶⁶: “Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista”. O tempo passou, e foi desenvolvida nos territórios

invasão de uma cultura eurocêntrica. A “pureza” dos habitantes desta terra nunca foi de 100 %. Já estavam misturados. A questão foi de proximidade: quanto mais branca era uma pessoa, quanto mais próximo do sangue dos europeus, a sua “qualidade” era “melhor” ou era “menos ruim”. A ideia de progresso devia corresponder a um reflexo do que estava acontecendo nos países na Europa dos colonizadores. Tudo o que não funcionou com essa lógica foi considerado atraso.

Hoje, o centro ainda é a Europa e dois países que também foram colônias nos velhos tempos: Canadá e Estados Unidos de América (EUA). A novidade é que os EUA voltaram como padrão do poder mundial. Acrescentando a ideia dessa nova colonialização, falada acima, (do pensamento, sentimentos e crenças) e, Santos (2012) alertou que também existem outras variações destacando “um colonialismo sem Estado, (apátrida?) com outras formas de dominação, envolvendo o controle territorial e ocupação”. Vemos agora uma ocupação das multinacionais, que estão dominando grandes áreas de terra nos países de diferentes continentes, sem poderes de soberania, mas sim de propriedade⁶⁷. E além disso, a ex-presidente da Argentina, Cristina Kirchner, também nos levou a refletir que através do controle das formas de pagamento da “dívida” externa também há um exercício de controle pelo poder colonial. A matéria publicada no jornal *El País* da Argentina destacou a necessidade de estar alerta em um país que tinha conseguido se liberar um pouco:

[...] Las cosas que nos han tocado vivir son insólitas: pasamos por momentos difíciles en que el mundo se venía abajo, sin trabajo, industrias. Teníamos una deuda de una vez y media de lo que producíamos. Sin embargo, desde aquel 25 de mayo de 2003 hemos construido un país que hoy necesitamos cuidar entre todos”, destacó en su discurso la Presidenta en los intervalos en los que los militantes la dejaban, cuando paraban de cantar sus consignas. “Patria sí, colonia no” [...] (BRUSCHTEIN, 2014)⁶⁸.

Nesse sentido, a história apresenta, para nós, distintas formas de apropriação do outro: pela economia, pela desmemória, pela penetração ideológica, pelo poderio militar, ou ainda uma combinação delas. Desde a economia, propiciando a quebra, gerando a sensação de quebra ou incapacidade, o que pode conduzir para as apropriações diretas ou intermediárias, como é o caso de formas terceirizadas. Pela desmemória e penetração ideológica, apoiadas na mídia transnacional e nacional, bem como em organizações educativas, religiosas e outras. A ação passa do intangível para a presença física dos países hegemônicos, com golpes de Estado e ações militares diretas ou terceirizadas, quando a resistência é relevante ou é preciso mais controle pelos poderes globais.

Mesmo assim, sendo a nova colonização uma limitação para os sonhos liberadores e consensuais, o ato de sonhar juntos e sonhar futuros bonitos (Futurar) é um passo fundamental para neutralizar a colonização. Abrem-se possibilidades para tomar posições e resistir desde o pensamento, o conhecimento, os sentimentos e até mesmo as convicções ou crenças, a partir dos territórios de disputa e as diferentes dinâmicas comunitárias⁶⁹.

A proposta de Futureo caminha com os esforços de descolonização, entendendo que o discurso da descolonização precisa continuar mudando os conteúdos, as categorias, as definições, as perguntas fundamentais, e a linguagem. Entendemos também, que se trata da afirmação de um exercício de pensamento e reflexão, criador de referências, que pode se enraizar bem nos diversos países e povos que têm sido vítimas da colonização. Só que os esforços teóricos acerca da descolonização precisam ser críticos e autocríticos na construção dos diversos “como” para descolonizar.

Destacamos com Irureta (2010)⁷⁰ a necessidade de nos afastar dos códigos discursivos do discurso colonizador, evitar trabalhar com as mesmas dicotomias etnocêntricas ‘colonizador-colonizado’, ‘nós os bons-

eles os maus', 'nós as vítimas inocentes-eles os agressores' com toda a responsabilidade, e lembrar que não é uma competência com o pensamento do Ocidente, porque será funcional para o colonialismo. Ela fala de uma descolonização que é assunto de todos e não busca enfrentar colonizados contra colonizadores e nem contra ninguém, exceto contra eles mesmos. O que propõe principalmente é uma luta interna para “despertar o que somos essencialmente, esse ser humano integral e integrado com a natureza e com os demais, que dorme na memória histórica de nossos genes”⁷¹.

Como Irureta destaca: “a descolonização deve ser baseada em um novo paradigma filosófico”. Nós adicionamos que a co-construção desse paradigma sempre está inacabada e não precede o processo de descolonização. A construção da nova cosmovisão é parte dessa caminhada descolonizadora.

A MEMÓRIA DO FOGO E OS ESPELHOS ESTÃO TOMANDO O PALCO

A perda da memória dos povos e das comunidades é um processo grave e complexo que reúne as dimensões corporal, social, política. Pode ocorrer de várias formas e tem na figura dos mais velhos (os jovens de ontem) a responsabilidade de guardar referências importantes para todos, inclusive sobre as novas gerações. Para ilustrar uma das formas de perda dessa situação social, tomamos aqui o termo “amnésia global transitória”⁷², utilizado especialmente por neurologistas para descrever uma ocorrência de perda de memória e de orientação temporal e/ou espacial, de caráter temporário nas pessoas. A perda da memória em uma comunidade pode ser temporal (global transitória), sim, só que à medida que ela – pelo medo, a desesperança ou outras condições – por longos períodos, não registra os fatos, nem reflete sobre as velhas e novas situações, nem gera interpretações que possam desafiar os setores hegemônicos, vai se esquecendo a maneira mais permanente e perde a capacidade de articular fatos da memória social⁷³

É por isso que Juca Ferreira, quando foi ministro da cultura do Brasil, disse durante um evento de povos tradicionais:

[...] que hoje consideramos como grande risco é a perda da memória, da história desses povos. Conjuntos inteiros de conhecimentos, fielmente transmitidos de uma geração para outra durante séculos de tradição oral, estão desaparecendo por falta de receptores e de estruturas adaptadas à sua transmissão. Estou pensando em particular no imenso domínio dos mitos e de outras histórias tradicionais, portadores de sabedorias ancestrais e fontes de saberes e de formas de vida incomparáveis [...] (FERREIRA, Juca. 2007)⁷⁴.

Recorremos a Galeano (2002)⁷⁵, em “O livro dos abraços” para compreendermos melhor sobre a cultura do esquecimento que oprime os povos latino-americanos.

O medo seca a boca, molha as mãos e mutila. O medo de saber nos condena à ignorância; o medo de fazer nos reduz à impotência. A ditadura militar, medo de escutar, medo de dizer, nos converteu em surdos e mudos. Agora a democracia, que tem medo de recordar, nos adoce de amnésia; mas não se necessita ser Sigmund Freud para saber que não existe o tapete que possa ocultar a sujeira da memória (p. 61).

Assim, os sentimentos estão ligados ao processo de memorização, como por exemplo, o medo que foi citado anteriormente. E muitas vezes o excesso do sentir e ressentir faz o homem não reagir, ou seja, não

realizar a ação necessária de mudança ou transformação. Nessa dinâmica que oscila entre a memória e o esquecimento o autor Forero (2013), utiliza, como outros, o termo “desmemória” em seu texto intitulado: “As Dinâmicas Comunitárias” para avançar nessa discussão que nasce no meio social⁷⁶.

Porém, há pequenos grupos que resistem esquecer a memória social. Pode acontecer destas pessoas mais preocupadas da comunidade questionar-se ou inquietar-se e queiram investigar sobre os acontecimentos, suas causas e ou os responsáveis, e ainda, sofrerem tentativas de neutralização por parte das forças hegemônicas que também tentam distorcer ou desaparecer com registros importantes da história da comunidade ou de um grupo que ficou à margem da dita história oficial.

Neste sentido, pela ausência de registros das perguntas e respostas anteriores, e cada vez que aparecem novos atores curiosos na comunidade, com desejos de conhecê-la, acabam formulando as mesmas perguntas repetitivamente, e assim segue acontecendo sem avanços. Esse é um processo que nos lembra um trecho da obra “Cem anos de solidão”⁷⁷, de Gabriel Garcia Márquez⁷⁸, quando a personagem Amaranta aparece tecendo durante o dia e destecendo a noite. Assim, “sua vida [de Amaranta] se escoava a bordar o sudário. Afirmava-se que bordava durante o dia e desbordava durante a noite, e não com a esperança de vencer deste modo a solidão, mas, ao contrário, para sustentá-la” (1996, p. 145). Portanto, Amaranta envolvida na tessitura da sua mortalha estava afastada de todos e mergulhada em suas memórias, cuja ação perpetuou sua passagem nas memórias dos outros.

Uma vantagem é que quase sempre temos pessoas da comunidade dispostas a tecerem e testemunharem as situações acontecidas, ou que conhecem a história pela comunicação verbal inter-geracional ou outros caminhos. Não podemos perdê-los.

Aqui, podemos citar algumas das milhares de pessoas que se preocuparam em registrar as memórias individuais e coletivas, da sua região, comunidade, país ou lugar social, nos mais diversos segmentos como a música, literatura, teatro, dança, etc; alguns já mencionamos, na construção destas páginas entre eles, John Lennon (cantor), Gandhi (líder pacifista), Martin Luther King Jr (ativista), Gabriel García Márquez (escritor, jornalista), Bob Marley (cantor), Che Guevara (jornalista, médico), Eduardo Galeano (escritor, jornalista)... No Brasil temos: Glauber Rocha (diretor cinematográfico), Ariano Suassuna (dramaturgo, romancista), Cazuzza (cantor), Beatriz Nascimento (Historiadora, ativista), Paulo Freire (Educador, escritor), Zumbi dos Palmares (líder da resistência negra), entre outros.

Esses protagonistas dedicaram suas vidas para “tecer fios” e fazer a diferença na história e memórias de outros, exercendo uma significativa influência no que será lembrado e no modo como será lembrado.

Portanto, ao tocarmos no tema ‘colonização’, este merece um aprofundamento especial do leitor individual e de seus coletivos, dos centros de pesquisa e de formação em todas as áreas. Pois, deve-se levar em consideração que quando qualquer força coloniza, ou seja, se apropria dos pensamentos, sentimentos, histórias, memórias e crenças do outro, é dono de suas iniciativas e, conseqüentemente, também de seus bens (comuns), e não tão longe, de seu futuro⁷⁹.

Halbwachs, citando Durkheim, que não faz referência à memória em si, porém aos quadros sociais em que ela é produzida, nos aponta uma dica que podemos usar no Futureo:

A memória é resultado do trabalho de refazer, com ideias atuais, as experiências do passado. Não se trata de revivê-lo tal qual ele pudesse ter sido realizado, mas de um esforço de reconstrução desse passado diante de nossas atuais possibilidades. E assim, o sujeito mais velho é considerado por Halbwachs a melhor pessoa, para exercer a função social de lembrar(BOSI, 1994, p. 64)⁸⁰.

PERSPECTIVA OTIMISTA DOS TEMPOS DE CRISE

Em uma entrevista, Michael Löwy, nos apresenta os pontos de contato entre Max Weber e Karl Marx, podemos destacar que “[...] o capitalismo é um sistema total, que determina totalmente a vida das pessoas. Não só as que trabalham no sistema, mas todo mundo tem o seu destino determinado pela lógica do sistema capitalista. Então, estamos todos encerrados numa jaula de aço, sem saída [...]”⁸¹. Além dos discursos de seus representantes, o capitalismo, reduz a vida da maioria, para buscar a sua própria sobrevivência. “A vida não é mais que uma sucessão contínua de oportunidades para sobreviver” (p. 71) podemos ler em uma das histórias de Márquez (1983)⁸², em uma afirmação muito aplicável para o *Chamak Pach*⁸³ ou “el nunc de la edad oscura”, a era de cataclismos do mundo e suas culturas, a época escura, “idade das trevas e da escravidão”, como nos aponta Vacano (2009)⁸⁴ e outros pensadores.

Apesar do período escuro e de males no mundo, surge, em contraposição ao sistema hegemônico, o “Bem viver /Buen vivir”⁸⁵ como uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida. O Bem viver é parte de uma grande busca de alternativas de vida forjadas no calor das lutas da humanidade pela emancipação e pela vida.

Huanacuni (2010)⁸⁶ é uma voz relevante para ajudar-nos a entender a ideia do Bem Viver/Viver Bem que em espanhol é Buen Vivir/Vivir Bien,

O que consideramos é que, para viver bem, tem que estar em harmonia com a Mãe Terra. Não se pode destruí-la, é preciso cuidar da Mãe Terra, isto é viver bem. Portanto, já não encorajamos as gerações à venda de produtos só por vender, mas apenas o necessário, o que necessitamos realmente. Então, é uma visão diferente do capitalismo, do progresso e dos processos da modernidade. Viver bem significa cuidar da vida, porque no mundo indígena pensamos que se desaparece qualquer espécie de animal, ou a árvore ou a montanha, afeta todos nós. E acredito que hoje em dia, através da mudança climática, estamos vendo o que é o despertar. Dessa forma, os estados devem cuidar da vida, não somente da economia. A vida precisa ser considerada parâmetro para que a economia consiga emergir, para que o sistema jurídico também, e não somente a economia primeiro e depois a vida. Não, a vida é agora. Mas não somente a vida do ser humano, e sim a vida como sentido de equilíbrio da Mãe Terra (HUANACUNI, Julho de 2015).

Ele contrapõe a ideia de Viver bem e Viver melhor e encontra importantes diferenças:

O mundo moderno quer viver melhor, mas viver melhor é ter mais e consumir mais. O viver melhor é cuidar do mercado. Para o mercado, não combina que os produtos sejam duráveis e sim que durem pouco, para seguir vendendo. O capitalismo se sustenta incentivando o ser humano a consumir cada vez mais e propagando a ideia de que ter mais é viver melhor. Nós, indígenas, dizemos – não queremos viver melhor, queremos viver bem. Viver bem é diferente de viver melhor. Viver melhor é a modernidade, o capitalismo, consumir, ter mais, destruir, depredar a vida; para nós, viver bem é viver em harmonia. Primeiro você tem que estar em harmonia, e em harmonia no casal, na família, na comunidade, em harmonia com a Mãe Terra, isso é viver bem (Idem).

A boa notícia é que o mundo deixa ver sinais de uma crise fundamental. Uma “crise”, segundo o dicionário, é uma “fase difícil, grave, na evolução das coisas, dos acontecimentos, das ideias” ou “uma ruptura do equilíbrio” (Ferreira, 2010). E também uma nova oportunidade para mudar o mundo, porque outro mundo é possível. É tempo de crise. Nos tempos de crises, Futurar contribui para ver melhor o que buscamos. O

Futureo traz uma contribuição para a mudança de paradigma e de imaginar e construir outro mundo, em um processo de contínua descolonização da sociedade.

Para reforçar nosso pensamento e reflexão sobre o que foi posto até o momento, o grupo porto-riquenho “Calle 13”, por meio da música denominada: “Latinoamérica”⁸⁷, traduz o que somos e de onde somos... A letra representa um conjunto dos elementos mais sublimes e simbólicos de autodefinição do povo latino-americano. A América Latina é um misto de poesia, natureza, complexidade, explorada, amada, cultivada, que luta e resistência. No trecho que se segue observamos à crítica, fazendo referência à história de exploração desta porção da América,

Soy, soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima
Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
(Latinoamérica, Calle 13, 2011)

Na canção do grupo há também uma definição dos limites da relação do mercado, o que se pode comprar (tangível) com o que não se pode comprar (não consumíveis): “No puedes comprar mi vida”... “Não podes comprar minha vida”.

Tú no puedes comprar el viento
Tú no puedes comprar el sol
Tú no puedes comprar la lluvia
Tú no puedes comprar el calor [...]
[...] “No puedes comprar mi vida”

Nessa crise várias forças estão se movimentando, entre elas, as forças hegemônicas atuais, que querem continuar no poder. E os outros estão buscando. Mais não todos no mesmo sentido. O sociólogo polonês Bauman (2012), em entrevista intitulada: “Nós hipotecamos o futuro”⁸⁸, acredita que os protestos post-tempo do bem-estar neoliberal na Europa em 2010 e 2011 mostram duas tendências nas intenções: a primeira, “nós-como-consumistas-que-é-o-que-queremos-ser”, é a busca da identidade dentro do consumo, como aconteceu na Inglaterra, com uma dose de “vingança da humilhação de serem consumidores desqualificados em uma sociedade de consumo”. Isso mesmo tem acontecido mais permanentemente em algumas tendências que buscam o acesso para o consumo, apresentando-o como defesa dos direitos e da justiça.

Davis (2009) alertou nesta direção, quando afirmou nos casos da luta da população negra que: “O desafio no século XXI não é reivindicar oportunidades iguais para participar da maquinaria de opressão, e sim identificar e dismantelar aquelas estruturas nas quais o racismo continua a ser firmado. Este é o único modo pelo qual a promessa de liberdade pode ser estendida às grandes massas”⁸⁹.

A segunda tendência vista nos anos 2010 e 2011, refere-se àqueles que pareciam questionar o sistema consumista, buscando algum tipo de alternativa, mas ainda sem um modelo, como aconteceu em Madrid, Atenas, Paris, e outras cidades do mundo.

Perto da primeira tendência consumista estão outras forças muito ativas... Que não são novas na Europa e que também fazem presença em cidades da América Latina. Löwy (2014) comenta diretamente sobre as tendências: “Eles não são só conservadores, são racistas, xenofóbicas, islamofóbicas e alguns antissemitas”. Acrescenta que em países como a Áustria e a Suíça, eles, em partidos racistas, são mais de 20 % dos votos e explica que: “tem que ver com o passado colonialista da Europa”.

E nós, desde América Latina, tentamos sonhar, sonhar despertos em um futuro bonito e consensual, fora do consumismo. Sonhar os outros mundos possíveis. Os sonhos coletivos dos diversos setores do povo podem ser um foco inspirador para cumprir as suas missões.

NOTAS

²⁴ La vita é bela (A vida é bela). Filme de 1997, Direção, roteiro, e protagonizado por Roberto Benigni, que qualquer pessoa que trabalhe com outros em condições difíceis deve ver.

²² FERREIRA, Francisco H. G. et. al. Mobilidade Econômica e a Ascensão da Classe Média Latino-Americana. Visão Geral. Banco Mundial. 2013.

²³ Franja significa “faixa de transição”. É um termo que foi tomado por empréstimo da Biologia pelos geógrafos. É usado para designar áreas de contatos entre biomas diferentes. Ver: SILVA, Ailson Barbosa da. Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe... 2011.

²⁴ Alejandro Jadad. (Colombiano, 1963-...) Médico, PhD em síntese do conhecimento e dor da Universidade de Oxford, É atualmente o fundador e Chief Innovator do “Centro for Global eHealth Innovation da Universidade de Toronto” e “University Health Network”, onde é professor titular, parte do pessoal médico e titular da cátedra de Pesquisa em eHealth innovation. Pesquisador reconhecido por seu trabalho em ciência e tecnologias de informação aplicadas, Professor da McMaster University (Canadá). Palestrante em fóruns globais. Sua tese envolveu o desenvolvimento de novas ferramentas para destilar informações relacionadas à saúde de alta qualidade, novos métodos para construir bases de dados bibliográficas especializadas para apoiar decisões relacionadas à saúde, bem como a validação da ferramenta mais utilizada para avaliar a qualidade dos ensaios clínicos no mundo: a “escala de Jadad”. (http://en.wikipedia.org/wiki/Alejandro_R._Jadad_Bechara#Life_in_Canada – Acesso: 09-08-2014)

²⁵ QUINTERO, Jorge. La felicidad es un antídoto: Científico Colombiano. El Tiempo. 2012. <http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-12436409>. Acesso: 09.08.2014

²⁶ Saiba mais no portal EBC. Por Líria Jade. Link: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2014/11/entenda-o-caso-dos-43-estudantes-mexicanos-desaparecidos>. Acesso: 10.12.2015

²⁷ Sociólogo é nascido no Brasil, formado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, e vive em Paris desde 1969. Diretor emérito de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS).

²⁸ NABUCO, Aray. Entrevista Michael Löwy - Por um novo mundo, sem capitalismo. Revista Caros Amigos, Edição 211, ano 2014.

²⁹ Ibidem, p. 11

³⁰ Nós, já deixamos de usar a palavra “recursos naturais”, porque ela reduz seu papel para a produção de um fim, e esconde algo muito importante: a integração dos seres humanos como mais uma parte da natureza. Para nós, eles são melhores interpretados como bens comuns.

³¹ Um exemplo de obsessão pelo lucro, depredação, controle dos bens comuns e descaso com as comunidades locais é o que aconteceu no Brasil, no município de Mariana, no estado de Minas Gerais, onde uma barragem de rejeitos da mineradora Samarco controlada pela Vale se rompeu e provocou o pior acidente da mineração brasileira causando danos irreparáveis a fauna e flora da região. Ver: SANTOS, Caio. Revista Portal Fórum. Mariana, Minas Gerais: Um panorama do maior desastre ambiental do Brasil, nov. 2015.

³² “Desplazados”: palavra em espanhol que traduzida para o português significa, deslocados.

³³ Disponibilizamos aqui para ilustrar essa passagem uma referência sobre o pensamento de Milton Santos. Um documentário intitulado: Encontro com Milton Santos ou O Mundo Global visto do lado de cá do cineasta brasileiro Sílvia Tendler, da Caliban Produções, de 2006, que traz um recorte sobre temas vinculados a globalização, as crises econômicas, as divisões da sociedade e do território, o papel da mídia e as revoltas populares e também um livro denominado: De las dualidades a las ecologias de Boaventura de Sousa Santos (2012), em espanhol que na primeira parte apresenta algumas tendências do contexto internacional e regional, às crises, às resistências e às limitações.

³⁴ LLORENT, Helena. Entrevista com Carlotta Sami (ACNUR) no dia mundial dos Refugiados. Pedimos más solidaridad. Diário - Página 12. Junho de 2014.

³⁵ Destacamos que não estão incluídos aqueles que tiveram que deixar o país. Cf. News. Va. Official Vatican Network. AMÉRICA/COLÔMBIA - A Colômbia como a Síria: quase seis milhões de deslocados por causa dos conflitos internos. 2014.

³⁶ Nação Zumbi. O banditismo por uma questão de classe. Composição de Chico Science. Ano 1994.

³⁷ Maria Beatriz Nascimento, historiadora, ativista dos movimentos negro e feminista, especialista em história dos quilombos, nasceu em Aracajú, Sergipe. Ela fez o roteiro do filme “Ori”, dirigido pela cineasta Raquel Gerber, da USP (1989 131 min). Participou na criação do Grupo de Trabalho André Rebouças, em 1974, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Abordou por meio das noções de “transmigração” e “transatlanticidade”, a correlação entre corporeidade negra e espaço e as experiências de deslocamentos socioespaciais de africanos/as e descendentes. Maria Beatriz Nascimento foi assassinada com cinco tiros em 1995. Veja: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/1/31/cotidiano/37.html>.

³⁸ NASCIMENTO, Maria Beatriz. Negro e Racismo. Revista de Cultura Vozes. 68 (7). 1974.

³⁹ RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. A formação e o Sentido do Brasil. – 1ª ed. 1995 – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- ⁴⁰ Cf. Vera Regina, os palenques aparecem na ambiguidade de uma organização social ressignificada. Assim, Oslender (2008) chama atenção para a versão histórica de palenques, similar ao quilombo brasileiro, pois configura-se como lugar de fuga dos escravizados no período escravocrata colombiano. Porém na versão contemporânea são formas organizacionais de luta pelos direitos étnicos e territoriais de comunidades negras na região da costa do pacífico colombiano. Ver: SILVA, Vera Regina Rodrigues da. Entre Quilombos e Palenques: um estudo antropológico sobre políticas públicas de reconhecimento no Brasil e na Colômbia. Tese de doutorado. USP. Ano 2012. p. 28-29
- ⁴¹ Comunidades Quilombolas no Brasil. O que são? http://www.cpsp.org.br/comunidades/html/i_oque.html . Acesso: 03.12.2014.
- ⁴² Abya-Yala: Termo proposto no Conselho Mundial dos Povos Indígenas, em 1977, para designar toda América. Esta denominação partiu dos povos Kuna originários do norte da Colômbia. Cf. Círculo Solar. El blog de Álvaro José Cano Mejía (Colômbia) e por meio do link: <http://cronicasinmal.blogspot.com.br/2013/03/abya-yala-el-verdadero-nombre-de-este.html> . Acessado em 22.12.2015.
- ⁴³ Eduardo Hughes Galeano. Escritor uruguaio, jornalista e amante do futebol. Suas mais de quarenta publicações impressas combinam ficção, jornalismo, análise política e História. Em 1973, com o golpe militar do Uruguai, Galeano foi preso pelos militares em 1973. Seu nome estava na lista dos esquadrões da morte. Foi para o exílio na Espanha. Entre suas obras: à trilogia “Memória do Fogo”, “Espelhos”, “O Livro dos Abraços”, “O futebol ao sol e à sombra”, “úselo y tírelo”, E, no formato acadêmico, “As Veias Abertas da América-Latina”.
- ⁴⁴ GALEANO, Eduardo. “Peligro en la noche”. In: Espelhos: uma história quase universal, Editora Siglo XXI. 2009. p.333
- ⁴⁵ Glauber de Andrade Rocha (1939-1981), Ator e diretor, referente do movimento “cinema novo” iniciado em 1960. Ele também era um sonhador, e amigo da liberdade de expressão, seu princípio dizia que “para fazer um filme você só precisa uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, tal princípio mudou a ideia hegemônica no cinema brasileiro. Em 1965, participou da criação da Mapa Filmes, junto com Walter Lima Jr. e outros. Preso com outros intelectuais, durante um protesto no Rio de Janeiro contra o regime militar, foi para o exílio. Ver: <http://educacao.uol.com.br/biografias/glauber-rocha.jhtm>. Acessado em 12/05/2014. Seus trabalhos incluem além de “O leão de sete cabeças” os filmes premiados “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, “Terra em Transe” (Vencedor Cannes 1967), “O Dragão da maldade contra o Santo Guerreiro” (Cannes, Melhor Diretor 1968) e o documentário Di Cavalcanti (Vencedor, Cannes 1977).
- ⁴⁶ Filme: O leão de sete cabeças. Glauber Rocha. (Itália/França/Congo Brazzaville. 1970)
- ⁴⁷ Assista o vídeo em francês: “Je pense que Marien Nguabi a été assassiné plusieurs fois...”, tradução: “Eu acho que Marien Nguabi foi assassinado muitas vezes”, com Marianta Ossefé a filha mais nova do presidente do Congo. (3:50). Link: <https://www.youtube.com/watch?v=rzydhytEls>.
- ⁴⁸ Documentário: El orden criminal del mundo. RTVE-En Portada. 2006. https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=TKnrP9xdFR8. Acessado em 2014.
- ⁴⁹ Ibidem. Objetos Perdidos. 2009. p. 334
- ⁵⁰ Projota. O homem que não tinha nada. Gravadora: Universal Music. Gênero: Hip-Hop, Rap. Lançamento: 2014.
- ⁵¹ SOUZA, Ana Inês e CARNEIRO, Gisele. Afinal o que é utopia? As utopias em torno do trabalho: liberdade e criação. Caderno 4 da Série: História Social do Trabalho. Curitiba. Julho de 2006.
- ⁵² Expressão tijolo por tijolo foi usada como metáfora simbolizando a ação dos sonhadores. Grifo nosso. Chico Buarque, em entrevista concedida no ano de 1973, disse que a música “Construção” não teve cunho de protesto de denúncia. Mas, alegou que “[...] Em Construção, a emoção estava em jogo de palavras. Agora, se você coloca um ser humano dentro de um jogo de palavras, como se fosse um tijolo – acaba mexendo com a emoção das pessoas.” Cf: NOGUEIRA, Marcus Davy Viana. Um parafuso da engrenagem capitalista.
- ⁵³ A canção foi feita em um dos períodos mais severos da ditadura militar no Brasil, em meio à censura e às perseguições políticas. Chico Buarque havia retornado da Itália em março de 1970, país onde vivia desde o início de 1969, ao tomar distância voluntária da repressão política brasileira. A canção já foi eleita em enquete da Folha de São Paulo como a segunda melhor canção brasileira de todos os tempos e, por eleição na revista Rolling Stone, a maior canção brasileira de todos os tempos. (Idem).
- ⁵⁴ RECH, Daniel. *et al.* O genocídio do Nordeste – 1979-1983. CPT. CEPAC. IBASE. São Paulo: Mandacaru LTDA, 1983.
- ⁵⁵ Doutor em Filosofia pela École Pratique des Hautes Études – Sorbonne - Paris, Mestre em Filosofia pela UFRGS e Professor Dr. de Bioética do Curso de Direito na Unisinos.
- ⁵⁶ É a principal obra de Aristóteles sobre Ética. Nela se expõe sua concepção teleológica e eudaimonista de racionalidade prática, sua concepção da virtude como mediania e suas considerações acerca do papel do hábito e da prudência. Cf. Vasconcelos, V. V. Apontamentos sobre a Ética a Nicômaco de Aristóteles. Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- ⁵⁷ PINTO, Gerson Neves. A invenção da Bioética. Scientia Iuris, Londrina, v.18, n.2, p.211-227, dez.2014 | DOI: 10.5433/2178-8189.2014v18n2p211.
- ⁵⁸ Ângela — C. Lispector. Um sopro de vida (Pulsões). Editora Nova Fronteira. 1999. p. 138.
- ⁵⁹ Ver: BARUCH, Jérémie. Le Monde.fr. Gaza: 600 morts, 100 000 déplacés, des quartiers annihilés... 13 jours de guerre. 22.07.2014
- ⁶⁰ Terminó la tregua en Gaza. El Mundo. Diário Página12. 09.08.2014. <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-252537-2014-08-09.html>. Acesso em 09 de out. de 2014.
- ⁶¹ Ver: Entrevista de Boaventura De Sousa para Stephen Cardona Navarrete. . O neo-extratativismo está acabando com a América Latina. Em: Biodiversidad en América Latina y El Caribe. - 16 de 11 de 2014
- ⁶² SANTOS. Boaventura de Sousa, *et al.* O neo-extratativismo está acabando com a América Latina. In: Biodiversidad en América Latina y El Caribe. http://www.biodiversidadla.org/Principal/Secciones/Documentos/O_neoextrativismo_esta_acabando_com_a_America_Latina_.Entrevista_com_Boaventura_de_Sousa_Santos. Acessado em: 20.11.2014
- ⁶³ O termo “fundo abutre” serve para descrever uma entidade comercial privada que, segundo o especialista Cephas Lumina, compra ou adquire, a partir de outras formas de transação, um título de dívida não pago ou em quebra, com o objetivo de obter lucros exorbitantes a médio ou longo prazo. Cf. Carta Maior. Economia. 09.04.2015. <http://cartamaior.com.br/?Editoria/Economia/Os-fundos-abutres-sangram-a-economia-dos-paises-pobres/733232>. Acessado em: 12.12.2015
- ⁶⁴ Cf. LEIS, Heitor. Instituto Millenium: O conceito de think tank faz referência a uma instituição dedicada a produzir e difundir conhecimentos e estratégias sobre assuntos vitais – sejam eles políticos, econômicos ou científicos. Assuntos sobre os quais, nas suas instâncias habituais de elaboração (estados, associações de classe, empresas ou universidades), os cidadãos não encontram facilmente insumos para pensar a realidade de forma inovadora. Postado no dia: 30.07.2009. <http://www.institutomillennium.org.br/artigos/o-que-significa-um-think-tank-no-brasil-de-hoje/> - Acessado em 15.12.2015
- ⁶⁵ Nuevo Colonialismo. Pagina 12. Economia. <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-260751-2014-11-27.html>. Acessado em 27.11.2014.
- ⁶⁶ QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Editora. CLACSO. Buenos Aires. 2005. p. 118.
- ⁶⁷ SANTOS. Boaventura de Sousa. De las dualidades a las ecologías. 2012.
- ⁶⁸ Ver matéria completa em: BRUSCHTEIN. Julián. Ahora usan los golpes de mercado. Diário Página12. República Argentina. <http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/elpais/1-256534-2014-10-01.html>. Acessado em: 01.10.2014

⁶⁹ Dinâmicas comunitárias ou dinâmicas Sociais, dependendo da cobertura

⁷⁰ IRURETA, Graziela Mazorco. La descolonización en tiempos del Pachakutik. Polis – Revista Latinoamericana. 2010, p. 1-18.

⁷¹ Tradução livre dos autores

⁷² 19 Ver: definição da Dra. Maramélia Miranda é neurologista com formação pela UNIFESP-EPM, especializada em AVC e Doppler Transcraniano, publicado no blog iNeuro.com.br. <http://www.ineuro.com.br/para-os-pacientes/amnesia-global-transitoria/>

⁷³ A Memória Social seria a coletivização desse processo. Um dos autores que deu origem a esse pensamento foi o sociólogo Maurice Halbwachs. Ele afirmava que Memória Social é a essência do conhecimento coletivo e culturalmente conhecido por determinado grupo balizado por um determinado contexto. (p.41) HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

⁷⁴ Ministro da Cultura do Brasil

⁷⁵ GALEANO, Eduardo. O Livro dos Abraços. Tradução de Eric Nepomuceno. 9ª ed. – Porto, 2002.

⁷⁶ Para tomar posição dentro da luta de interesses pela memória e outros pela desmemória, evidenciamos como uma das 12 dinâmicas comunitárias - a “dinâmica da memorização”. Cf: FORERO, Luiz Felipe Ulloa. As Dinâmicas Comunitárias – Síntese Nº 2. INSA, 2013.

⁷⁷ MÁRQUEZ, Gabriel García. Cem anos de solidão. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

⁷⁸ Gabriel José García Márquez, colombiano de Aracataca, criador do Realismo mágico na literatura latino-americana. Prémio Nobel de literatura, Rómulo Gallegos, e “Neustadt International Prize”. Perseguido pela CIA foi morar no México. Entre suas obras estão: “Cem Anos de Solidão”, “A incrível e triste história de Cândia Eréndira e sua avó desalmada”, “Ninguém escreve ao coronel”, “O general em seu labirinto”.

⁷⁹ A boa notícia é que na América Latina temos estudiosos que tem desenvolvido boas interpretações e propostas na colonialidade, mas ainda há trabalho por fazer.

⁸⁰ BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

⁸¹ NABUCO, Aray. Artigo intitulado: Por um novo mundo, sem capitalismo de Michael Löwy, publicado na Revista Eletrônica Caros Amigos – A primeira à Esquerda, Ed. 211, outubro de 2014.

⁸² MARQUEZ, Gábrriel García. La Mala hora. Mondadori – Narrativa. 1983.

⁸³ Termo indígena relacionado aos povos Incas. Chamak, o escuro, é outro termo que evoca o passado. Para se referir a esse tempo antigo dizem Chamak pacha: o tempo escuro. É a sombra, a ausência de luz, representado com a cor preta. Uma parceria entre o passado, o escuro e a capacidade de produzir sabedoria mágica. Ver: CANQUI, Roberto choque. Jesús de machaqa: la marka rebelde - Cinco Siglos de Historia. Editora Plural. 2003, p. 29-30.

⁸⁴ LUX, Castillo Vacano. El tiempo en el mundo andino. Musef. Museu Nacional de Etnografía y Folklore. 2009.

⁸⁵ Bem Viver é um termo que representa uma nova forma de convivência cidadã, em diversidade e harmonia com a natureza, para alcançar o bem viver, o Sumak Kawsay; uma sociedade que respeita, em todas as suas dimensões, a dignidade das pessoas e das coletividades; um país democrático, comprometido com a integração latino-americana. Cf. VIGIL, José Maria e CASALDÁLIGA, Pedro. A Latino-americana 2012. Bem viver – Bem conviver/Sumak Kawsay, 2012.

⁸⁶ Fernando Huanacuni trabalhou durante sete anos na diplomacia da República da Bolívia, assessorando o governo de Morales e orientando as políticas públicas para implantar a diplomacia entre os povos. A partir da cosmovisão andina do “viver bem” buscou fomentar o diálogo entre as organizações e gerar novos mecanismos de integração nacional. Ele deixou as atividades no governo em 2014 e, agora, trabalha realizando conferências ao redor do mundo, difundindo a filosofia dos povos indígenas originários - o Bem Viver/Viver Bem (Buen Vivir/Vivir Bien), título do seu livro, lançado em 2010. Cf. Entrevista publicada no blog Ziguioত্ত sob o título: Bolívia e a Política do Viver Bem. Julho de 2015.

⁸⁷ Veja o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8>. Grupo: Calle 13. Vocalista: René Perez. Latinoamérica. Diretores: Jorge Carmona e Milovan Radovic. Produtor: Alejandro Noriega, 2011.

⁸⁸ Zygmunt Bauman. 2012. Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=OcpD1pLdkoQ>

⁸⁹ DAVIS, Angela. A Democracia da Abolição. Para além do império, das prisões e da tortura. São Paulo, DIFEL. 2009.

CAPITULO III

O desconfortável
tema do tempo

The background features several tilted rectangular shapes in various colors, including shades of pink, orange, and green, scattered across the white space. The shapes are of different sizes and orientations, creating a dynamic and abstract composition.

POR UM TRIZ É O FUTURO

“Me disseram que os aleijados se rejubilam assim como me disseram que os cegos se alegram. É que os infelizes se compensam. Nunca a vida foi tão atual como hoje: por um triz é o futuro. Tempo para mim significa a desagregação da matéria. O apodrecimento do que é orgânico como se o tempo tivesse como um verme dentro de um fruto e fosse roubando a este fruto toda a sua polpa. O tempo não existe. O que chamamos de tempo é o movimento de evolução das coisas, mas o tempo em si não existe. Ou existe imutável e nele nos transladamos. O tempo passa depressa demais e a vida é tão curta. Então — para que eu não seja engolido pela voracidade das horas e pelas novidades que fazem o tempo passar depressa — eu cultivo um certo tédio. Degusto assim cada detestável minuto. E cultivo também o vazio silêncio da eternidade da espécie. Quero viver muitos minutos num só minuto. Quero me multiplicar para poder abranger até áreas desérticas que dão a ideia de imobilidade eterna. Na eternidade não existe o tempo. Noite e dia são contrários porque são o tempo e o tempo não se divide. De agora em diante o tempo vai ser sempre atual. Hoje é hoje. Espanto-me ao mesmo tempo desconfiado por tanto me ser dado. E amanhã eu vou ter de novo um hoje. Há algo de dor e pungência em viver o hoje. O paroxismo da mais fina e extrema nota de violino insistente. Mas há o hábito e o hábito anestesia. O agulhão de abelha do dia florescente de hoje. Graças a Deus, tenho o que comer. O pão nosso de cada dia”.

(Clarice Lispector, 1978, em “Um Sopro de vida”- Pulsações).

O presidente da França, François Hollande, em visita ao Haiti em maio de 2015, afirmou que “on ne peut pas changer l’histoire, on peut changer l’avenir”, o que traduzido para português pode assim ser dito: “nós não podemos mudar a história, podemos mudar o futuro”⁹⁰. Então, o colunista Abou Antoun retrucou: “Só é possível mudar o que já é. O futuro não existe ainda, então a afirmação não faz sentido. É possível mudar as perspectivas de futuro, influenciar nas previsões. Sabemos que é o presente que cria o futuro, mas esse presente não pode mudar o futuro”⁹¹.

O assunto é que os governos, lideranças e exércitos de vários países do Hemisfério Norte, nas gerações passadas, fizeram dano aos povos de nossos países, com a anuência de seus cidadãos. Foi uma situação injusta que ainda tem consequências. Esse tempo não está fechado. As gerações passadas da Europa deixaram para as novas gerações desses países uma grande dívida por pagar as vítimas e seus descendentes em nossos países, dívida essa, que deve ser resolvida. Ela é a verdadeira dívida externa. É um tempo passado contínuo que penetra no presente. Nós não concordamos, com Hollande, nem Antoun, ou de outra forma, concordamos com um pouco de cada.

PRONTOS PARA NOS INCOMODAR?

E é indubitável que a ideia de tempo está cheia de conceitos que se mostram contrários a certo senso comum, ou seja, contrário às afirmações, aos sistemas de explicações e pressupostos considerados incontestáveis ao pensamento. Assim tem acontecido no transcurso da história, quando os filósofos e cientistas tentam explorar tais campos da vida.

Pode parecer mais cômodo falar de “Futurar” sem pensar que coisa é o futuro ou falar dos tempos futuro, passado e presente, sem pensar que coisa é o tempo. Não é apenas por letargia, mas também pela dificuldade de definir ambas. É a razão pela qual Elias (1998) um dos nossos autores de referência neste tema, tratou em seu livro denominado: “Sobre o tempo”, a história de um velho cheio de sabedoria que disse: “Quando não me perguntam sobre o tempo, sei o que ele é” e encerrou afirmando “Quando me perguntam, não sei”⁹². Nesse caso, é mais fácil assumir que o tempo existe, é linear, ao questionar e declarar que essa discussão é assunto para filósofos, poetas e pensadores que não têm trabalho para fazer.

Ao estudar o assunto, evidenciam-se perguntas e dúvidas que levam a temas desconfortáveis, que nós como pesquisadores, educadores, protagonistas em qualquer dinâmica da vida, não devemos deixar de lado. O tema acerca do “Tempo” está vinculado a conceitos sobre Deus, a morte, o sentido da vida, e outros da mesma importância.

Nós não podemos evitar a discussão sobre a temática porque sobre isso trata nossa proposta de Futureo. Também não queremos trair o nosso discurso como educadores populares e pesquisadores; nem trair a necessidade de nos perguntar o que provoca o ingresso em uma nova era do planeta. Buscamos provocar a reflexão dos leitores, compartilhando vozes que temos encontrado até agora e que temos incorporado em nossas próprias discussões, como autores.

Consultando as mais diversas fontes, livros, artigos, revistas, sites, entre outros, observamos que a longa lista de protagonistas que inclui estudiosos/as das ciências, da filosofia, das religiões, da literatura, etc., vem construindo definições, perguntas e prováveis respostas sobre o tempo, a partir de diversas percepções. Mas, Elias nos diz que, “estudar o tempo pode talvez contribuir para corrigir esta imagem errônea de um mundo com compartimentos estanques. Estudo que se revela impossível, quando se escamoteia o eixo de que a natureza, a sociedade e os indivíduos estão mesclados e são interdependentes” (1998, p. 25). Nesse sentido, o Futureo tem muito a contribuir para a compreensão dessa relação entre nós e os outros com a experiência do tempo como forma de entendermos o processo de Futurar pra transformar a realidade na qual vivemos.

UM EXERCÍCIO PESSOAL

Antes de avançar em outras páginas deste livro, e para tornar as coisas bem feitas, propomos para você, leitor ou leitora, destinar agora uns minutos em três escritas muito breves: uma definição de tempo, uma definição de futuro e a construção de uma pergunta que você quer ver respondida sobre o tempo. Vamos lá!

O tempo para mim é...



O futuro para mim é...



Uma pergunta minha sobre o Tempo é...



Você pode comparar as suas propostas de definição sobre o tempo e o futuro, e as suas perguntas, com aquelas de outros pensadores. Se escolher se aprofundar no tema, você vai perceber que mais inquietações sobre o tempo vão aparecer, e possivelmente você conseguirá aprimorar suas próprias definições.

Os sábios fazem perguntas. É parte essencial de seu ofício junto com admirar-se pela vida e o que nela há (há? Há uma vida? E por quê?...). Muitos anos atrás eles começaram a perguntar-se sobre o tempo. Existe o tempo ou não? Se existe, o que é? Tem limites? Quais? Se surgiu, quando aconteceu? Tem um final? Se aceitarem a sua existência, eles se perguntavam sobre a sua relação com o espaço. Se o tempo existe ou não ligado ou separado ao universo. O tempo está incluído no universo? Ou o universo é o que está incluído no tempo?

E mais outras discussões: o tempo existe independentemente do que fazemos e do que nos acontece, e acontece ao “outro” e aos “outros”? O tempo conduz os seres humanos ou os seres humanos criaram o tempo? Tem sentido desde as reflexões a existência de um criador-deus ou um conjunto de deuses? E finalmente, para quê e para quem é útil a ideia do tempo? É uma importante provocação! A caminhada leva a conceitos importantes para nós, tais como “mudança”, “se tornar” e “o devir”, ou talvez tal caminhada nasceu deles.

Para os interessados, é bom visitar as raízes da discussão na Grécia dos filósofos pré-socráticos. É o que temos nas mãos. Um deles, Heráclito, afirmou que tudo se transforma que nada permanece, a não ser a mudança ou a transformação mesma. Em contraposição com Parmênides, que achou que os sentidos enganam quando percebem mudanças. Para ele, nada muda, traz as aparências (percebidas pelos sentidos, que ficam enganados), tudo é perfeição e eternidade (percebida pela razão). Nada vai “se tornar” em outra coisa, só fica sendo. Entretanto, para o grande Platão, o único imutável e perfeito é a ideia, e só ela.

A NOSSA ENTRADA DESDE AS MUDANÇAS

Existe a mudança? Se assim fôra, como acontece e qual a causa? Muda a posição dos astros e o dia continua sendo dia à medida que há luz natural do sol. Com a noite acontece o inverso. Mudam a face e a pele de nossos amigos, e o espelho prova que as nossas também mudam; alguém que estava lá não está mais e sabemos que em algum momento, eu, você, não vamos estar para os outros, cá. Vamos sendo crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, sempre como humanos viventes.

Entramos na proposta de Futureo, entendendo o tempo em relação à mudança. A mudança é a única referência concreta que nós, seres humanos, podemos ter sobre “o tempo”. O sonho de futuro é um sonho de situação mudada.

Seja que falemos de coisas (algo sem vida), pessoas ou situações, as mudanças podem ser parciais ou finais: 1). A mudança final acontece quando a coisa ou o ser ou a situação deixam de ser o que foram. Há uma transformação total, da essência; 2). A mudança parcial não transforma a identidade da coisa, do objeto, ou da situação, ainda. Mas quando as mudanças parciais são muitas, pode acontecer que o ser ou a coisa pouco a pouco vai perdendo sua identidade, até conseguir uma transformação da sua essência. Então, já não é mais o que foi. Por exemplo, quando “João” adoece e já não pode executar alguma tarefa, primeiro uma, depois outra e assim por diante..., ainda assim continuará sendo “João”, mas quando “João” chegar ao ponto de ficar incapacitado de realizar alguma tarefa vital, como respirar, ele vai “morrer”, o corpo não será mais “João”, ou seja, o ser se transformou em (outra) coisa. É bom destacar que a transformação essencial, pode consistir

na integração do que foi o ser, o objeto ou a situação, em outro. Um animal que é comido por seu predador natural, os resíduos dos corpos quando consumidos pelas plantas locais, uma guerra interna que foi resolvida pelo diálogo.

O Futureo pode contribuir para idealizar uma mudança “final” coletiva, para a comunidade, como, por exemplo, a comunidade de empregados poderia construir um sonho no qual não são mais empregados; os camponeses sem terra de uma localidade se viriam conseguindo terra própria como assentados; os membros de um exército repressor de seu povo poderiam sonhar em desertar; etc. Notamos que o estado inicial mudou essencialmente.

As ações dos seres humanos produzem mudanças sejam intencionalmente ou não. A escolha é agir buscando conscientemente as mudanças que precisamos. É assim que nós damos relevância ao tempo, na medida em que fazemos uma relação com a mudança e não só com a mudança em si, mas com a mudança intencional. A mudança intencional é uma mudança própria do fato de sermos seres humanos. O Futureo, fala desse tipo de mudança. A partir daí, podemos dizer que o Futureo é um método que pode ser útil para aqueles que procuram que as vítimas de situações injustas, ou do descuido de uns pelos outros, de uns pela natureza e de cada um por si mesmo, decidam-se transformar-se.

O TEMPO PARA OS GREGOS E OS ROMANOS

Falar de Tempo não só leva a falar do espaço, mas também de deus e dos deuses. Acredite ou não em Deus, quando tratamos dos temas de tempo e espaço inevitavelmente entramos na discussão sobre as divindades. Os deuses foram parte das explicações e representações, sobre o tempo, muito cedo na história da humanidade, mas, além disso, encontramos também filósofos e cientistas que não conseguem encontrar um papel para um deus criador em suas descobertas e reflexões, e declararam-se ateus, como Stephen Hawking que afirmou no livro publicado em 2010, *“The Grand Design”* que Deus já não era necessário porque a ciência tinha fornecido uma melhor compreensão do universo.

O cientista explicitou: “Before we understand science, it is natural to believe that God created the universe” [...] “But now science offers a more convincing explanatio”/ em português: “Antes de entender a ciência, é natural acreditar que Deus criou o universo” [...] “Mas agora a ciência oferece uma explicação mais convincente” (Edwards, 2014)⁹³.

Os gregos na antiguidade reconheceram um tempo que avança de maneira cruel e inexorável, quantitativo, consumindo cada coisa, e o que é personificado pelo deus Chronos⁹⁴. Eles também consideraram um tempo mais da linha qualitativa: o tempo dos acontecimentos, nas mãos de Kairós, filho do primeiro. A situação não tinha outras opções, já que havia uma característica importante: para os gregos da Antiguidade, o tempo nunca começou e nunca vai acabar, porque a mitologia deles não inclui um deus-criador, afirmou a filósofa brasileira Viviane Mosé (2012)⁹⁵.

Para os romanos, o equivalente ao deus grego Chronos é o titã Saturno, com influência na África, é também cruel e tirano, e ainda assim é o mesmo das saturnais, uma festa popular cheia de paz e liberdade sem ataduras e sem distinções entre as pessoas (escravos e escravistas).

Uma pergunta: As festas saturnais foram uma autêntica manifestação popular ou um mecanismo de manipulação? Ou uma combinação delas?

Já o deus Jano ou Janus dos antigos romanos, e também dos etruscos, tem duas faces, que apontam em direções opostas: uma olha para trás e outra para frente, simbolizando o passado e o futuro, o velho e o novo, os términos e os começos.

Atualmente, temos governantes dos países do hemisfério ocidental que ainda usam essa representação da separação dos tempos (passado e futuro) para declarar que é necessário virar a página da história (o passado já passou) e focar a atenção para o futuro, de tal maneira que os povos colonizados esqueçam o passado (olhar para frente) evitando responsabilidades e reparação.

NÃO É MAIS UM TEMPO-SUCESSÃO-LINEAR

No tópico anterior, o tempo foi apresentado na perspectiva de uma sucessão passado, presente e futuro. Um fluxo linear, próprio da física mecânica clássica⁹⁶, que é diferente da física quântica⁹⁷. Essa visão não foi compartilhada por um conjunto de pensadores contemporâneos. Observamos na literatura latino-americana mais dúvidas que respostas, rondando como fantasmas o conceito linear do Tempo, a exemplo dos tratamentos sobre o tempo nas obras de autores como o criador do “Realismo Fantástico”, Gabriel Garcia Márquez e Jorge Luis Borges, um escritor muito perto da física quântica, que explorou intensamente a ideia de Tempo⁹⁸. Outras apreciações são apresentadas no estudo da filósofa brasileira Marchesini (2007)⁹⁹, que ao analisar o Tempo em Jorge Luis Borges e Guilles Deluze não encontra uma linha de tempo, ou rio do tempo, ou fluxo do tempo ou linha da vida. O que a pesquisadora apresenta é um “emaranhado do tempo”, “massa de tempo”, “Labirinto do tempo”, um “círculo do tempo” [...].

Temos também autores que fazem pensar se o tempo é uma referência evitável. Em outras culturas, há, ou pode haver os que não acreditam que o tempo existe, e não o têm como uma referência para a vida cotidiana. Veja este texto da Isabel Allende,

Tensing, o monge budista, e o seu discípulo, o príncipe Dil Bahadur, tinham escalado, durante dias, os altos cumes ao norte da cordilheira dos Himalaias, a região dos gelos eternos, onde só alguns lamas puseram os pés ao longo da história. Nenhum dos dois reparava nas horas, porque o tempo não lhes interessava. O calendário é uma invenção humana; a nível espiritual, o tempo não existe, ensinara o mestre ao seu aluno [...] Para eles o que importava era a travessia, que o jovem efetuava pela primeira vez (ALLENDE, 2004, p. 4).¹⁰⁰

O PASSADO É PARA FRENTE E O FUTURO ESTÁ POR TRÁS

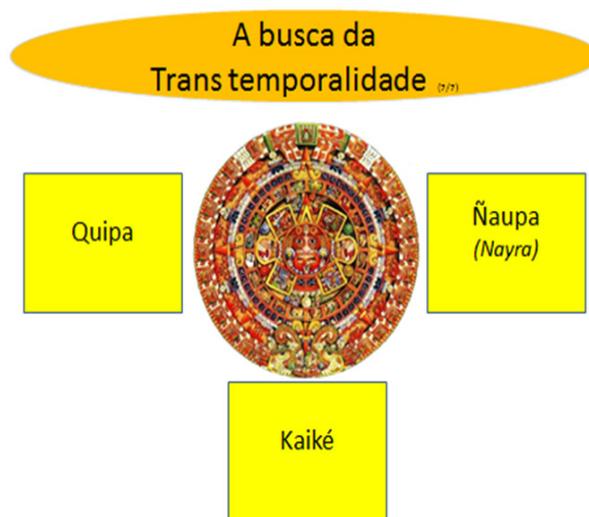
As culturas andinas têm outra visão do tempo. Para entendê-lo, é importante explorar os esforços de busca, resgate e reconstrução, a ideia do Buen Vivir (espanhol) ou bem-viver (português).

Na aproximação conceitual para essa visão, ainda alternativa, devemos dialogar com diferentes amautas (Sábios, para os andinos), bem como consultar propostas de pesquisadores como Rafael Núñez, estudioso da ciência cognitiva, Luz Castillo Vacano, responsável pela Pesquisa no Museu Nacional de Etnografia y Folklore (MUSEF) da Bolívia, entre outros.

Na primeira década dos anos 2000, Nuñez (2006)¹⁰¹, um chileno-suíço, e a linguista Eve Sweetzer surpreenderam o mundo ocidental, mostrando que para os povos Aymará¹⁰², dos Andes, o movimento entre os tempos é o seguinte: o passado é para frente e o futuro é para trás.

A partir disso, pesquisadores como Laura Spinney entraram na discussão de como linguagens diferentes apresentam a nossa conceitualização de tempo. E Vyvyan Evans, uma “theoretical cognitive linguist” na Universidade de Sussex afirmou sobre os descobrimentos no Aymará, que foi “o primeiro exemplo bem fundamentado sobre o futuro e o passado sendo estruturados de um jeito completamente diferente de muitas outras linguagens, e ainda do inglês”¹⁰³(Spinney, 2005).

Em questões sobre o tempo os povos dos Andes não falavam de um futuro-atrás e um frente-futuro. A sua visão foi representada como duas faces que olham uma para a outra. Eles não se contentaram com a visão linear, começando por um passado, a seguir pelo presente e terminar no futuro. Na imagem, temos o Quipa que é o Futuro, e está na esquerda, o Ñaupá, que é o passado e está à direita, e o presente Kaiké (ou Kay), dentro de uma conceitualização circular, que não privilegia nenhum dos estados, e pode ficar melhor representado na figura de espiral. A sua proposta insere-se no que chamamos hoje de pensamento complexo. Nela, o futuro está com capacidade de empurrar o passado, o que fundamenta a ideia que estamos apresentando no Futureo¹⁰⁴.



A ESPIRAL ENTRA NO CENÁRIO

A pesquisadora Castillo Vacano salienta que a cultura andina percebe o tempo indivisível do espaço em um esquema circular-espiral, e indica que os povos andinos como outras culturas não ocidentais vinculam o tempo para a dimensão espiritual-religiosa. A integração de tempo e espaço é o Pacha que transcende a convergência para ser o cosmos. “Este cosmos es el tempo-espacio donde habitan todos los seres vivos, y por estar vivo, es dinâmico, um fluir de energias”. Em português: “O cosmos é o tempo-espaco onde moram todos os seres vivos, e por estar vivo, é dinâmico, um fluxo de energias”. A antropóloga boliviana aponta-nos que existem três dimensões do Pacha: Nayra pacha, é o passado; Jich’a Pacha, o presente; Jutiri pacha ou qhipa pacha, que corresponde ao espaço e tempo que vai acontecer, o que denominamos de futuro, ou o que a cultura andina considera o tempo do retorno, alteração ou mudança¹⁰⁵.

O TEMPO NECESSÁRIO PARA ACOMPANHAR O CAMINHO

O escritor Kundera¹⁰⁶, em seu romance “A imortalidade” (1990), deixa-nos uma lição:

Caminho: faixa de terra sobre a qual se anda a pé. A estrada distingue-se do caminho não só por ser percorrida de automóvel, mas também por ser uma simples linha ligando um ponto a outro. A estrada não tem em si própria qualquer sentido; só têm sentido os dois pontos que ela liga. O caminho é uma homenagem ao espaço. Cada trecho do caminho é em si próprio dotado de um sentido e convida-nos a uma pausa. A estrada é uma desvalorização triunfal do espaço, que hoje não passa de um entrave aos movimentos do homem, de uma perda de tempo. Antes ainda de desaparecerem da paisagem, os caminhos desapareceram da alma humana: o homem já não sente o desejo de caminhar e de extrair disso um prazer. E também a sua vida ele já não vê como um caminho, mas como uma estrada: como uma linha conduzindo de uma etapa à seguinte, do posto de capitão ao posto de general, do estatuto de esposa ao estatuto de viúva. O tempo de viver reduziu-se a um simples obstáculo que é preciso ultrapassar a uma velocidade sempre crescente (KUNDERA, 1990, p. 167)¹⁰⁷

Para nós, autores desta obra, a escolha é o Caminho! Hoje, o modelo hegemônico força as pessoas a correrem tanto, o que Bauman (2007)¹⁰⁸ fala dos “tempos líquidos”. Com esse modelo, o autor gera para nós a imagem das pessoas de hoje, transitando muito rapidamente em uma pista de gelo, porque caso percam a velocidade para refletir ou para admirar a paisagem, o gelo abaixo dos seus pés vai se fragmentar e cairão e desaparecerão nas águas geladas, afogando-se.

As coisas são feitas em tempos curtos e você não precisa pensar porque outros já têm essa tarefa. Associando isso à questão dos sonhos, nessa lógica, você não precisa sonhar porque outros já sonharam por você. Sendo assim, o caminho é uma perda de tempo.

A ADMIRAÇÃO: CAPACIDADE PARA CADA VIAJANTE AFIRMAR

Nós precisamos de processos dialogados e pausas para ver juntos e admirar a paisagem no caminho. Admirar a nossa vida, admirar os outros viajantes. Não é mais uma sucessão de ações mecânicas, frias, rápidas e sem conexões entre os viajantes como ocorre em uma estrada. O que chamamos de admirar?

O termo ‘admirar’ vem do latim *admirari* e o “Dicionário de Filosofia apresenta, como sinônimo de admiração, as palavras “assombro” e “pasma” e destaca que aquele que não se admira com nada, não pode sequer perguntar, sendo essa percepção ancorada no diálogo entre Platão e Aristóteles, pois esses filósofos foram os primeiros a tratar acerca do termo. Platão compartilhou que “a admiração é a característica do filósofo e a filosofia começa com a admiração”, já Aristóteles afirmou que “a admiração impeliu os primeiros pensadores a especulações filosóficas” e que “o começo de todos os saberes é a admiração diante do fato de que as coisas sejam o que são”¹⁰⁹.

Aristóteles ressaltou a importância da admiração no início da filosofia: “Na verdade, foi pela admiração que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora”¹¹⁰.

O verbo grego “*thaumazein*” é importante para nós:

[...] *thaumazein* é o verbo grego que de modo aproximativo tentamos traduzir (sem dúvida amparada nos latinos que primeiro o entenderam como *admirari*) como admirar-se. Trata-se de um estado que nos acomete quando nos defrontamos com algo estranho por ser *thaumaston* extraordinário, admirável. No diálogo Teeteto, Platão refere-se a esta admiração como um *pathos*, um estado interior que sentimos quando algo nos arrebatava¹¹¹.

Quando falamos de métodos como o Futureo e o REI-F¹¹² a admiração é parte do caminho e depois da admiração o sentimento seguinte é apaixonar-se.

O PRIMEIRO CAMINHO ALIMENTA A VONTADE DE AGIR NO SEGUINTE

O leitor pode fazer ideia de que estamos realizando, juntos, na comunidade, a construção de uma imagem bonita e coletiva do que queremos que seja o futuro. Pode imaginar também que estamos dando-nos tempo para refletir e desfrutar do processo, da vivência. Admirar. Quando isso acontece, essa primeira travessia já está alimentando a qualidade do caminho seguinte... Aquele que devemos percorrer para tornar realidade o sonho. Primeiro porque foi uma construção de todos os setores, o que faz do sonho uma propriedade plural. Cada ação para conseguir o que desejamos e idealizamos em conjunto, vai ser muito estimada por cada um e vai servir de referência no agir de cada um na comunidade.

Essa travessia alimenta a qualidade do caminhar que segue, não só porque a imagem é agora uma referência comum, mas também porque nesse primeiro trânsito vai sendo construída ou reforçada uma atitude importante: “o entusiasmo” para o agir, o que foi chamado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche de “Vontade de potência” e pelo filósofo neerlandês Benedito Spinoza de “Vontade de agir” muito alimentada pela paixão.

Essas condições vão ser potencializadas por algumas pessoas e coletivos que sempre estão prontos para agir nas comunidades, quando se trata de assuntos de interesse. Elas são “protagonistas”, sujeitos que não vivem simplesmente a vida; eles ardem (inflamam) a vida e o fazem com tanto entusiasmo que não é possível olhar para eles sem piscar os olhos e quem se aproxima se incendeia. Ao ler o “Livro dos Abraços” (1989), de Eduardo Galeano¹¹³, podemos dizer que os protagonistas são como o “fogo”, que vivem num mar de foguinhos formado por todos nós, cada um a seu modo. As pessoas “fogo” são fundamentais no Futureo.

INFLUÊNCIAS MÚTUAS ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Isto afinal é um diálogo ou um duplo diário? Só sei uma coisa: neste momento estou escrevendo: “neste momento” é coisa rara porque só às vezes piso com os dois pés na terra do presente: em geral um pé resvala para o passado, outro pé resvala para o futuro. E fico sem nada (LISPECTOR, 1978).¹¹⁴

Atualmente, diversos atores sociais atuam em relação ao futuro. Os adivinhos buscam prever o futuro, porque ele está oculto; os meteorologistas tentam entender os fenômenos atmosféricos para fazer previsões do clima; os cientistas políticos fazem previsões sobre o comportamento e relacionamento entre os governos, os governados e as forças externas envolvidas; os planejadores tentam influenciar o futuro; a mídia transnacional busca fazer com que a audiência acredite que o futuro que as forças hegemônicas globais desejam é o único futuro possível e desejável, que qualquer proposta alternativa não é boa.

Como já foi mencionado, ninguém nega que o passado tem influência sobre o futuro, mas não é tão fácil reconhecer as influências do futuro no passado. Tem a ver com as perspectivas sobre o tempo e os poderes dos seres humanos. Embora pudessem tentar argumentar o contrário, para avançar na discussão, podemos conceder que hoje, na vida cotidiana, o futuro mesmo não existe e que o passado também não existe. O que temos com segurança são lembranças do passado e imagens do futuro.

Vamos assumir que a vida de uma pessoa, uma organização ou uma comunidade, transcorre como uma espiral, que não é muito regular, e cujos traços não são muito firmes, nem definidos. Nela é possível reconhecer distintas etapas que vamos apresentar como as espiras ou voltas da espiral. Cada espira é diferente das anteriores e as posteriores porque há alguma coisa que predomina nela, mas não nas outras espiras. Só que cada espira tem os elementos de todas as espiras anteriores e posteriores, seja como sementes, como coisas ou situações em desenvolvimento, ou ainda como vestígios.

Com tais esclarecimentos, vamos apresentar que a vida acontece caminhando entre o que está aqui e agora e o que está lá e logo, ou o que foi antes – entre o futuro e o passado. A virtualidade e os sonhos, a imaginação e a memória permitem transcender o que poderiam ser fronteiras. O futuro e o passado não são compartimentos fechados. Podem ser imensos, mas têm seus buracos e estão muito ligados. E o presente é só uma linha muito tênue e também com buracos. Nela existe a possibilidade de mudar tudo porque não há limite intransponível entre passado e o futuro.

As pessoas têm a capacidade de decidir se vão dar mais importância ao passado (a lembrança) ou ao futuro (uma imagem de futuro) quando vão interpretar e dar sentido às suas vidas individuais ou coletivas. O tempo que elas priorizam, marcará o outro tempo. Você, leitor, conhece pessoas que estão frequentemente lembrando do passado, e outras que estão sempre projetando ou esperando que algo aconteça... Logo, também conhece pessoas que vivem o presente com muita intensidade, sem tentar ligar as razões desse passado com as consequências do futuro.

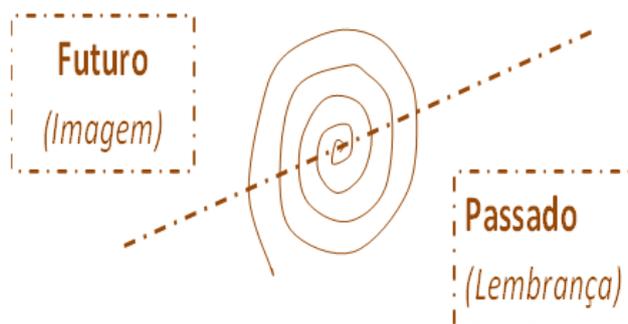
Constantemente, as comunidades devem refletir sobre o que fazem. Essa reflexão para ser mais completa precisa incorporar razões (lógica) e sentimentos (senti) envolvidos o que para nós é a Sentilógica¹¹⁵. As palavras-chave para valorar o que foi feito (passado) e o que vai ser feito (futuro) são “porque” e “para quê”, considerando a combinação e priorizando as ações como se segue:

Priorização do passado – A comunidade observa a vida hoje (presente) usando um filtro imaginário que permite que os participantes vejam tudo o que está acontecendo desde a sua interpretação do passado. Eles lembram o passado baseando-se em dicas evocadoras e reconstruindo com ferramentas como a linha de tempo ou linha da vida, e interpretando ‘o quê’ e ‘por quê’ aconteceu. Podem produzir aprendizagens nesse exercício, fazer planejamentos, gerar projetos a partir dos produtos dessa revisão, construindo caminhos para melhorar, a partir desse passado concreto e vinculados a ele.

Quando você prioriza o passado, as características dele, as interpretações sobre ele e os sentimentos que gera, vão impregnar as construções para o futuro. Isso pode ser muito bom, quando o passado for satisfatório para a comunidade, porque vai impregnar positivamente a construção de planos e propostas.

Outra coisa é quando o passado foi triste, marcado pelo infortúnio, insatisfações, dores e insucessos (um passado ruim). Nesse caso, a situação anterior, também vai marcar fortemente o futuro (nos planejamentos, propostas, entre outros) só que a marca não será boa. Por quê? Porque os planejadores vão ficar focando nas

Interações entre “tempos”



coisas que não foram boas, seja tentando fugir dos aspectos negativos ou tentando lutar contra eles. Se os participantes vão trabalhar um planejamento, ou desenhar um plano de ação específico, o processo vai ter como referência as descobertas da viagem para o passado.

Como as situações negativas são destacadas na evocação, os participantes vão ter que desenvolver suas próximas tarefas reagindo frente ao acontecido.

Você pode ver na imagem que a comunidade está olhando um passado ruim e quando faz isso quer idealizar o futuro, a idealização mesma está marcada pela cor ruim do passado. Nesses casos, pode ser uma boa ideia construir uma imagem de futuro bonito, consensual como um “primeiro passo” e só depois tentar reconstruir o passado.

Priorização do futuro. Nesta segunda perspectiva, a comunidade observa a vida desde uma imagem de futuro bonita construída entre todos os setores pertinentes da comunidade (Lembrando que têm essa liberdade porque o futuro ainda não aconteceu). Nesta escolha, se os participantes olham para o passado, o futuro bonito vai ser a dica evocadora, ou gerar dicas evocadoras positivas. A construção de um futuro bonito também vai marcar o sentido das próximas ações dos participantes. É uma marca boa, bonita e consensual. As situações ruins perdem importância.

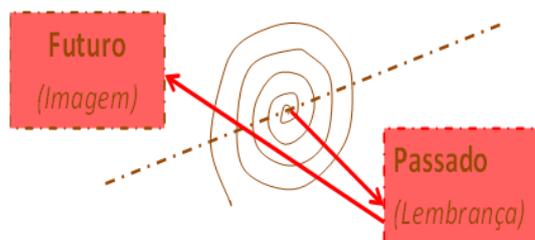
Quando os participantes já construíram a imagem de futuro, chega o momento de definir o caminho para tornar o sonho realidade. Neste momento e sempre mantendo a imagem de futuro bonito construída como horizonte, os participantes podem olhar para o passado. Eles vão descrever e refletir o passado tentando obter boas dicas para a construção desse futuro bonito. O futuro bonito está impregnando a análise do passado.

Para ilustrar essa construção, abaixo seguem trechos do relato de uma trajetória do Futureo, realizado no período de 2002-2003, na cidade de Estelí, na Nicarágua, junto a um grupo de jovens:

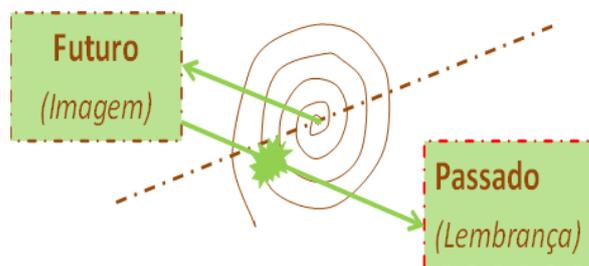
Experiência com o Futureo¹¹⁶

Entre as gangues juvenis é muito comum a afirmação sobre o futuro, onde os membros veem apenas três possibilidades: a cadeia, o hospital (entendido como incapacidade grave causada) e a morte violenta. Atuei junto com uma equipe de pesquisadores, entre outubro de 2002 e abril de 2003, desenvolvemos uma experiência do que hoje nomeamos de Futureo, no departamento de Estelí, na Nicarágua, com grupos de

Priorizada, hoje, uma visão desde o passado



Priorizada, hoje, uma visão desde um futuro bonito



jovens em conflito denominados de “gangues”, “maras” e “marimbas”. Do grupo participante, três das gangues estavam categorizadas entre as mais perigosas e entre os meses de setembro a outubro de 2002, outras três entre as consideradas medianamente perigosas. Não tivemos gangues categorizadas como de baixo perigo.

Em duas oficinas, 68 jovens, todos homens; e de 07 gangues distintas e alguns casos inimigas (rivais), construíram por separados uma imagem de sonho bonito de futuro. Depois os resultados foram contrastados pelos pesquisadores e restituídos para os jovens. A síntese do sonho foi a seguinte:

Cada jovem, contrariando a afirmação geral de cadeia-hospital-morte sonhou em: “Quero ter uma vida feliz”; “Quero ser visto como alguém normal, como os outros”; “Quero estar trabalhando”; “Quero aprender um ofício” (“a escola é chata”); “Quero continuar com meus broderes” (“irmãos, amigos...”); “Quero formar ou ter uma família” (falaram do amor) e “Quero ter muito dinheiro” (ULLOA, p.214-215).

É certo que o início foi muito complicado, porque eles falavam dos três destinos inevitáveis e porque estavam perto de seus inimigos. Mas deu certo. A coincidência dos resultados foi surpreendente para os mesmos jovens e contribuiu para os esforços de pacificação posteriores. Eles olharam o outro como alguém muito parecido. O assunto desses jovens foi falado publicamente. Acordos de paz foram preparados, discutidos e assinados entre todos. E foram assumidos compromissos por eles e outros setores da sociedade. Anos depois da experiência, a cidade de Estelí, não foi mais a segunda cidade com mais violência de gangues juvenis no país. Aprendemos que as boas relações e as coincidências na construção de um sonho de futuro bonito vão marcar os esforços coletivos para tornar o sonho realidade.

LINGUAGEM-FUTURO-EMPODERAMENTO

Aprendemos primeiro com o furacão Mitch e logo com outros desastres naturais, uma importante diferença de atitude entre as vítimas, muitas vezes propiciadas pelas organizações de apoio. Uma coisa é pedir ajuda “porque o furacão nos deixou com fome” (priorizando o passado) e outra é pedir ajuda “para recuperar as forças e então reativar a produção das terras agrícolas que ainda são utilizáveis” (priorizando o futuro)¹¹⁷. A última forma, não só mostra uma atitude “positiva”, mas evidencia o empoderamento das vítimas.

A imagem do futuro, que se forma, reforma ou cria, pode influenciar a lembrança do passado que tenta dominar. Questões que foram muito negativas podem perder ou ganhar importância, em aspectos despercebidos até então, e que podem melhorar as soluções e saídas possíveis.

As assertivas sobre o empoderamento apresentam muitas definições. Nós preferimos considerar o empoderamento como um estado em permanente construção. Assim, nestas páginas, nós destacamos que uma comunidade está empoderada (empoderando-se) quando “sabe de onde vem, sabe o que tem, sabe o que quer, pode fazer o que quer, quer fazê-lo, está fazendo isto ou aquilo e compartilha o que faz. Isso ocorre dentro de um quadro de valores e princípios comuns que favorecem a tripla harmonia”¹¹⁸.

O QUE FOI BOM ONTEM PODE NÃO SER ASSIM HOJE

A estimativa ou avaliação das situações que ocorreram no passado varia de acordo com a nova informação que é adquirida com o “tempo” e o processamento respectivo. Nos livros da história oficial, os antigos colonos,

pela sua ação de corte massivo de florestas inteiras para introduzir a pecuária, foram vistos como “heróis” do “progresso”.

Agora, eles são entendidos como criminosos ecológicos porque o que foi apresentado como benefício, depois foi desvelado como prejuízo muito grave, à luz de novos conhecimentos e valores, à luz dos efeitos posteriores e à luz dos novos protagonistas que denunciam o assunto. É o que está acontecendo com a mineração a céu aberto e os transgênicos.

Temos aprendido que os esforços de inclusão dos historicamente excluídos, através da abertura dos espaços de participação são bons, quando são parte das lutas dos protagonistas e são acompanhados de muita reflexão crítica. Se os esforços de inclusão também vão em direção do incremento do consumo a níveis de consumismo, eles incentivam valores opostos para a tripla harmonia¹¹⁹.

O FUTURO INCLUI A MORTE

O que ainda não conseguimos entender é até que ponto o futuro termina com a morte do indivíduo ou a morte da organização ou da comunidade.

Os mortos da comunidade

Temos escutado em sermões e palestras ou quando alguém aconselha amigos que “a única coisa certa na vida é a morte”, mas ainda nessa afirmação temos uma grande interrogação. Até onde, nesse momento, termina o futuro? Como é a coisa para quem morre em relação aos sobreviventes (os que ficam), e para os sobreviventes em relação a quem terminou de viver? Como continua a relação? Para auxiliar nessa reflexão, a escritora Lispector (1978) deixa-nos algumas palavras: “[...] Nunca se esquecer, quando se tem uma dor, que a dor passará: nunca se esquecer que, quando se morre, a morte passará. Não se morre eternamente. É só uma vez, e dura um instante” (p.122).

Em meio à discussão sobre o direito de decidir a própria morte, existem pessoas e organizações que reconhecem a possibilidade da morte como uma saída voluntária para certas circunstâncias. Quando as condições são muito difíceis, as pessoas estão doentes (ao limite), acham que vão passar por grandes sofrimentos, estão muito idosas (abandonados por familiares/filhos), já não encontram mais um sentido para existir ou quando decidem colocar sua vida em risco para salvar ou ajudar outras. No entanto, transcender a morte tem sido uma grande provocação para os seres humanos tanto corporativos, quanto individualmente. Os intentos de intervir na única coisa certa da vida, de existir post-mortem, são de duas categorias.

A primeira é fazer parte de um novo tempo presente que vai compartilhar com outras pessoas, o que poderia acontecer pela metempsicose¹²⁰, que designa a transmigração da alma entre um corpo e outro; ou pelo retorno, que pode ser permanente, em momentos periódicos especiais como “O Dia dos Mortos”¹²¹ no México, ou quando convocado por médiuns. O retorno pode acontecer em outras formas corporais ou sonoras. A segunda categoria de presença post-mortem é pela memória das outras pessoas. Acontece quando a pessoa que morre é importante e passa a se converter em parte de história coletiva viva, sendo uma referência para o futuro delas e para o reconhecimento da própria identidade coletiva e individual. Sendo que a primeira categoria tem sido muito vinculada às propostas religiosas/ espirituais e a segunda relacionada à dinâmica da memorização. Desta forma, nesta publicação, iremos posicionar-nos a partir da segunda categoria.

Cada pessoa tem uma importância relativa para diferentes grupos sociais e comunidades, nos quais desenvolve a sua vida. No plano familiar, temos a forma carinhosa de nos referirmos aos parentes, como por exemplo, o papai, a mamãe, a vovó, o vovô, a tia, entre outros. Já no plano mais amplo, são destacados personagens importantes de várias partes do mundo como referências para um conjunto grande de pessoas, como os moradores do país, uma comunidade intelectual, os fanáticos de um gênero musical, os torcedores de diversas práticas esportivas, etc.

Nesse sentido, as mais variadas obras da literatura mundial tratam acerca das imortalidades vinculadas a estes fazeres humano. Acontece, por exemplo, na obra “A imortalidade” de Milan Kundera (1990), na qual o autor propõe uma bela classificação de tipos de imortalidade: a pequena, a grande, a sublime, a risível...

Não é fácil manter as lembranças mais importantes de certas pessoas e situações, especialmente quando nos referirmos às resistências populares, porque há forças poderosas que tentam apagar da memória, silenciar ou distorcer a sua essência. Como vem acontecendo, durante muitos anos, a alguns grupos étnicos e sociais, como os indígenas, negros, ciganos, LGBT, ativistas contra as ditaduras, entre outros.

O Futureo é um instrumento e uma oportunidade para resgatar e valorizar os protagonistas e seus legados nas respectivas dinâmicas comunitárias. Quanto mais tocam a comunidade – e outras comunidades – mais serão lembrados. Lembremos que eles nem sempre são conscientes que vão permanecer na memória dos membros da comunidade – e de outras comunidades – a partir de suas ações.

Precisamos de muito esforço para introduzir a discussão sobre a morte das pessoas, das comunidades, das organizações, como parte do Futureo ou de planejamentos. Temos encontrado em comunidades e organizações a crença de que falar da morte é atraí-la. É um tema que provoca temor. Mas, a morte pode entrar nos exercícios de Futureo, buscando, quando pertinente, a construção do que poderia ser uma boa morte, sem fugir do tema. Estamos falando da morte de pessoas, mas também de organizações (time de futebol, grupo musical, associações, ONGs, etc.), e de comunidades de referência territorial¹²² “Podemos morrer em paz se atingirmos os seguintes objetivos:...”, “a organização deixaria de existir de boa forma se tem cumprida a sua missão e as seguintes condições...” (ULLOA, 2010).

A morte da comunidade, da organização, da iniciativa

Discutimos, em outras publicações, que as organizações podem ter três tipos de morte: uma morte temática, quando deixa de intervir em certos conteúdos; uma morte espacial ou territorial, quando decide não estar mais em algum lugar ou território; e uma morte definitiva, quando desaparece como organização¹²³. Se a morte é o caminho, uma boa morte é preferível e isso requer uma preparação dos que saem e dos que ficam.

É preferível uma boa morte a uma vida indigna? Estas reflexões fazem parte de um cenário de situações traumáticas para as comunidades, como guerra entre países, guerra civil, domínio paramilitar, ditaduras, etc. Em situações como essas, são escolhas dos membros da comunidade: aceitar, evitar confronto, resistir burlando/artimanhas, resistir lutando ou fugir.

Em meados de 2015, os gregos entraram para a história da resistência com um referendo que consistia em responder SIM ou NÃO à aceitação das condições impostas pela Comissão Europeia e os bancos internacionais. Para o presidente da Comissão o voto NÃO (OXI) significava um “suicídio grego”, entretanto para o governador Tsipras e a sua aliança, o NÃO significava tomar uma posição digna. Venceu a posição digna, ou seja, o NÃO, apesar das ameaças, da possibilidade de quebra, etc. Para o mundo se tornou visível

novamente o povo da Grécia de Chronos, Kayros e os outros deuses e filósofos aos quais nos referimos para introduzir o assunto do tempo. Nós, neste momento, em que seu tempo presente de leitura se encontra com nosso tempo presente de escrita, não sabemos os resultados. Entretanto, você, possivelmente já sabe. Esperamos que sejam boas notícias...

O FUTURO NO FUTUREO

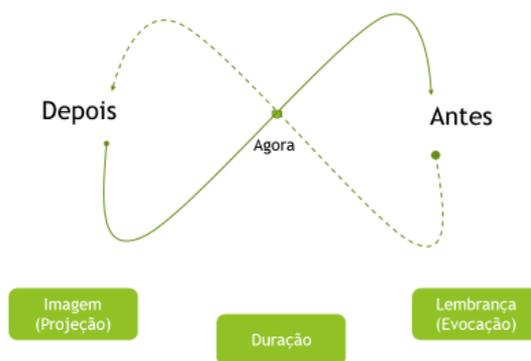
No Futureo, a apreciação de um mesmo período de tempo não é a mesma para todas as pessoas e setores da comunidade. O espaço e o tempo estão vinculados com todas as dinâmicas da vida comunitária e podem ser apreciados, valorizados e apropriados de formas distintas.

Para o exercício do Futureo, os participantes constroem uma imagem de futuro que deve ser prazerosa para todos¹²⁵. Aceitamos que o futuro mesmo é um tempo. Temos que reconhecer que é mais fácil entender o futuro como um depois, o que é posterior, porém com precaução porque estamos falando de uma progressão na forma de uma espiral complexa, um “emaranhado do tempo”, uma “massa de tempo”, um “Labirinto do tempo”, um “círculo do tempo”, termos utilizados por Marchesini (2007).

Sendo assim, os tempos ‘futuro-passado’ olham um para o outro sempre, com influências mútuas. O futuro pode intervir no passado ou pelo menos a imagem construída do futuro pode contribuir na lembrança e na interpretação do passado. Entendemos que os seres humanos têm o poder de influenciar nos acontecimentos da vida e que o futuro pode ser conhecido à medida que construímos imagens dele. Não temos que esperar o futuro, mas podemos construí-lo.

Reconhecemos que tem sido criada uma atmosfera que nos predispõe para favorecer as forças que procuram controlar nosso futuro e nossos esforços para construir um futuro nosso, pois é uma forma de controlar nossas vidas. Como consequência, há uma nova tarefa: (re)tirar o véu dessa atmosfera.

o tempo no futuroo



NOTAS

⁹⁰ As traduções são nossas.

⁹¹ Hollande en Haiti: On ne peut changer l’histoire, on peut changer l’avenir. Por: Abou Antoun, Colunista da Revista Agora Vox. Publicado em 13 de maio de 2015. Link: <http://www.agoravox.fr/tribune-libre/article/hollande-en-haiti-on-ne-peut-167321>. Tradução livre por Luis F. Ulloa. Texto em Francês: “Tout d’abord peut-on changer l’avenir? On ne peut changer (apporter une modification) que ce qui EST ; or l’avenir n’existe pas encore, la formule n’a donc, logiquement, aucun sens. On peut à la rigueur changer les perspectives d’avenir, influer sur des prévisions. En fait c’est le présent qui construit l’avenir, mais ne le change évidemment pas”.

⁹² ELIAS, Nobert. Sobre o tempo. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

⁹³ Stephen Hawking comes out: ‘I’m an atheist’ because science is ‘more convincing’ than God. Publicado na revista RawStory. Por Davis Edwards, em 24 de setembro de 2014.

- ⁹⁴ Chronos ou Khronos era a personificação do tempo. Também era habitual chamar-lhe Eón ou Aión. Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: Chronos e Kairos. Enquanto Chronos refere-se ao tempo cronológico, ou sequencial, que pode ser medido, Kairos refere-se a um momento indeterminado no tempo, em que algo especial acontece, em Teologia, é “o tempo de Deus”. Via blog: Roda Mitológica.
- ⁹⁵ Viviane Mosé, mestre e doutora em filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, também é uma poetisa, psicóloga, psicanalista e especialista em políticas públicas. Sua tese de doutorado “Nietzsche e a grande política da linguagem” foi publicada em 2005. Participa na mídia em iniciativas como a Usina Pensamento, o programa Liberdade de Expressão, na Rádio CBN. Para contribuir com a reflexão assista ao vídeo: Especial Nietzsche - Viviane Mosé - Café Filosófico - Exibido dia 29.03.2009.
<https://youtu.be/wszgKTzS-c>
- ⁹⁶ A Mecânica, na física, estuda o movimento e o repouso dos corpos. Durante muitos anos os homens acharam que a Dinâmica e a Estática podiam explicar tudo.
- ⁹⁷ “A Física Quântica é uma parte da física que explica o funcionamento da natureza em escalas microscópicas, procurando decifrar o mundo do átomo e de partículas ainda menores que ele, registrando e estudando comportamentos que parecem estranhos à lógica visível do dia a dia. Isso virou o mundo científico de cabeça para baixo e abalou algumas convicções presentes na física clássica”. [...] Luis Davidovich (2014) explicou que “O mundo microscópico tem um comportamento muito diferente do que observamos em nosso dia-a-dia. Por exemplo, objetos quânticos, em geral, não estão localizados, podem estar em duas regiões do espaço ao mesmo tempo”.
- ⁹⁸ O leitor interessado pode ler: “O Aleph” (1949), “El Tiempo” (1979) em “Borges”. Emecé Editores/Editorial Belgrano. Buenos Aires. Pg. 81-97. Também os artigos: “El tiempo circular” e “La Eternidad” em “Historia de la Eternidad”, de Alianza Editorial (Madrid) e Emecé Editores (Buenos Aires). pg. 12-43 e 95-103n (1987).
- ⁹⁹ MARCHESINI, Paula. Borges, Deleuze e o Tempo. Revista escrita. Ano 2007. p. 1-10.
- ¹⁰⁰ ALLENDE, Isabel. O Reino do dragão de ouro. Capítulo I – O Vale dos Yetis. Editorial Areté. Random House Mondadori. 2004.
- ¹⁰¹ NÚÑEZ, Rafael E. e SWEETSER, Eve. With the Future Behind Them: Convergent Evidence From Aymara Language and Gesture in the Cross linguistic Comparison of Spatial Construals of Time. /Cognitive Science 30 (2006). Publicado em 2005.
- ¹⁰² Os aymará são um grupo indígena que vivem nas montanhas da Cordilheira dos Andes na América do Sul. Ver: <http://construindohistoriahoje.blogspot.com.br/2012/09/orgulho-da-cultura-aymara.html>
- ¹⁰³ No original: “It is the first really well-documented example of the future and past being structured in a totally different way from lots of other languages, including English”
- ¹⁰⁴ O leitor lembra que nós não tínhamos concordado, com Hollande nem Antoun, ao início do capítulo?
- ¹⁰⁵ Ibidem. VACANO, Castillo. 2009.
- ¹⁰⁶ Escritor Tcheco, naturalizado francês de 86 anos. Autor de uma vasta obra, que abrange o romance, o ensaio e a poesia, é considerado um dos mais importantes escritores do século XX.
- ¹⁰⁷ KUNDERA, Milan. A Imortalidade. Editora Nova Fronteira. 4ª Ed. 1990.
- ¹⁰⁸ BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- ¹⁰⁹ TERRICABRAS, Josep-Maria. Dicionário de Filosofia – Tomo I (A-D). Edições Loyola. 2ª Ed. 2004.
- ¹¹⁰ Cf. ARISTÓTELES Met., 982b13-14
- ¹¹¹ A Filosofia e Admiração. Em: Mundo dos filósofos. 2007 - Produzido por Profª. Ms. Cléa Gois e Silva Link: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/a-filosofia-e-admiracao.htm> - Acessado em 20 de maio de 2015.
- ¹¹² REI-F é o Método de Revisão com vista ao Futuro.
- ¹¹³ No dia 13 de abril de 2015, Eduardo Galeano, terminou sua viagem em nosso mundo, mas seu fogo ainda estará conosco. Obrigado grande escritor e maestro!
- ¹¹⁴ Ibidem, p. 19
- ¹¹⁵ Sentilógica é combinação de Racionalidade e Sentimentos que explica e gera uma decisão ou uma ação.
- ¹¹⁶ ULLOA, Luis Felipe et. al. Por qué no terminamos esto?: diagnóstico de las pandillas juveniles o marimbas de Estelí. Editora: ADESO Las Segovias, 2004.
- ¹¹⁷ O furacão Mitch foi um dos mais destruidores ciclones tropicais já visto no Oceano Atlântico. Alcançou ventos de mais de 180 mph ou 290 km/h considerado de categoria 5 pela Escala de Furacões de Saffir-Simpson devastou a América Central entre 22 de outubro a 5 de novembro de 1998. Foi o mais devastador furacão dos últimos 200 anos e o segundo maior em número de mortes. Disponível no Wikipédia, acessado em 20 de maio de 2015.
- ¹¹⁸ ULLOA, 1999.
- ¹¹⁹ A tripla harmonia refere-se a busca da harmonia das pessoas com as outras pessoas, da harmonia das pessoas com a natureza, e da harmonia de cada pessoa consigo mesma.
- ¹²⁰ Movimento cíclico por meio do qual um mesmo espírito, após a morte de seu antigo corpo, retorna sucessivamente à vida, animando outra estrutura viva, seja esta vegetal, mineral ou animal, não necessariamente nesta ordem; doutrina que professa essa crença, difundida pelo misticismo. Cf. Antônio Geraldo da Cunha: Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 2ª ed., 1986.
- ¹²¹ Celebrado no dia 02 de novembro. A data em que o Dia dos Mortos origina-se da cultura asteca, que a celebrava no 9º mês do calendário solar. O culto era sempre presidido pela Dama da Morte, da qual foi tirada a imagem de La Catrina, esposa de Mictlantecuhtli, o rei dos mortos. Naquela época, os festejos eram feitos para homenagear parentes, crianças e entes queridos que tinham falecido. Ver: <http://www.infoescola.com/datas-comemorativas/dia-dos-mortos/> - acessado em 15 de novembro de 2015.
- ¹²² Comunidade de referencia territorial é aquela que esta vinculada originalmente ao um território. Sua morte pode acontecer em situações especiais como a inundação do território para construir uma represa, uma contaminação excessiva, epidemia, entre outro.
- ¹²³ ULLOA, Luis Felipe. Siete pláticas sobre las organizaciones de desarrollo hoy. Editorial Guaymuras. 1ª Ed. Colección Puerta Abierta. 2010.
- ¹²⁴ AUGUSTO, André. Que se votará no referendo grego? Matéria publicada no site: http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=1671, acessado em 16 de julho de 2015.
- ¹²⁵ A imagem de futuro é o produto principal do exercício de Futureo. É uma idealização.

CAPITULO IV

The background features several overlapping, tilted rectangular shapes in various shades of pink, orange, and yellow. The shapes are scattered across the page, with some being larger and more prominent than others. The overall aesthetic is clean and modern.

Um
bem-futurar,
para ser
no mundo

DISCUSSÃO SOBRE O QUE É FUTURAR

Neste capítulo tentamos esclarecer de qual tipo de sonho estamos falando e compartilhar dicas sobre como produzir esse sonho. O sonho é o que nomeamos de “imagem de Futuro Bonito” e o Futuro é o processo para produzir esse sonho. Vamos falar das características da imagem sonhada e do Futuro como um ato de responsabilidade, humano e humanizante. Destacamos que a imagem de futuro precisa ser bonita e consensual para ser mobilizadora, o que é precisamente a sua função.

Estamos falando de um futuro bonito, que vai ser construído consensualmente, pelos participantes dos diferentes setores da comunidade, bem como, da busca do “jutiri pacha” ou do “qhipa pacha”.

ABYA YALA

Os mitos foram essenciais para a vida dos gregos antigos, não foram apenas pequenos relatos para a distração dos leitores. Eles foram fundamentais para dar sentido e orientar sua vida cotidiana. O mesmo aconteceu com as divindades dos povos indígenas quando a América Latina foi Abya-Yala e com as divindades no continente africano, que pela força viraram moradores da Abya-Yala. Alguns estudiosos trataram sobre o termo, entre eles, o filósofo argentino, Dussel (1993)¹²⁶ que destaca que o nome Abya Yala dado a este continente (América Latina) antes da chegada dos europeus é usado ainda em documentos e declarações orais, como um símbolo de identidade e respeito pela terra que habitamos. Segundo Fernando Huanacuni Mamani (2013)¹²⁷, “Terra nobre que acolhe a todos” e também “terra em sua plena maturidade” e tem outros que traduzem o termo como “terra de sangue vital”. O autor explica que nas línguas antigas pode acontecer que um termo tenha mais de um significado porque são linguagens abstratas multidimensionais, e multisignificativas. Abya Yala, ainda, conforme Porto-Gonçalves (2008)¹²⁸, “vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América, expressão que embora usada pela primeira vez em 1507 pelo cosmólogo Martin Wakdseemüller, só se consagrou a partir dos finais do século XVIII e inícios do século XIX por meio das elites crioulas para se afirmarem em contraponto aos conquistadores europeus, no bojo do processo de independência. Muito embora os diferentes povos originários que habitam o continente atribuíssem nomes próprios às regiões que ocupavam – Tawantinsuyu, Anahuac, Pindorama – a expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente, objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento”.

Nesta Era, vivendo ou sobrevivendo em um mundo ameaçado, onde cada ser comum e cada comunidade são inseridos até desaparecer nesses assuntos que nomeamos de “a civilização”, “a sociedade”, “o país”, “as maiorias”, tudo aponta para padronizarmos em torno de um respeito insano e a legitimação de uma forma de existir apresentada como natural ou normal, que não está dando certo para o mundo e nem para nós.

Então, voltamos os olhos para as culturas ancestrais. Não falamos de imitá-las mecanicamente, mas de criar a partir delas. Nós, pessoas, tentamos fazer o que é entendido como assunto das elites poderosas na terra ou dos deuses: Criar! Temos você, leitor, e nós, a tarefa de resgatar e construir uma cosmovisão a partir das formas de resistência e conceitos associados em todas as dinâmicas comunitárias.

O sonho é um espaço de resistência individual de grande poder. Lá pode acontecer momentos de completa

liberdade, tornando-nos subversivos contra toda forma entendida como repressão. Grandes homens e mulheres, nas diversas formas de resistência da história, conseguiram sobreviver anos de prisão, torturas e condições muito severas, pelos sonhos que orientaram suas existências e alimentaram as suas narrativas explicativas e simbólicas, bem como as causas defendidas por eles.

Essa é uma razão para os esforços de colonização ter como alvos os sonhos. Dominando-os, toda resistência acaba. Sabemos que os colonizadores têm muito caminho percorrido neste sentido. É também uma razão para os esforços de descolonização ter como alvos os sonhos coletivos e individuais, só que estimulando-os. O Futureo, como proposta metodológica vai nessa direção.

SONHAR

O verbo “sonhar” tem nos dicionários várias acepções, com elementos comuns. Nós, no Futureo, falamos de sonhar como:

Criar, mediante a combinação de representações mentais de coisas concretas ou ideias, mas também de uma combinação individual e coletiva, com a intenção, não de continuar fundamentalmente como já estamos, mas sim de abrir as portas do melhor possível. Mudar!

No Futureo, recuperamos para o nosso ato de sonhar, a intencionalidade: estamos fazendo isso porque nós decidimos sonhar. Vamos sonhar para então desejar o sonho. Só que sonhamos em estado de vigília. Dessa forma, é possível afastarmos da visão de que o ato de sonhar acontece só na dimensão do que não é ou do que é “não-real”. Para nós, é um “não-é-ainda”, porque já está sendo.

E não é qualquer sonho, é um sonho bonito, porque cria uma imagem bonita. E a imagem bonita parte dos sonhos individuais, e vai sendo – passo a passo, mais e mais –coletiva.

FUTURAR É UM EXERCÍCIO DE ATORES PROTAGONISTAS

Sempre temos os que esperam, os que procuram descobrir e os que constroem. Não é de se estranhar que muitas pessoas estão se perguntando para onde estamos indo e para onde vai todo o mundo. Este questionamento se dá, pois vivemos em tempos diferentes, agitados, deixando as pessoas desamparadas e desorientadas, em um planeta tão caótico em que se faz muito difícil prognosticar. Nós, sem futurar, não sabemos como vai ser o Futuro. O que surpreende é que, apesar das dúvidas, ainda estamos escutando, e sendo orientados, por todas as partes, que devemos preparar as crianças, os jovens e também os adultos para o futuro. Mas que futuro está sendo pensado para eles?

Preparar-se para um futuro “X”¹²⁹ ou construir esse futuro?

A proposta nestas páginas não é nos preparar para o futuro. É sim preparar um futuro para nós e nossas comunidades. Um futuro bom e construído a partir de uma imagem bonita e consensual. Não falamos de um “desenvolvimento” que vai chegar para nós, os “subdesenvolvidos”, mas de um futuro que nós vamos sonhar primeiro e, desta forma, construir. Nós somos os atores protagonistas e responsáveis por nossas vidas e pela

natureza como indivíduos e como parte do casal, da família, do coletivo, da comunidade, do bairro, do Brasil, da América Latina, do planeta, etc.

- **De um lado estão ainda os necessitados de esperança**

Você pode perguntar: como vai ser o futuro? Vai obter respostas diferentes de distintas pessoas. Se você fala com um menino “da classe média urbana”, que vive a vida influenciada pela TV, a tela vai responder por ele. Quando perguntamos em uma pesquisa, sobre sua imagem de futuro a membros de cinco gangues juvenis na Nicarágua, a maioria dos jovens entrevistados mencionou, como falado acima, três opções: a prisão, o hospital e o cemitério (ULLOA, 2004). As pessoas que trabalham com adictos¹³⁰ em drogas sabem que quando você faz a mesma pergunta para um adicto, a resposta pode ser: “Eu fumo crack há 15 anos... Então quer dizer que eu já morri há 15 anos”¹³¹. Mas, sabemos que muitos adictos sonham com um futuro sem dependência química, sonham encontrar sua família, sonham em ter um lar e tantos outros sonhos possíveis...

Só que é diferente perguntar “como vai ser o futuro?” de “como você quer que seja o futuro?” Resposta fácil para uns, difícil para outros. Há quem venha sonhando futuros bonitos e quem não. Muitos viajantes na vida são acomodados e apenas continuam andando os caminhos construídos pelos outros.

E muito perto estão os protagonistas das mudanças

Temos quem pode responder que não se trata de chegar, mas de caminhar, vivendo a caminhada e sempre sonhando. Podemos caminhar com eles? Sim! Então a proposta avança para imaginar futuros sucessivos consensuais e sempre incompletos (em construção). Na caminhada, os caminhantes vão refletindo para resgatar provocações, formular perguntas (inquietar-se), gerar explicações, aprimorar a imagem do futuro. Impulsionando diferentes estágios, fases, etapas, espiras, os caminhantes também vão convidando novos construtores de sonhos, novos caminhantes. “Desejo que um dia você se junte a nós” (John Lennon).

FUTURAR É UM EXERCÍCIO DE REBELDIA

Cada novo Futureo chega para a produção de uma imagem boa e bonita para os setores participantes. É um exercício de expressão, reflexão, diálogo e consenso. Esse produto e a sua produção são um ato de indisciplina, oposição ou, pelo menos, resistência ao *status quo*¹³². Ou seja, um exercício de rebeldia, que desafia localmente a história desse mundo complexo e complicado que revisamos anteriormente nesta publicação e às forças que ainda são hegemônicas no planeta.

FUTURAR É SUPERAR A LINEARIDADE DO TEMPO SEQUENCIAL

Lembra a definição do futuro como fluxo? Inclusive as fontes mais populares de consulta não acadêmica¹³³ indicam que “O Futuro é o intervalo de tempo que se inicia após o presente e não tem um fim definido. Referente a algo que irá acontecer” e acrescentam que “o futuro é o estado utilizado na mecânica clássica para dizer algo que está por vir”. É o que ainda não aconteceu.

Quando fazemos o exercício de Futureo não falamos de “algo que está por vir”, mas de algo que estamos construindo nesse momento, nem falamos de algo que “ainda não aconteceu”, mas que já começou a acontecer, só pelo fato de ter sido sonhado.

É certamente um exercício de rebeldia contra a ideia de sequência lineal do tempo: **passado** ⇨ **Presente** ⇨ **Futuro**.

FUTURAR É UM ATO DE ESPERANÇA

Caminhar a trilha para construir uma imagem de futuro, bonita e por consenso é um exercício de educação (formação entre todos). Vejamos o caso abaixo:

Quando em um auditório cheio de técnicos, um dos autores introduziu a palavra ‘bonito’ para descrever o tipo de sonho que buscamos no exercício de Futureo, aconteceu algo que já conhecia: o Silêncio! Sim, e a suspicácia se escondia no ar. A mesma situação aconteceu na Centro-América quando começamos a usar a palavra “amor”, como fator a considerar para entender a relação dos camponeses e os povos indígenas com a terra, contrastando com o desejo de lucros grandes e rápidos das corporações. Estávamos compreendendo que os termos “amor” e “lucro” dificilmente se harmonizam.

Depois descobrimos que a palavra ‘bonito’ também não é facilmente aceita pelos pragmáticos, nem pelos acadêmicos mais padronizados, inclusive pelos moradores das comunidades. Como não vai ser suspeito, se a história parece comprovar insistentemente que o que é bom, na verdade, não é tão bom, ou não fica bom, sempre algo aconteceu. Veja:

Achamos que era boa a vitória para a independência dos diferentes países latino-americanos, mas chegou com outras formas de dependência. A liberação da escravidão que só podia ser boa carregou outras limitações, que ainda não são superadas. Chegaram projetos de industrialização de boa aparência, mas destruíram o território. Aconteceram mobilizações com boas intenções, mas muitos dirigentes mudaram de ideia quando os seguidores deixaram de controlar; um ditador foi derrotado e, anos depois, foi nomeado presidente nas eleições. Experienciamos organizações políticas e sociais e revoluções que pareceram boas e triunfantes, mas algo ruim tinha que acontecer, quando o divisionismo e o dogmatismo fizeram seu trabalho. Iniciaram as conversações de paz, mas algum setor protagonista mudou de opinião e foi destruído pela mesma violência de certos setores interessados... E assim...

Podem mudar essas tendências? Sim! E para anunciá-lo, partimos primeiro da esperança de que podem ser mudadas e depois das dicas que você poderá ler no capítulo VI desta publicação (Por que achamos possível Futurar). É difícil? É!

E não estamos sozinhos. Paulo Freire, na obra “Pedagogia da Esperança” diz:

[...] prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, a pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais (FREIRE, 1992, p. 05)¹³⁴.

Ele também mencionou nossa responsabilidade, e também a sua leitor/a:

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (Idem, 2000, p. 33)¹³⁵.

Nós estamos falando da imagem de um futuro bom e brilhante, que agrada ao espírito, e aos sentidos dos participantes, mas sem necessariamente ser perfeito. Dessa forma, falamos de um futuro bonito. O uso da expressão tenta romper a cadeia com uma história de acontecimentos tristes e de muitas frustrações que tem marcado a América Latina.

É interessante descobrir no processo de Futureo, como os participantes, na criação do seu primeiro sonho bonito, muitas vezes são surpreendidos com o resultado do que eles constroem. A descoberta progressiva de semelhanças e compatibilidades entre os diferentes sonhos os fazem sentir-se mais juntos, destacar outros aspectos comuns (comunidade). Como esse é um lindo sonho e é produzido coletivamente, os participantes gostam do sonho e o assumem facilmente.

No Futureo, destacamos o lindo que tem e que pode ter a vida e vamos anunciá-lo com as palavras que sejam necessárias. Só que às vezes a linguagem ainda não tem os recursos suficientes para fazê-lo e reforçar as categorias que precisamos superar, gerando para nós o desafio de criar novas palavras, novas formas de propor... Aos poucos, os participantes e nós mesmos, vamos entendendo que a reinvenção do mundo, passa também pela reinvenção da linguagem e que a recriação dele é parte do futuro bonito. A reinvenção da linguagem vai acontecer na medida em que estamos atentos aos nossos discursos e suas consequências, e aos discursos dos outros e da mídia e as suas consequências.

FUTURAR É UM ATO DE HUMANIZAÇÃO

Na vida, algumas situações são mais humanas que outras. De acordo com Tomas Luckmann (1996)¹³⁷, sociólogo americano-austríaco de origem eslovena, a ação é produção, reprodução e comunicação, e explica que na vida dos humanos acontecem vivências e experiências simples, nas quais somos inseridos ou nos acontecem. Há outras ações que tem intenção, são motivadas, e estão orientadas pelo futuro e, assim sendo, podemos nomeá-las de “atos”.

Estes “atos” são humanos. As ações nas quais somos inseridos, sem nossa intenção, não tem esse caráter tão humano. A geração da imagem de futuro aponta que as pessoas da comunidade possam intencionar suas ações, para que sejam “atos”, conforme a perspectiva de Luckmann.

Acontece o contrário quando não temos uma imagem de futuro. Nossas ações e decisões podem ser incoerentes umas com as outras; ou podem ser coerentes, e ainda estar enquadradas em padrões ou

intenções que não entendemos, não gostamos e não sabemos como evitar. Essas ações tem um caráter de inumanidade. Também podemos ter uma imagem de futuro que comanda as nossas ações e decisões, mas sendo essa imagem construída por outros atores, sem a nossa participação, como se não tivéssemos a capacidade de idealizar um futuro para nós. Outra situação inumana.

Pensar o futuro é diferente de esperar o futuro feito por outros. É um ato do presente. O exercício da capacidade de sonhar, imaginar, idealizar e construir futuros é uma característica que evidencia a condição de ser “humano”, ainda mais que a capacidade de lembrar. Quando os participantes no Futureo vinculam seus sonhos, os depuram e constroem coletivamente o futuro bonito para todos, e nesse processo o nível de humanização é maior.

FUTURAR É UM ATO DE RESPONSABILIDADE

Desde o tempo presente, a comunidade e cada um de nós pode optar entre diversas formas para se relacionar com o futuro já esboçadas acima:

1. O futuro chega para nós¹³⁸. Então, vamos deixar a vida acontecer e fazer o que vai sendo apresentado. É viver o presente, sem refletir ou questionar de onde vem, nem o porquê. Tentar nos satisfazer com o que chega;
2. Nosso futuro foi feito por outros e aceitamos. Vamos percorrer o caminho para esse futuro decidido pelos outros, em cuja idealização não participamos. O mais que assumimos é um planejamento operativo e a escolha de uma trilha. Às vezes, há opções entre futuros também não idealizados, em essência, por nós. Em outras situações, só temos que caminhar os passos que também foram decididos pelos outros; e
3. Nós (a comunidade) definimos na maior liberdade possível a nossa imagem de futuro: um futuro desejado e também expressado pela comunidade e as pessoas que a formam.

Para empreender o Futureo escolhemos a terceira opção. Assumimos nossa responsabilidade sobre o nosso futuro, e não o deixamos para outras forças. Essa responsabilidade será fortalecida durante a aplicação do método.

FUTURAR É UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO GRADUAL

Os processos não são um salto repentino, que produz um resultado imediato. Significa ir adiante e implica uma sucessão de mudanças e um ordenamento mínimo de ações. A construção da imagem de futuro não é improvisada. Ela segue um método. Um método é um conjunto de passos predefinidos que conduz para certo resultado que, em nosso caso, é a imagem coletiva de um futuro bonito. A gradualidade é uma condição do Futureo, que inicia a partir de geração ou evidencias dos sonhos bonitos individuais na primeira parte do método. Cada sonho individual vai se fundir com outros sonhos individuais do mesmo Setor com “interesses em jogo” e assim continuam os encontros e integrações de sonhos do mesmo setor e depois de diferentes setores até chegar consensualmente a um sonho coletivo.

Depois da construção do sonho pelo consenso, são desenvolvidas ações para garantir que a imagem do futuro bonito seja indicadora do sentido para as ações, de forma que cada uma delas aporte para tornar realidade o futuro imaginado. Para complementar podemos fazer comparações construtivas, que podem

facilitar a tarefa de “fechar-abrindo”¹³⁹.

Os benefícios da sinergia

O diálogo progressivo – ascendente – entre os construtores do sonho possibilita que a sinergia entre no cenário em vários sentidos, desse modo o sonho produzido vai superar a soma dos sonhos individuais dos participantes. Assim, entendemos que seja um exercício criativo, às vezes tão criativo que surpreende.

A gradualidade para comungar os sonhos dos diversos participantes e para fazer deles um só sonho de consenso tem outros efeitos. Ela faz possível uma aprendizagem dos participantes nas suas argumentações e discussões em cada passo. Uns aprendem dos “outros” e conhecem melhor cada “outro”. E assim, cada um vai se sentir parte importante da criação.

Os comentários, os silêncios e as perguntas dos demais fazem com que cada um saia do exercício meditando profundamente sobre suas vidas e, uma vez fortalecido, assuma a busca desse futuro. E essa atividade de reflexão e reconfiguração dos sonhos individuais e dos pequenos grupos, abrilhanta a possibilidade de expressão e discussão de cada participante.

Enriquecer a cultura comunitária

Não é só realizar um exercício de construção de um futuro bonito. Buscamos mais: primeiro um Futureo para uma situação; e algum tempo depois, outro. Quando, depois de um tempo, a comunidade decide desenvolver outros Futureos, as suas perspectivas amadurecem e se afirmam. Novos protagonistas irão aparecer para a situação ou a dinâmica que preocupa. Por exemplo, as crianças podem fazer parte dos novos sonhos da comunidade, agora como protagonistas, e não só como objeto de cuidado e atenção; os idosos, que na sua velhice acabam sendo deixados de lado (abandonados) por parentes e familiares, e às vezes são esquecidos por não fazerem parte dos planos “modernos” dos filhos/as, poderão ser considerados pela sua sabedoria, fazeres e conhecimento da história; alguns movimentos sociais, que anteriormente não tinham localmente relação com a situação comunitária, serão considerados como parceiros.

Desta forma, estamos enriquecendo a cultura comunitária de duas maneiras: com a prática do Futureo e descobrindo protagonistas potenciais.

À medida que aprofunda em novos exercícios de Futureo, a comunidade poderá descobrir e incorporar nos seus sonhos, elementos das diferentes resistências dos povos latino-americanos e de propostas de Futuro que já caminham pela América Latina, como a filosofia do Sumak Kawsay, Suma Quamaña.

César Augusto Baldi¹⁴⁰ destaca uns princípios básicos constituintes da cosmologia dos povos dos Andes que podem alimentar muito bem as discussões e construções comunitárias sobre a sua vida e seu relacionamento entre dinâmicas comunitárias, entre setores, entre pessoas,

Tanto ‘sumak kawsay’ quanto ‘suma qamaña’, de origem quéchua-aimará, inserem-se dentro de uma cosmologia indígena baseada nos seguintes princípios: a) relacionalidade do todo como força vital do que existe; b) correspondência, ou seja, os distintos aspectos, regiões e campos da realidade se correspondem de forma harmoniosa; c) complementariedade, no sentido de que nenhum ente ou ação existe por si só de maneira isolada, mas sempre em coexistência de seu complemento específico; d) reciprocidade, de tal forma que os diferentes se condicionam mutuamente e, pois, um esforço de uma parte é compensado por esforço de mesma magnitude pelo receptor (BALDI, 2013)¹⁴¹.

O leitor/a observa que ressaltamos a aplicação do Futureo como um exercício na vida das comunidades, dos coletivos (organizações, equipes e projetos, etc.), e até das famílias. É uma ferramenta para direcionar suas próximas iniciativas – grandes e pequenas – suas estratégias, seus planos, e seus projetos.

FUTURAR É CONSTRUIR SEM RESTRIÇÕES

Não falamos de qualquer sonho. Quando imaginamos juntos o futuro que queremos como um futuro bom, como um futuro bonito, como um futuro inclusivo dos sonhos de todos os setores participantes, estamos futurando. E para esse entendimento utilizamos como sinônimos as palavras “futurar” e “sonhar”.

Quando um indivíduo constrói a imagem do que para ele é um futuro bonito, avança pelo menos um passo da sua realidade atual. A nova realidade deve ser melhor nos aspectos que mais afetam e tais aspectos aparecem facilmente. Estão na pele. Em espanhol, diz-se que eles estão “a flor de piel”¹⁴² “o que está na mesma pele”, ou seja, perto de se evidenciar. A recomposição pode ser muito radical, se há confiança, se não percebe ameaças, se tem experiência e se é uma pessoa muito criativa.

Agora, quando este indivíduo compartilha seu sonho, sem medo, com outras pessoas, de seu mesmo setor, e logo de outros setores, para fazer convergir os diversos sonhos, se acrescenta as possibilidades de transformação e criação. E assim acontece no método em cada nova integração dos sonhos coletivos.

São frequentes as surpresas durante a aplicação do Futureo. Alguns setores, ao tomar conhecimento dos sonhos dos outros, ficam perplexos. Por exemplo, o setor de pais jovens na comunidade pode se surpreender quando o setor das avós da comunidade constrói uma imagem do futuro bonito onde elas estão não só descansando ou tratando suas doenças, mas desejariam fazer coisas como: viajar, estudar, dançar, trabalhar em algo novo... Atividades consideradas preconceituosamente de “jovens”. E se surpreende ainda mais quando elas revelam que querem ter mais tempo para elas, o que nunca tiveram por ter assumido ao longo da vida cuidar dos irmãos, dos pais idosos, dos filhos e hoje, dos netos, para que os adultos (seus filhos) possam realizar suas atividades diárias, se socializar, arrumar sua casa e relaxar.

Em uma atmosfera de suficiente confiança no Futureo, poderiam ser apresentadas iniciativas das avós, que às vezes são segredos mantidos por muito tempo, como explicar sobre a Umbanda e outros rituais religiosos que são reprimidos; contar a história da comunidade, fazendo ou não recortes de situações difíceis e cruéis; ensinar um jogo tradicional que está desaparecendo; fazer artesanato de barro com os adolescentes; ensinar a língua original; usar o espaço das rádios para dar bons conselhos; sugerir ideias sobre os problemas; criar um grupo de crianças dançarinas a partir de uma dança tradicional; entre outros. Conseguir isso será parte da busca de um futuro bonito para esse setor da comunidade.

Nenhum modelo mental deve escravizar as pessoas. É um princípio que tentamos cumprir. As pessoas vão construir seu próximo presente (seu futuro) tentando quebrar as forças escravizantes dos esquemas preconcebidos. Concordando com Agostinho de Hipona (1995), o assunto é aplicar o nosso “livre arbítrio”¹⁴³, que pode ser entendido como a aplicação da liberdade própria da essência dos seres humanos, mas na realidade só é assumida por aqueles homens e mulheres que não tem sido desumanizados. A imagem de futuro é construída a partir dos desejos, e eles não são só produto do pensamento, mas também são sensoriais, ou seja, envolvem os sentimentos e os sentidos do corpo.

Ajudando-nos a nos posicionar, Freire (2000) criticou firmemente a perspectiva mecanicista da história, seja da direita ou da esquerda que orientava para um futuro preestabelecido. E daí, aparecem suas ideias acerca da morte do sonho ou da sua negação. Já com o filósofo F. Nietzsche na obra “Crepúsculo dos ídolos”,

temos claro que a humanidade chegou à adoração de valores que são contrários àqueles que poderiam garantir um belo futuro. Ele criticou as certezas qualificando-as como incertas¹⁴⁴.

Na construção da imagem do futuro bonito, as pessoas da comunidade vão desconstruindo a tendência de fazer só o que se espera que deve ser feito e trocando-a por decisão dos outros. Vão também mostrando que as “certezas” que fundamentavam o curso das tendências opressoras históricas não são tão certas. Também vão compreendendo que temos um opressor dentro de cada um e que devemos retirá-lo.

O FUTUREO É UM MUTIRÃO COM DIVERSOS RECURSOS METODOLÓGICOS

Os seres humanos imaginam um mundo melhor quando consideram este um erro (algo não está bem). O outro pode ser paralelo a este como no caso do “mundo das ideias” de Platão e o mundo pós-morte (paraíso). O mundo das ideias pode só ser tocado, mas não muito, pelos criadores intelectuais e o mundo pós-morte pode ser só tocado pelos mediadores (curas, pastores, entre outros religiosos).

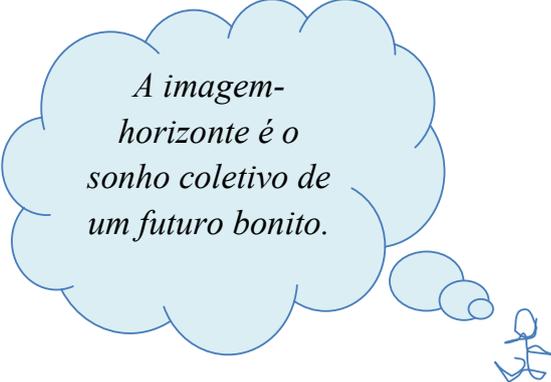
O futuro pode ser visto de várias formas: por meio das forças sobrenaturais, como por exemplo, deus, magia...; por meio da sua construção por setores poderosos no mundo, no país ou na comunidade, a exemplo da burguesia, das transnacionais...; um futuro que chega pelo acaso; e o futuro que é construído intencionalmente pelo povo. Quanto às mobilizações, destacamos duas categorias: a súplica, nos casos de futuros em que recorreremos às forças sobrenaturais ou a setores poderosos e a mobilização cidadã, quando a construção do futuro reflete os interesses coletivos.

Na modernidade, nasceu a paixão pelo futuro, afirmou Viviane Mosé¹⁴⁵, e esperava-se que a ciência e a filosofia resolveriam tudo, transformariam o mundo para o bem. O Futuro – em forma de uma vida de bem-estar resolvida – chegaria seguramente para os moradores do mundo. Porém, isso não aconteceu.

Ainda segundo a autora, para Nietzsche, filósofo alemão do século XIX, a história do pensamento humano é a história de negação da vida. Além disso, ele não aceitou a existência de um mundo paralelo perfeito, proposto por Platão, nem o mundo após a morte de cunho religioso.

As propostas dos mundos certos de Platão e dos iluministas têm em comum a imagem de futuro construída para a maioria das pessoas, por uma minoria, uma elite, ou um criador, a partir da razão ou das crenças. Nos dois casos, as pessoas que não são parte da elite, são apenas informadas do que vai acontecer e devem esperar o futuro estabelecido. A proposta é, portanto, imobilizadora.

Nesta publicação, tomamo-nos uma posição alternativa para propor o exercício do Futureo. Acreditamos na possibilidade e no direito de construir coletivamente a imagem de futuro comunitário, por consenso entre os setores de pessoas que estão envolvidas, desde diferentes perspectivas e interesses. Neste caso, o processo de construção é mobilizador, pois o sonho que criamos é para ser utilizado na busca de um bem viver e na construção de processos sinérgicos.



*A imagem-
horizonte é o
sonho coletivo de
um futuro bonito.*

O Futureo é então um processo de construção gradual e consensual, de uma bonita imagem-horizonte, seja de uma comunidade territorial, uma comunidade não territorial, uma dinâmica comunitária, uma prática, uma iniciativa, uma organização comunitária, um coletivo ou uma situação atual “X”. Nosso sonho bonito e coletivo vai estar lá, no horizonte, para propor um sentido às ações de cada participante.

Pensando com Gabriel García Márquez, o Futureo tem sentido quando estamos buscando terminar com a condenação de “Cem Anos de Solidão”, e os 500 anos de exploração, da população de um continente. Quando já não falamos de um tempo linear e consecutivo, mas circular, ou melhor, em espiral.

Para as comunidades, a aplicação do Futureo é um caminho e é também uma inovação no caminho. É uma provocação para refletir e para se mobilizar em direção a esse horizonte. Futurar é um processo mobilizador que não gera falsas promessas.

O FUTUREO É UM EXERCÍCIO BOM PARA SITUAÇÕES DIFÍCEIS.

Quando a comunidade está em precárias condições e não acredita em seu poder para mudar as tendências é vulnerável para propostas depredadoras. Os moradores estão encurralados. Nestes casos, por exemplo, a instalação de um megaprojeto mineiro parece muito bom quando oferece emprego, constrói uma escola melhor ou um posto de saúde. Mas os moradores estão vendo só o emprego, a escola e o posto de saúde que vão estar lá em poucos meses. Eles não estão nem imaginando as consequências na vida global, no território, nos recursos hídricos, na vegetação...

O Futureo, em situações como essa, pode levar para a construção de duas imagens de futuro uma imagem A, com a proposta depredadora, neste caso o megaprojeto, incluindo a escola, o posto de saúde e os empregos para alguns de seus membros e uma imagem B, desde uma perspectiva alternativa mais harmônica com a natureza e com a vida de todos.

Para a construção da imagem A, a comunidade pode conhecer experiências dos danos das minas de ouro a céu aberto no país, por exemplo, e em outros lugares da América Latina, e como vai variar a paisagem do território de seus pais e avós¹⁴⁶.

Para a construção da imagem B, a produção agroecológica é uma boa escolha/iniciativa para gerar um futuro bonito da comunidade, em 10 anos. A idealização pode ser alimentada também por visitas a experiências na região ou regiões similares e depoimentos de agricultores experimentadores e outros protagonistas da agroecologia.

Todos têm vivido situações comunitárias ou organizacionais, mas quando tentamos avançar, pensamos que “não tem como”, ou vemos nos olhos das outras pessoas um “de jeito nenhum”. O assunto é que quando uma comunidade (ou uma pessoa) está encurralada, sempre é bom sonhar. Ninguém pode impedir de sonhar individualmente, mas o sonho coletivo é mais poderoso. Ajuda o apoio de protagonistas, os quais podem ilustrar alternativas.

Para quê?
Para compartilhar os desejos...
... E tecê-los.
Para traçar rumos...
... E tecê-los.
Para convocar vontades...
... E tecê-las.
Para com desejos, rumos e
vontades tecidas...
... Caminhar a trilha que faz o
futuro.

NOTAS

¹²⁶ DUSSEL, Enrique. 1492: o encobrimento do Outro. A Origem do “mito dá modernidade”. Petrópolis. Editoras Vozes. 1993.

¹²⁷ MAMANI, Fernando Huanacuni. Abya Yala, tierra noble que acoge a todos. Publicado no blog: <http://www.katari.org/archives/abya-yala>, em novembro de 2013. Acessado no dia 12 de julho de 2015.

¹²⁸ PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 25-30, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

¹²⁹ Utilizamos o “X” para retratar uma situação indefinida.

¹³⁰ Adicto: Dependente de; Submisso a; Ver: De jovens adictos, para jovens adictos. Narcotics Anonymous World Services, 2012.

¹³¹ Depoimento de um adicto que vive na Cracolândia – referência popular dada a região do centro de São Paulo onde vivem vários dependentes. Assista vídeo: Crack | Profissão Repórter - Clínica Vale Verde – Atibaia – 28 de abril de 2014.

¹³² Kahneman, Knetsch e Thaler (1991) afirmam que o ser humano possui uma forte tendência a manter o status quo, pois as desvantagens de sair da posição atual parecem muito maiores que as vantagens. Ver: PRATES, Wladimir Ribeiro. Manter o status quo: o estado atual das coisas. 2014. p.1

¹³³ Futuro: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Futuro> - Acessado em 26 de dezembro de 2015.

¹³⁴ FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo. Paz e Terra, 1992.

¹³⁵ Idem. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. Unesp, 2000.

¹³⁶ Cf. FERREIRA, A. d. (2010). Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa (8 ed.). Curitiba, PR, Brasil: Positivo.

¹³⁷ LUCKMANN, Tomas. Teoría de la Acción Social. Paidó, 1966.

¹³⁸ “Nós”- está fazendo referência: a comunidade; a nosso e da comunidade.

¹³⁹ Fechar-Abrindo: Momento final de um exercício ou processo que foca na primeira idealização das ações posteriores, a partir da utilização das aprendizagens e produtos da experiência.

¹⁴⁰ César Augusto Baldi é Mestre em Direito (ULBRA/RS), servidor do TRF-4ª Região desde 1989, é organizador do livro “Direitos humanos na sociedade cosmopolita” (Ed. Renovar, Rio de Janeiro, 2004).

¹⁴¹ BALDI, Cesar Augusto. Sumak kawsay, interculturalidade e descolonização. Jornal Carta Forense, 2013.

¹⁴² Expressão usada para expressar a emoção que flui, sai da pele.

¹⁴³ AGOSTINHO, Santo. O Livre-Arbitrio. Paulus. 2ª Ed. 1995

¹⁴⁴ Cada livro tem uma história ou mais. O título original do livro de Nietzsche era ‘Ociosidade de um psicólogo’. Após sugestões de um amigo Peter Gast, o primeiro a corrigir e comentar o texto, Nietzsche recebe, em carta do dia 20 de setembro de 1888, a sugestão para alterar o título por se tratar, talvez, de algo “demasiado modesto”, Nietzsche escreve em resposta, em carta de 27 de setembro de 1888, alterando em definitivo o título e o texto passa a se chamar ‘Crepúsculo dos Ídolos’, ou ‘Como se filosofa com o martelo’. Nessa mesma carta, Nietzsche registra que o título seria “mais uma maldade contra Wagner”, nesse caso uma espécie de paródia com a obra wagneriana ‘Crepúsculo dos Deuses’. Sobre o tema, cf. KSA 14, p. 410; Nachlass 1888, 22[6], KSA 13, p. 586. Ver texto de: VIESENTEINER, Jorge Luiz. Nietzsche e o Horizonte Interpretativo do Crepúsculo dos Ídolos. PHILÓSOPHOS, Goiânia, V.17, N. 2, P. 131-157, JUL./DEZ. 2012.

¹⁴⁵ MOSÉ, 2012. Especial Nietzsche. Youtube- [Online] // Café Filosófico -cpflcultura, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/wszgKT2zS-c>. Acesso em: 11 de janeiro de 2015

¹⁴⁶ Exemplos de situações pela mineração no Peru. Magali Zevallos/Gran Angula. Adital “Perú: represión y muertes en conflictos mineros” em 19 de maio de 2015. <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=ES&cod=85090> acessado em 24 de maio de 2015.

CAPITULO V



O que
queremos
com o
Futureo?

[...] Sem uma imagem do futuro, não fazem sentido as nossas ações de hoje, e é de acordo com essa imagem, que nossas ações vão tomar uma direção ou outra. Partilhar uma imagem esperançosa do futuro é um dos maiores capitais que a sociedade pode ter. A desesperança, pelo contrário, é um travão ao desenvolvimento. O futuro é como uma profecia autorrealizável, seu sucesso ou fracasso vai ser em grande parte determinado pela imagem sobre ele, que nós projetamos hoje.

(Relatório de Desenvolvimento Humano, PNUD, 2002, Nicarágua).

Em Espanol:

Sin una imagen del futuro no hay sentido para nuestras acciones de hoy, y según esa imagen, nuestras acciones tomarán una dirección u otra. Compartir una imagen esperanzadora del futuro es uno de los mayores capitales de que puede disponer la sociedad. La desesperanza, por el contrario es un freno al desarrollo. El futuro es como una profecía autocumplida, su éxito o fracaso va a estar en gran medida determinado por la imagen que sobre él, proyectemos hoy.

(Informe de Desarrollo Humano de PNUD, 2002, Nicaragua).

Borges, em seu conto, “Tlön, Uqbar e Orbis tertius” traz a história de uma sociedade secreta que escreve uma enciclopédia de uma região imaginária (inventada): Tlön. Quando a enciclopédia deixa de ser secreta, o mundo imaginário Tlön passa a dominar/encurrular o mundo real (descoberta), colocando em risco toda ordem anterior. O escritor utiliza-se de dois termos “inventar” e “descobrir”¹⁴⁷, pois no conto foi preciso inventar Tlön com todas as suas regras, leis, idiomas, política etc., que passou a descobrir o mundo real e consequentemente a dominá-lo.

Parecido com o que propôs Borges, no Futureo o exercício é “inventar” (imaginar) um futuro para depois “descobrir”, mas com a diferença de não dominar ou encurrular os “mundos” e as pessoas, mas ter as rédeas para construir um caminho possível e bonito para o futuro de todos.

Todo o exercício de expressão, reflexão, diálogo, e consenso, que estamos nomeando de Futurar é para ver, sem restrições, uma situação boa que nós, juntos, construímos localmente. Ela, a situação boa, é uma imagem nossa, positiva só que evasiva, que nos aproxima para a tripla harmonia e que é disponibilizada no horizonte como referência para nossas decisões e ações.

Desta forma, ajuda a mudar a perspectiva do nosso passado, de outros sonhos de futuro, de nossa autoimagem e da vida, contribuindo para mudar a automatização, a inercia e a imobilidade das pessoas, e subsidiar nossas decisões e ações na busca das grandes mudanças, e assim ser protagonista do nosso destino, com um regime do povo (cidadão).

Conseguimos isso usando a imaginação, os desejos e as informações disponíveis pelos participantes. Fazer isso esclarece a intenção comunitária e a fortalece. Na imagem de futuro bonito, já temos pelo menos outro motivo comum, um horizonte compartilhado de futuro diferente. Mas não é qualquer imagem de futuro. É uma imagem que aborda a ideia de outro mundo possível, marcado pelo bem viver. Na construção, vão sendo descobertas as condições de um bem viver.

FUTURAMOS PARA GERAR UMA IMAGEM NOSSA POSITIVA QUE É EVASIVA

O primeiro passo para conseguir que um sonho seja uma realidade é construí-lo, idealizá-lo. Seria ótimo se cada comunidade, organização ou coletivo, assumisse a idealização de um futuro para seu segmento de situação. E, em seguida, tornar-lhe real. A imagem deve ser convertida em realidade, mas não tem que acontecer amanhã, pode ser depois de amanhã... O importante é tê-lo como referência, presente na vida cotidiana, orientando as ações das pessoas inseridas nela. A seguir três condições para que a imagem de futuro seja um bom impulso na mudança:

1. Deve ser uma Imagem-nossa. Uma imagem da comunidade. A imagem do futuro pode ser imposta por forças externas intervenientes ou setores domésticos, com grande poder; ela também pode ser copiada quando a nossa capacidade de imaginar está baixa; nós não queremos isso! A nossa-imagem vai ser criada pelos participantes em uma base compartilhada com propostas de diferentes setores internos. Neste último caso, é uma imagem-nossa com muito mais probabilidade de reunir as várias forças internas após a sua realização.

2. Deve ser uma imagem positiva. É diferente destacar um passado ruim de um futuro bonito para o caminho. Quando a imagem de futuro é positiva, o passado negativo pode ser mais controlável. Ele (passado ruim) vai pesar menos no avanço. O entusiasmo para novos passos será maior.

3. Acontece que é uma imagem evasiva. Quando vocês estão perto de conseguir tornar a imagem em realidade, a comunidade cria uma nova ou aprimora a que já estava lá. O segredo é ter sempre uma imagem de futuro bonita e que ela seja cada vez melhor. Aprimorá-la quando vamos chegando perto dela para iniciar uma nova etapa de ação na comunidade.

Se a imagem do futuro é um destino, a comunidade vai reformulando o destino. É como ir movendo o alvo na medida que nos aproximamos de modo a não ficarmos sem o incentivo para seguir em frente. Se a imagem do futuro é um trecho do caminho, quando avança (percorre) e se aproxima o término (conclusão, mas não o fim), deve aparecer o trecho seguinte (continuidade). Um sonho bonito vai ser seguido por outro sonho mais bonito ou melhorado/ousado e de forma diferente.

FUTURAMOS PARA NOS APROXIMAR PARA A TRIPLA HARMONIA

A tripla harmonia é uma busca permanente, no Futureo, em três sentidos: a busca da harmonia das pessoas com as outras, da harmonia das pessoas com a natureza, e da harmonia de cada pessoa consigo mesma. Mas o que é a harmonia?

1. A partir da definição do dicionário, podemos entender a harmonia como a disposição “bem” ordenada entre as partes de um todo; mas também como a boa relação ou ordenamento com seus pares ou os outros todos; e além disso tudo, como o bom ordenamento entre o sistema maior ou sistemas maiores. São três níveis diferentes: a harmonia específica, a harmonia contextual e a harmonia global.

2. Também pode se entender como a “paz” coletiva entre pessoas, entretanto a realidade mostra que a ausência de atos de violência não é suficiente para falar de harmonia, porque estão também os aspectos da harmonia interior das pessoas e da harmonia com a natureza. Também não é a suspensão de hostilidades... Isso é importante, muitas vezes essencial, mas é só um passo. Também apreendemos que a ausência de conflitos não é um bom sinal de harmonia, porque os conflitos e sua ministração são parte da vida. A proposta

não é falar de conseguir a harmonia, mas de avançar na busca dessa tripla harmonia, preparando espaços, encontrando momentos e ajustando-os durante a busca. Um exemplo é uma orquestra que passa por muitos ajustes, conflitos, e situações complicadas até que no momento da apresentação da obra, é conseguida e demonstrada a harmonia.

3. A harmonia também é apresentada como uma agradável sucessão de sons. Só que nós podemos modificar a ideia, pensando na comunidade, como “uma agradável execução de dinâmicas, de práticas, de atos, de expressões que fazem a vida bonita para todos”.

É bom fazer os seguintes esclarecimentos:

Precisamos entender “conflito” como a discordância entre os interesses e ideias de diversos setores com interesses em jogo, seja entre pessoas em uma comunidade ou organização. Então, o “manejo de conflitos” é parte da busca da harmonia, as ausências de conflitos deixam a situação suspeita.

O Empoderamento inclui a busca intencional da tripla harmonia e o bom manejo do conflito. Destacamos que essa harmonia acontece só entre pessoas que reconhecem sua capacidade de serem protagonistas e é impossível se as pessoas da comunidade ou alguns setores não acreditam no seu poder. A aparente harmonia, como situação de não conflito, é geralmente inumana. E impossível entre pessoas diversas. Só o medo, ou a obediência mecânica, pode explicar esse tipo de ausências.

O discurso do empoderamento é perigoso. Ninguém empodera o outro. Cada um faz a escolha de se empoderar ou não. Só quando ele decide se empoderar, com os outros, vai ser possível mudar de forma consistente. Por mais que os outros possam fazer e criar condições para que os excluídos se empoderem, eles precisam querer. Se o que os escravos buscam é a roupa do amo e a forma de ser do amo, as coisas podem ter uma direção errada. Vão aparecer novos amos, e renascerão os vícios contra os quais foi iniciada a luta. Vamos aceitar que a contradição aparece quando é necessária a exclusão recíproca entre duas proposições, ou interesses na comunidade.

O consumismo é uma agressão contra a tripla harmonia. Contra a natureza, contra os outros e contra a própria pessoa que consome. Só favorece as indústrias do consumo e seus donos. O esforço se esgota rapidamente. Conforme a colunista da Revista Carta Capital, Rosana Pinheiro-Machado, ao falar do Brasil: “Ao mesmo tempo em que os projetos de inclusão sociais resultaram em algumas das maiores conquistas de nossa história – como a redução da pobreza – o projeto de mobilidade social esvaziou a agenda política e ideológica”. A sua proposta é: “voltar à utopia e lista de tarefas urgentes a fazer é longa: reconquistar e reconstruir a base, politizar a pobreza (e não celebrar o consumo), descentralizar o poder e, por fim, empoderar atores políticos que possam conter a alavancada conservadora e lutar pela garantia dos direitos democráticos”¹⁴⁸.

Nós somente mudaríamos a ideia de “empoderar atores políticos” por “criar condições para o empoderamento de atores políticos que possam conter a alavancada conservadora e...” (Lembrar: ninguém empodera outro), além disso destacaríamos também as ações para gerar protagonistas alternativos ao sistema hegemônico em cada um das dinâmicas comunitárias.

FUTURAMOS PARA DISPONIBILIZAR UMA IMAGEM BONITA E NOSSA COMO HORIZONTE

Você tem visto essa linha que lá, longe, separa o céu do mar, ou o céu da terra. Ela parece mágica, e, às vezes ainda mais mágica. A imagem convida nossa atenção e ficamos olhando sinais ou simplesmente porque é bonita (às vezes mais bonita).

Olhando para a imagem, o espectador fica cheio de sentimentos positivos, imagens provocativas, uma sensação de harmonia, paz, memórias especiais. É o horizonte. Podemos falar de uma imagem de futuro, como uma imagem-horizonte.

O Futureo não é um exercício de predição do futuro. Não é para descobrir, interpretar ou profetizar a linha no horizonte, Não! É mais que isso. No Futureo, nós construímos a imagem da situação que vai ser o horizonte. Tem que ser um horizonte o mais bonito possível, para que convide e dê sinais. Bonita para quem? Para os participantes. Os participantes, então, devem juntar seus sonhos, porque nem todos acham bonita a mesma coisa. Os participantes que não fazem parte da comunidade, não têm, nesse momento, uma vaga na construção conjunta do sonho bonito. Depois, eles podem até contribuir com informações e sugestões, mas não nesse momento.



O futuro bonito definitivamente não é possível, quando não existe. A sua possibilidade nasce com a sua criação. E depois? Ele está lá, você acredita nele. Mas, lembre-se de que a imagem de futuro bonito é um horizonte e você nunca chega ao horizonte. Ele cumpre outra função importante: direcionar os projetos e as iniciativas comunitárias. Dar um sentido para a vida da comunidade, ou de um setor da comunidade ou de uma dinâmica comunitária.

Quando um sonho consensual é logrado na sua totalidade, o que acontece é que a comunidade precisa criar outro ou aprimorar o que já estava lá. Lembre-se de que a imagem de futuro bonito deve ser “uma imagem evasiva”, como já mencionada anteriormente.

FUTURAMOS PARA MUDAR A PERSPECTIVA

Algumas comunidades e setores parecem acostumados com “estarem pobres”, enquanto outros parecem assumir que já “são pobres”. Há setores que estão acostumados a ver as pessoas que “estão pobres” como se fossem pobres, incluindo aqueles que trabalham para eles. É uma diferença importante: o verbo “ser” implica uma condição essencial, o que é parte da sua identidade, já o verbo “estar” indica um estado transitório, um “ser” se você prefere só um momento específico e que, neste caso, buscamos superar. As duas perspectivas favorecem formas de intervir totalmente diferentes. O Futureo assume o “estarem pobres” como um estado transitório, causado por pessoas e organizações, ou seja, de origem humana.

FUTURAMOS PARA OLHAR DE OUTRA FORMA PARA O PASSADO

O leitor não deve pensar que o Futureo é um exercício para evitar o passado. O passado vai estar lá, sem revelar explicitamente a sua presença. Além disso, a imagem do futuro que construímos servirá para retornar conscientemente ao passado a partir da imagem do “futuro bonito” que foi produzido dialogando. Como alerta-nos, Ana María Careaga, “não é um agora é preciso esquecer e olhar para o futuro”¹⁴⁹. Assim, tudo o que aconteceu no passado, não pode ter poder no seu hoje (agora), você precisa dar os passos e continuar no caminho buscando iniciativas, ações e referências boas para construir uma imagem-horizonte, e que ela seja bonita para o futuro ainda mais bonito.

Assumindo e construindo uma nova perspectiva de um futuro, conseqüentemente mudar a perspectiva do passado. O Futureo é um momento fundamental no método de pesquisa da história recente, nomeado REI-F ou Revisão de Experiências com vista ao Futuro. Um método que se configura como uma proposta de trilha para construir seu conhecimento e sua teoria aos setores com interesses em jogo, envolvidos em uma situação relevante, encarando o passado recente com um futuro aceitável para todos.

Nos exercícios de REI-F, desde 2011, provamos que o Futureo pode preceder o resgate da história. Nesse método primeiro é a construção da imagem do futuro bonito e só depois a reconstrução do passado. Sendo assim, é possível alimentar a reconstrução da linha de vida da situação (o passado)¹⁵⁰ com a imagem do futuro bonito, recentemente construída. A trilha concorda com algumas visões de mundo dos povos andinos que não estabelecem uma seqüência linear de tempos passado-presente-futuro.

FUTURAMOS PARA COMPARAR A PARTIR DOS SONHOS DE FUTURO

Além de gerar uma visão desafiante para as tendências da história, o exercício do Futureo pode ser usado como uma técnica para outros fins como:

1. Avaliar comparando as experiências até agora de um ou vários projetos com a imagem de futuro bonito; E logo fazer a história dessa situação futura (que ainda é futuro para hoje). Os participantes vão preparando a história por etapas ou espiras: primeiro o que antecede ao futuro sonhado, e logo ao anterior. Dessa forma, cada etapa ou espira é uma situação conseguida, necessária para alcançar a próxima etapa;
2. Confrontar as imagens de futuro bonito de distintos setores com interesses em jogo em uma comunidade, território ou organização, para alimentar umas com as outras e esclarecer elementos da diversidade;
3. Desafiar a vinculação e o compromisso de distintos setores¹⁵¹. Vamos contrastar o futuro bonito consensual com a disponibilidade dos diversos setores e pessoas para lhe construir. Vamos desafiar!

Em síntese, futuramos para mudar a vida, a partir do nosso espaço sem perder a perspectiva latino-americana, nem mundial, sempre na busca da tripla harmonia e do bem viver.

FUTURAMOS PARA APRIMORAR A NOSSA AUTOIMAGEM

A autoimagem dos participantes que desenham sua imagem de futuro bonito melhora e a relação entre os participantes é fortalecida. Precisamos uns dos outros. Somos diversos. A nossa diversidade é a nossa fortaleza para nos movimentar. Habermas (2007) afirmou que somente nos tornamos conscientes de nós mesmos, a partir dos olhares que o outro dirige a nós,

[...] nos olhares de um “tu”, de uma segunda pessoa que fala comigo como uma primeira pessoa, eu me torno consciente de mim mesmo, não somente como um sujeito capaz de vivenciar coisas em geral, mas também, e ao mesmo tempo, como um “eu” individual. Os olhares subjetivadores do outro possuem uma força individualizadora (HABERMAS, 2007, p. 21).¹⁵²

Nesse caso, para Habermas (2007, p. 22) a relação ‘eu e tu’ é compreendida como a presença de dois sujeitos que dialogam num determinado espaço e tempo, em que a individualização depende das relações com o outro por meio da interação e ação para criar sua própria visão de mundo.

Desta forma, quando futuramos, os demais vão olhar diferente para nós e nós a cada um deles. Os demais são “os outros” na nossa situação e outros de outras situações acerca da nossa, e também qualquer um com quem trocamos experiências.

A perspectiva do caminho também é outra. Podemos caminhar nele. Podemos também transformar o caminho ou construir novos, pois a construção coletiva de um sonho, a partir dos sonhos particulares, é um ato criador, um ato de protagonismo dos sujeitos sociais. Logo vêm os passos para transformar em realidade o sonho, mas já é um direcionamento porque contribui para destacar o que a comunidade ou organização imaginou/idealizou, como imagem de futuro bonito, através de uma construção consensual. Pela forma como dar-se o processo, também tem o poder harmonizador entre os participantes, que encontram espaço para se admirar enquanto comunidade.

A busca da “tripla harmonia”, da qual referimo-nos é fundamental para o empoderamento que procuramos. É tripla porque convida a busca da harmonia entre as diversas pessoas e grupos (a interculturação); entre as pessoas e a natureza (da qual somos parte); e de cada pessoa consigo mesma (com nossos sentimentos e crenças). A busca dessa “tripla harmonia” não é possível de alcançar com 100 % de sucesso e também não é o objetivo porque nunca chegamos a ela. Também não é uma condição absoluta de entrada porque todos nós erramos nessa procura. É melhor entendê-la como uma busca necessária e responsável; e também como construção permanente no caminho.

FUTURAMOS COM A INTENÇÃO, TAMBÉM, DE MUDAR A AUTOMATIZAÇÃO, A INÉRCIA E A IMOBILIDADE

Os dicionários podem mostrar que a “automatização” acontece quando os sistemas logram autonomia da intervenção do humano, da vontade humana, de novas decisões humanas. Os mecanismos controlam seu próprio funcionamento. Os corpos apresentam resistência para mudar seu estado de movimento. Há neles uma tendência para continuar no estado que já estão. É a inércia. Nas pessoas, a rotina extrema ou a repetição dos mesmos atos, na mesma sequência, chega a ser inumana. O Futureo vai propor fazer algo diferente. É uma oportunidade para isso, uma vez que as pessoas vão dinamizando o seu espaço e ações a partir das relações com elas mesmas, com seu próprio mundo e com as outras pessoas, e assim, vão (re) criando, decidindo, mudando, tecendo os diálogos e esse conjunto de interações e relações é o que impede a imobilidade das pessoas. Sem essa interação, as pessoas seriam levadas ao estado de inércia (acomodação).

FUTURAMOS PARA INVENTAR UMA IMAGEM QUE SUBSIDIA O PLANEJAMENTO E A AÇÃO

A construção (invenção, descobrimento) da imagem de futuro não é um exercício para cumprir com um requisito no plano operativo. Nem para mostrar um produto. Neste “tempo da travessia” é sim uma ferramenta com capacidade para direcionar as mudanças, em nosso mundo complexo e complicado, assim, como conversamos em outro capítulo desta publicação. Esse mundo onde acontecem situações de injustiça marcadas pelas intenções de controle dos territórios e apropriação dos bens comuns naturais, por um modelo extrativista hegemônico tão perverso que vem transformando seres humanos em mercadoria, desenvolvendo conflitos internos e grandes guerras e reconfigurando o imaginário social.

Assim, a imagem de futuro bonito ajuda a identificar e resgatar dicas das experiências passadas, visando esse futuro como bom para todos. Serve também como referência para produzir decisões e ações que buscam gerar e afirmar tendências na sua busca; pode ser utilizada para subsidiar exercícios de planejamento e para negociar apropriadamente com instituições, organizações e agências. A partir do futuro bonito, vão aparecer objetivos e resultados esperados, perfis dos atores, tipos de relações entre as pessoas, tipos de relação das pessoas com os bens comuns, condições das ações, etc.

Tal imagem pode ajudar a identificar quando “X” ação ou decisão caminha no sentido correto porque o sentido correto é na direção da imagem. A imagem de futuro, também tem a capacidade de ser “lanterna”, outras experiências e o processo pode “iluminar” outras comunidades, além de servir para programas de formação interna.

FUTURAMOS PARA NOS APROXIMAR DAS GRANDES MUDANÇAS

O tempo de transição precisa do melhor de todos nós, caso deseje marcar a nova era planetária como latino-americanos. É uma entrada difícil que precisa de responsabilidade e profundidade, precisamente quando o bom da vida para a maioria dos moradores do mundo é apresentado publicitariamente com a frivolidade e o consumismo.

A nossa ação é desenvolvida subsidiando as mudanças locais, mas com a ideia de contribuir com as macro mudanças, a partir da criação ou afirmação de uma cultura humanizante. Tudo acontece nesse cenário difícil conforme falamos em capítulos anteriores.

A intenção e a possibilidade não é coisa nova. Os povos indígenas já anunciaram grandes momentos da vida planetária como os atuais. Desejamos seguir com entusiasmo no que os povos andinos nomeiam um Pachacuti: uma era de mudança e transformação e então entrar na Pacha Qhana, idade ideal de vida e luminosidade. Desta forma, podemos aceitar o movimento e encarar as mudanças, ou seguir para onde o vento sopra, ou fazer parte do cenário e intervir nele. Porém, o mais difícil é conseguirmos passar essa visão e agirmos o quanto antes e mudar.

FUTURAMOS PARA SERMOS SUJEITOS DE NOSSO DESTINO

Temos ouvido as falas dos protagonistas das comunidades (e as nossas falas), que revelam um sentimento de frustração porque as coisas não ocorreram como desejadas. Nós reclamamos frequentemente, apontando

alguma entidade externa como responsável: Deus, o destino, forças alienígenas, o Governo, o clima, etc., mas poucas vezes vemos responsabilidade em “nós” e quase nunca no “eu”. A conclusão será que se “eu” não sou o responsável, não poderá haver uma mudança por nossos esforços na tendência que nos envolve e aos outros. Essa responsabilidade pertence às outras forças. Há quem diga que isso é parte da cultura ou da nossa identidade ou da vida (“É assim” ou “como Deus quer”) e sustenta sua afirmação com acontecimentos passados. Então, é o que somos e continuará a ser.

Tentamos uma reapropriação da responsabilidade sobre o destino próprio e da comunidade, que por muito tempo tem estado nas mãos de outras forças. A tarefa de construir a imagem desse destino agora está no domínio da comunidade.

A ideia de destino e a sua propriedade é transformada. Hoje, assumimos, como proprietários coletivos, o destino. Somos os seus responsáveis. Somos os responsáveis das consequências da caminhada.

Apesar das relações humanas estarem embebidas dos ideais de mercado, precisamos considerar que os bens comuns são parte do que somos. Têm sido definidos como “Aqueles elementos naturais ou socialmente construídos, que têm as características de ser coletivos e ultrapassar gerações”¹⁵³. Conforme o dicionário, “bem” é o que traz felicidade e por isso é bom¹⁵⁴. A mesma fonte apresenta como exemplos de “bem comum”, a biodiversidade, a água, o ar, as propriedades genéticas agrícolas¹⁵⁵, as florestas, a energia, o conhecimento e as ideias. Se quisermos sermos sujeitos de nosso destino, devemos cuidar e controlar os bens comuns.

Nós e os autores da publicação acima citada entendemos que preservar os bens comuns e garantir o seu acesso a todos – agora e no futuro – é fundamental para a humanidade. Mais cedo ou mais tarde (mas não muito), eles devem fazer parte do sonho bonito, individual, nos agrupamentos sociais, nas comunidades rurais e urbanas etc.¹⁵⁶

Agora, quando futuramos, somos criadores, atores protagonistas- desenhadores do futuro que queremos. Vamos tirar os papéis de simples testemunhos para sermos idealizadores e atores na construção do futuro.

FUTURAMOS BUSCANDO UM REGIME DO POVO

De acordo com o relatório do PNUD (2002), “a palavra democracia, do grego, significa ‘regime do povo’, resume bem a abordagem da governação pelo desenvolvimento humano, porque exprime a ideia de que as pessoas estão em primeiro lugar”, e ainda temos a questão de saber “se pode haver uma coisa como vontade do povo”(p.66)¹⁵⁷. Uma vontade suficiente para construir um regime do povo, atuando o povo como o principal agente dessa transformação/mudança. Precisamente, o que se nomeia tão facilmente como “democracia”, só que sem lembrar a definição básica.

Nós achamos que sim, é possível, mas para conseguir essa vontade dentro do marco democrático, é preciso que os diversos setores populares exerçam uma boa capacidade de sonhar seu futuro, de construir a imagem do que desejam sem perder de vista a busca da harmonia deles com os outros, deles com a natureza e de cada pessoa consigo mesma. Só assim, eles vão ter uma voz própria efetiva, que poderá responder bem ou reclamar a liberdade de expressão e de pensamento, de informação, de luta por meios de comunicação social livre e independente e criar e participar de espaços políticos abertos – para serem ouvidos na tomada de decisão pública. Podem gerar também pressão pública, podem influenciar as decisões e as ações dos funcionários públicos, assim como dos agentes privados.

O Futuro vai nessa direção.



Mas isso não acontece sozinho. Os protagonistas devem garantir que a imagem de futuro bonito ilumine persistentemente os esforços conjuntos e as ações individuais.

NOTAS

¹⁴⁷ Cf. Borges, Jorge Luis. Tlön, Uqbar e Orbis tertius. In: Volume I. Obras completas. Ficções. São Paulo. Globo, 1999. p. 7-16, bem como, lembra o próprio Borges, “inventar” e “descobrir” em latim são sinônimos.

¹⁴⁸ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A falência do PT, a ascensão da direita e a esquerda órfã. Publicado na Revista Carta Capital. 20/05/2015.

¹⁴⁹ Ana María Careaga. Psicoanalista, diretora executiva do Instituto Espacio para la Memoria. Cf. Artigo: Consecuencias subjetivas del terrorismo de Estado. Buenos Aires. 2012.

¹⁵⁰ A linha de vida de uma experiência é um exercício de resgate e reflexão, e também o gráfico resultante, em que uma pessoa, ou um conjunto de pessoas que tem vivido uma situação específica ou um período de vida determinado colocam os eventos e realizações que em sua opinião são importantes. O que aconteceu é colocado em ordem cronológica, tendo o cuidado de indicar claramente o que marca a transição de uma fase para outra (sinal de passagem). A imagem ou conjunto de imagens inclui outras informações que são importantes para aqueles que fazem o exercício. Por exemplo, o contexto, os produtos obtidos, consequências emocionais. O exercício permite ligar situações que pareciam alheias, a evidência indica o desconhecido para os outros, e em geral compreender melhor a experiência, aprender com ela e gerar propostas. Outros exercícios semelhantes são rotulados como Linha do tempo, um rio de vida, trilha da experiência, “timeline”, etc. Luis Felipe Ulloa tem trabalhado por vários anos a linha da vida das experiências, inicialmente integrado ao estudo da história recente, conhecido como “Revisão de experiências com vista ao Futuro” (REI-F). Veja: ULLOA FORERO, La línea de vida: Acercamiento precoz a nuestra historia. 2001-2005. Disponível: http://www.psicosocial.net/de/centro-de-documentacion/doc_view/220-la-linea-de-la-vida?tmpl=component&format=raw.

¹⁵¹ Quando um conjunto de pessoas decide rever uma situação que tem vivido pode também optar por ir diretamente para reconstruir o passado a partir do que eles têm na mão. É a maneira usual e é melhor quando feita em torno de um eixo para facilitar a ordenação do que está sendo resgatado e a produção de lições aprendidas.

¹⁵² HABERMAS, Jürgen. Entre naturalismo e religião: Estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007, p. 400.

¹⁵³ Fundación Rosa Luxemburgo, Radialistas apasionadas y apasionados, Censat Agua Viva. Título: Alternativas al desarrollo. La destrucción del planeta no es un destino. Bogotá. 2014.

¹⁵⁴ BECHARA, 2009. Bem, sm: 4. O que é bom e traz felicidade.

¹⁵⁵ Eles usam ainda “recursos” genéticos. Nós mudamos a palavra por ‘propriedades ou características genéticas’.

¹⁵⁶ Entenda-se que quase todo o processo de construção da imagem de futuro bonito de uma comunidade tem também aplicação para as organizações, e em muitos casos para situações específicas, como “a perda de esperança entre os membros de uma organização de promotores sociais”.

¹⁵⁷ PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano. Aprofundar a democracia num mundo fragmentado. Capítulo 2. Governança democrática para o desenvolvimento humano. 2002. p. 54. <http://www.pnud.org.br/hdr/arquivos/RDH2002/RDH%202002%20Portuguese%20one%20big%20file.pdf> Acessado em 25 de maio de 2015. Os demais conceitos foram tomados da p. 57.

CAPITULO VI



Do porquê
achamos possível
“futurar”

Ubuntu: “Eu Sou Porque Nós Somos”

Exprime a consciência da relação entre o indivíduo e a comunidade. É um conceito moral, uma filosofia, um modo de viver.

- Por quê?
- Mudar o quê?
- O que não está certo.
- E o mundo hoje não está dando certo.

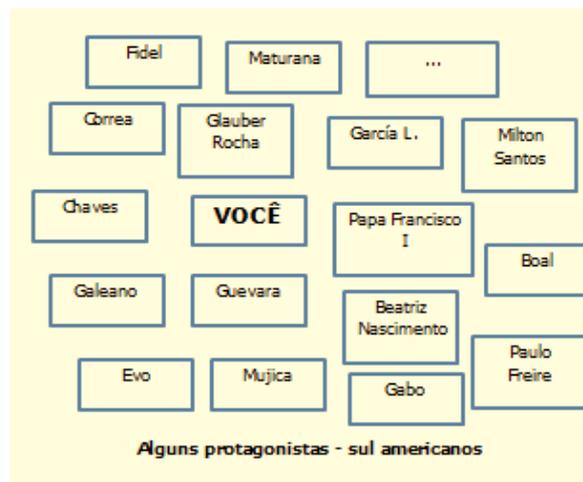
Precisamos Futurar porque achamos impossível ou muito difícil viver bem e viver de um jeito bom no mundo como está hoje. E como vamos revisar, achamos possível “Futurar” primeiro porque temos a capacidade de imaginar ou criar sonhos juntos, ainda quando a racionalidade já ficou insuficiente. Vamos “Futurar” com mais força quando há bons sinais no horizonte. Além disso, sonhar bonito é bom para uma boa mudança porque quando construímos um sonho coletivo, estamos trilhando o caminho que nos pertence (é nosso!).

FUTURAR PORQUE HÁ BONS SINAIS

No século XVIII, o filósofo David Hume, em seu escrito intitulado: “Tratado da natureza humana” disse: “Nada que imaginamos é absolutamente impossível” (1988)¹⁵⁸. Mais cedo, oráculos e filósofos respeitáveis acreditaram no poder dos sonhos e da imaginação. E mais recentemente, pessoas que não enganam e são estudiosas sonharam e tem acreditado e afirmado que “Outro mundo é possível”. Nós, nas nossas comunidades, também podemos e desejamos imaginar.

Há pesquisas na perspectiva das neurociências que concluem que expectativas importantes podem determinar estados de felicidade. Elas também informam além disso que as expectativas positivas podem aumentar o estado de felicidade, desde o momento de fazer o plano, ou o que para nós pode ser até o momento de construir o sonho. Lembremos que expectativas são esperanças fundadas em supostos direitos, probabilidades ou promessas.¹⁵⁹

E nós já acompanhamos nas páginas anteriores que nas experiências desenvolvidas de Futuro, os participantes se reconhecem no processo de mudança e acreditam nos seus sonhos coletivos.



FUTURAR PORQUE AS PESSOAS JÁ SONHAM

É uma boa base, pois temos a capacidade de sonhar e a usamos... Só que de forma limitada. Você conhece alguém que no dia 31 de dezembro ou próximo desta data, cria na sua imaginação a forma como deseja o seu novo ano, o ano novo para a família, ou para algumas amizades, e possivelmente também para o país, América Latina ou o mundo? Não é qualquer futuro, é um futuro bonito.

Ele sonha direcionando energia para o sonho. Pode ser que compartilhe o seu sonho com os outros ou que construa sonhos coletivos para o próximo ano. E, além disso, ele deseja para os outros um feliz ano novo, um ano belo, próspero e coisas assim. A pessoa de nossa história está entrando na prática do Futureo. Com ele, muitas outras pessoas da cultura ocidental vão futurar novamente o próximo ano nessas datas. Também, caso seja um observador dos demais, você pode conhecer pessoas que já deixaram de sonhar.

As vítimas sonham com o fim das atrocidades. Um bilhão de pessoas com fome, os 51.2 milhões de pessoas deslocadas das quais falamos no capítulo II (“No cenário - um mundo complexo e complicado”). A questão é se eles sonham em conjunto ou são muitos sonhos particulares. No caso da Colômbia, os próprios assentamentos temporários dos deslocados foram infiltrados pelos inimigos de sonhos bonitos, e, como resultado, as pessoas ficaram atemorizadas de compartilhar os sonhos. Nessas condições há muitos sonhos individuais, mas apenas na privacidade são compartilhados, por que eles podem subverter a ordem estabelecida, e desafiam o controle hegemônico. Se os sonhos individuais conversarem uns com os outros, pode ser perigoso.

Temos comentado em capítulos anteriores que a direção para mudar pode ocorrer de várias maneiras:

1. Aceitar o destino que os outros decidiram;
2. Deixar a imagem do destino ser construída por um setor ou alguns líderes comunitários;
3. Construir um “nosso destino” em conjunto com os vários setores da comunidade.

É nesta última direção (#3) que fundamentamos nossas análises aqui apresentadas. As comunidades podem, como conjunto, lutar para resistir ou lutar para mudar de estado. Também podem desistir e deixar tudo nas mãos de outras forças ou outros atores. Aceitar que o destino é marcado para o povo, apenas quando pensado pelos agentes externos. São opções. Nestas páginas, posicionamos as comunidades como protagonistas de suas mudanças.

Também posicionamos as organizações que trabalham com as comunidades como co-protagonistas das mudanças das comunidades e do mundo. Só que elas (comunidades e organizações) têm necessidade de reconhecer em qual direção mudar. E isso vale para coisas grandes e pequenas, porque tudo está conectado, gostemos ou não, queiramos ou não.

As comunidades que carecem de horizonte desenvolvem ações, é verdade, mas são ações dispersas. Pode ser que elas planejem, mas não futuram. “Futurar” não é planejar. O Futureo precede ao planejamento e as ideais de projetos específicos os alimentam. “Futurar” é sonhar para mudar... E mudar bem.

FUTURAR PORQUE COMPARTILHAR OS SONHOS VIGORA E VIGORIZA

A lógica do capital tem determinado ou influenciado que muitas comunidades específicas na América Latina, no Brasil e no Semiárido Brasileiro¹⁶⁰ estejam em condições muito difíceis, além disso, tem influenciado

também, no imaginário e nas práticas dos povos, das comunidades, das organizações, em direção a um futuro para outros e não para si.

E nós, nossos povos, não reconhecemos suficientemente o poder que temos para assumir a construção coletiva de sonhos, e entre eles, a de um futuro aceitável ou, ainda melhor, um futuro bonito. Podemos diferenciar algumas categorias de relações das pessoas com os sonhos:

A. Há muitas pessoas que pela sua história tendem a estar convencidas de que para elas não é possível mudar as situações atuais. Acreditam que só podem acontecer mudanças quando os setores hegemônicos ou outras forças poderosas tomar a iniciativa. Elas acham que sonhar é uma perda de tempo e/ou uma ingenuidade;

B. Muitos sonham os sonhos criados e legitimados pelos outros, pela mídia, pela publicidade, pela escola e universidades, pelas religiões, entre outras. A economia global de mercado e seus agentes hegemonomizam sua atividade onírica;

C. Há os sonhadores autônomos, rebeldes na sua intimidade, os clandestinos individuais ou em círculos de muita confiança;

D. Também temos os sonhadores autônomos corajosos que falam disso, como John Lennon e Martin Luther King em seus países, e tantos outros em nossos países latino-americanos e caribenhos. Você pode fazer uma lista de mulheres e homens que têm se posicionado nas diversas dinâmicas comunitárias em seu país ou região;

E. Existem os que focam sua energia em negar os valores dos que buscam uma alternativa de mudar as coisas. São os que F. Nietzsche nomeia de os “fracos” que, neste caso, atuam em oposição ou reação contra os sonhadores de outra situação melhor e os protagonistas na busca de mudanças. São como policiais privados perseguindo sombras, buscando quem faz diferente e quem, por tentar coisas novas, ameaça a posição privilegiada ou confortável dos outros. Todos conhecem os “fracos” e, possivelmente, também tenhamos sido fracos.

Você pode identificar nas diversas dinâmicas da sua vida em qual categoria de relação com os sonhos está atualmente. Sabemos que é possível avançar ou retroceder, sabemos também que uma pessoa pode ser, por exemplo, “D” no esporte e “A” na política.

Dialogamos acima que no mundo real a maioria das experiências de sonhos autônomos e bonitos são individuais e clandestinas. Raramente conseguimos avançar de um conjunto de sonhos de cada pessoa, para um sonho coletivo. O mais longe que chegamos é relatar nosso sonho só a alguém de muita confiança.

A invasão do individualismo sobre o coletivo; a competição sobre a cooperação, próprios de uma cultura de mercado; as categorizações hegemônicas do que é bom e mau; o medo e outros condicionantes que dão lugar para o autoencurralamento têm desconfigurado muito eficazmente a possibilidade de fusão de sonhos dissidentes ou de resistência na vida cotidiana.

A nossa experiência com o método mostra que as pessoas no exercício do Futureo, ficam alegres e a alegria é reforçada na relação dos participantes e no encontro do produto em seus estados parciais e finais. A “alegria” tem sido tema muito destacado pelos filósofos e terapeutas como sanadora. Segundo a professora Adriana Belmonte Moreira, que cita Espinosa¹⁶¹, a ideia de que “quando a mente concebe a si própria e à sua potência de agir, ela se alegra [...]”. E a mente necessariamente considera a si própria quando concebe uma ideia verdadeira, ou seja, uma ideia adequada¹⁶². A potência de agir é evidenciada no exercício do Futureo, pois “a alegria e a tristeza são o próprio desejo ou apetite, enquanto ele é aumentado ou diminuído, favorecido ou reduzido por causas exteriores”¹⁶³.

Quatro boas notícias:

- (1) Como pelo menos em algumas dinâmicas da vida cotidiana ainda sonhamos individualmente, há esperança;
- (2) Podemos apreender a sonhar coletivamente;
- (3) Sempre podemos encontrar coincidências entre os sonhos dos setores historicamente excluídos ou encurralados;
- (4) Quando compartilhamos os sonhos clandestinos e encontramos as coincidências, os sonhos e nós saímos vigorados e vigorizados. Se disponibilizarmos os sonhos para dialogar e construímos consensos sobre eles, ainda melhor. A proposta é “Futurar”, é sonhar juntos, cada vez mais pessoas, mais setores, mais perto uns dos outros.

FUTURAR PORQUE CONTRIBUI PARA MUDAR BEM

Durante muito tempo, nós concordamos com a afirmação de que a história explica o presente, e que é no passado que estamos construindo o futuro; e nós continuamos acreditando nisso. Só que sempre faltava algo, ao tentar nos esforçar na direção das transformações, a partir das tendências. De tanto nós perguntarmos e testarmos caminhos, apreendemos que quando uma pessoa ou um grupo não está bem, idealizar um futuro bom ajuda a acrescentar e manter a certeza de que a vida vai ficar melhor e fortalece os esforços não só para resistir, mas também para sair desta situação.

Essa questão foi se evidenciando por um dos autores, Luis Felipe Ulloa Forero, o qual desde os primeiros processos de sistematização de experiências, facilitou e percebeu a necessidade, a possibilidade e as vantagens de construir coletivamente com os participantes, uma ideia o sonho de futuro bonito ou aceitável, a partir de sua situação difícil¹⁶⁴. Assim, iniciamos o método que nomeamos Futureo, e que coincide em importantes elementos com os exercícios de Utopia nos anos 1970, na Educação Popular¹⁶⁵.

Agora, incorporamos, sempre que podemos a construção coletiva, consciente e pautada, de uma imagem de futuro boa, bem como nas necessidades e realidades dos participantes no exercício.

FUTURAR PORQUE É POSSÍVEL SONHAR COISAS QUE EXISTIRÃO

O que nós podemos hoje é focar nos sonhos bonitos. E conhecemos, mas não vamos provar que quando um indivíduo, grupo ou comunidade passa por um momento ruim, geralmente seu desejo, seu sonho, é que as coisas mudem para melhor. De arranque, vamos supor que tal desejo tende a ocorrer pelo menos individualmente e, às vezes, em segredo. Assumimos que a maioria dos seres humanos na América Latina durante as devastadoras invasões europeias de 1400 e por mais de 500 anos, sonharam viver vidas melhores ou melhoradas.

Estamos convencidos de que o futuro não está predestinado absolutamente em termos de passado e, portanto, podemos alterar drasticamente as tendências. E não somente nós.

O poema do escritor afro-brasileiro, Paulo Colina¹⁶⁶, nos adverte, dizendo que o que nós sonhamos vai acontecer “ainda que você sempre duvide”, vai existir:

QUANDO PELA GARGANTA

Quando pela garganta
desce abrupta mão,
nenhum punho fechado pode
transmutar nosso canto livre
Em grito

Há sede é verdade,
esse ardor pelo espaço usurpado
e nervos
sem declinar de qualquer sentimento gentil
salvo a palavra bruta.

Tudo o que transporta o ar,
nós revelamos.
Sonhamos coisas que existirão,
ainda que você sempre duvide.
Nem todo o privado de visão é cego;
quem rala a alma pelo lado de fora
sim.

Ventre armazenado de calor.
Negro, a cor de princípios.

O que ainda nos falta é a ideia de sonharmos juntos. Para nós, e como entendido pelos Xamãs¹⁶⁷ de diversos povos indígenas, os sonhos coletivos das comunidades são presságios ou premonições de mudanças boas. No Futureo reconhecemos que sonhar juntos leva a desejar juntos o sonho coletivo e também ajuda a caminhar todos pela realização dele.

O sonho se torna um futuro possível. Assim vamos sonhar coletivamente para desejar juntos essas mudanças, energizá-las e fazer com que estas se concretizem. Vamos repetir neste momento algo que tínhamos dito nas páginas anteriores: que no Futureo, recuperamos para o nosso ato de sonhar a intencionalidade.

Nós estamos fazendo isso porque nós decidimos sonhar. Vamos sonhar para então desejar o sonho. Só que eles serão sonhos em estado de vigília. Dessa forma, é possível nos afastar da visão de que o ato de sonhar acontece só na dimensão do que “não é” ou do que é “não real”. Para nós, é um “não é ainda”, mas já está sendo.

Portanto, vamos trilhando o caminho e também tecendo o sonho para pensar na mudança/transformação e assumirmos nossa responsabilidade de um bem viver no mundo.

FUTURAR PORQUE -E QUANDO- A PORTA DAS SOLUÇÕES ESTÁ FECHADA

As pessoas podem ficar encurraladas, sem propostas que possam resultar em sucesso nessas comunidades ameaçadas pelas consequências de um “desenvolvimento” ou “Progresso” depredador, lá onde os povos estão ameaçados pela chegada de forças muito poderosas que contradizem o seu sistema de vida e a sua cosmovisão. Quando isso ocorre, é quando dizemos que o progresso nega a vida. Às vezes, o que acontece é que “as antigas maneiras de agir não funcionam mais e novas maneiras de agir devem ser inventadas”, conforme, Bauman (2012) chama de “interregno”¹⁶⁸, ou seja, depois de uma pausa é interessante pensar em novas formas de fazer as coisas. Então, “Futurar” pode conduzir a superar o interregno e o encurralamento, como um horizonte de referência favorável. Há mais possibilidades e mais vontade para pensar juntos em como construir novos fazeres ou fazeres inovado, bem como novos instrumentos.

Pode acontecer que as melhores dicas para resolver e agir bem estejam muito atrás, ou seja, são muito antigas e estão quase esquecidas. Elas devem ser resgatadas e reconstruídas. O exercício coletivo de construção do futuro bonito, do sonho bonito, pode contribuir para evocar tais dicas, estimular a memória ancestral. Quando a racionalidade fica insuficiente, quando a lógica apreendida não contribui, é o momento de buscar outros caminhos. “Futurar” é um deles. Como a situação a seguir:

Uma comunidade observa os danos causados pelas minas de ouro a céu aberto e avalia o poder da corporação que busca entrar e explorar o seu território, além do poder de seus aliados. Tudo parece perdido. Mas a comunidade ainda pode “Futurar” coletivamente, tirando a mina do sonho e tudo o que não é bonito. É um começo... Um bom começo com consequências favoráveis.

Lembremos que nós no Futureo, falamos de sonhar como “criar mediante a combinação de representações mentais de coisas concretas ou ideias”, mas é uma combinação individual e coletiva, com a intenção não de continuar fundamentalmente como já estamos, mas sim de abrir as portas do melhor possível. Mudar!

No caso da comunidade e da mina, o melhor possível do sonho é a natureza e a comunidade em seu território, sem a mina. Só que a mineração é uma necessidade em muitas situações. Então, o sonho seguinte é uma exploração mineral menos prejudicial à natureza e às pessoas e com mais benefícios para a comunidade e o país (não para a corporação transnacional).

FUTURAR PORQUE É O TEMPO DA TRAVESSIA

Precisamos mudar porque não queremos “ficar à margem de nós mesmos” e também porque “é o tempo da travessia”. O professor de literatura Fernando Teixeira de Andrade (1946-2008) foi claro ao afirmar poeticamente:

[...] Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas
Que já têm as formas de nosso corpo
E esquecer os nossos caminhos
Que nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo de travessia
E se não ousarmos fazê-la
Teremos ficado, para sempre,
À margem de nós mesmos.¹⁶⁹

Mudanças podem causar medo... Ela pode até assustar... Mas, é necessário mudar para sair de determinada situação, deixar de ficar à margem de nós mesmos, do encurralamento, da opressão das forças dominadoras, precisamos deixar as velhas “vestes” para continuar no caminho e no sonho de um futuro bonito. Mudar é a porta aberta para novos sonhos e novos horizontes individuais e coletivos.

FUTURAR PORQUE JÁ FOI ANUNCIADO O TEMPO DE PACHACUTEC

Não só é repetida por pensadores de diversas partes do planeta que a América Latina ou a Abya Yala, pode ser a provedora da principal proposta de humanização para o mundo, mas o fato das iniciativas dos países tentando ser divergentes tem sofrido diversas formas de agressão por parte das instituições e as forças do capitalismo mundial, já é um indício de que a proposta é possível. Essa proposta é alimentada pelos ancestrais indígenas.

Os Incas acreditam que estamos na época de uma inversão do mundo, época de grandes mudanças, de grandes correções, o “Pachacutec” ou “Pachacuti”¹⁷⁰. Esse também foi o nome do nono soberano Inca, um verdadeiro transformador da terra, o quinto sol. Com o Pachacuti, também chegou a destruição pelos invasores da Espanha e Portugal em nosso continente. Hoje, nós temos a possibilidade de mudar para o bem sendo sementes novas que vão produzir um futuro bonito, mas também podem acontecer coisas desagradáveis.

Nós estamos entendendo que ser “imóvel” não é o essencial, nem que a mudança é acidental, como achavam os metafísicos da Antiguidade. Vemo-nos entrando em uma época de muitas mudanças, na qual a intuição tem uma função importante nesse processo, pois faz quem sonha sentir simpatia pelo que busca... Faz o protagonista transportar-se durante a experiência, auxilia numa determinada direção, abre caminhos para a renovação e novas visões possibilitando entender e compreender as velhas ideias.

Portanto, a mudança se dará no modo de aprender, conviver, sonhar e compartilhar a intuição com os outros, uma vez que ela é parte dos elementos que temos à nossa disposição para construir um futuro bonito, além do que foi imaginado.

NOTAS

¹⁵⁸ HUME, David. Tratado da natureza humana. Edição preparada por Félix Duque. Madri. Editorial Tecnos, 1988.

¹⁵⁹ Cf. Dr. Robb Rutledge do Centro para Neuroimagem da Fundação UCL Wellcome. Fórmula da felicidade está ligada a expectativa menor na vida, diz estudo. Do UOL, em São Paulo. 06 de agosto de 2014.

¹⁶⁰ O Semiárido brasileiro é a região onde foi produzida esta publicação. O espaço de ação do Instituto Nacional do Semiárido, INSA. Esta região possui uma área territorial de 980.1333 km², com uma população de 22.6 milhões de habitantes que moram em 1.135 municípios de 9 estados, nos quais acontecem pelo menos um dos critérios seguintes: (1) Precipitação pluviométrica anual inferior a 800 mm (2) Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial, no período 1961 e 1990 (3) Risco de seca ou prolongamento da estação seca, de um ano para outro, maior que 60 %, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990. Dados de: (PEREZ-MARÍN, *et. al.*, 2013).

¹⁶¹ Adriana Belmonte Moreira: Professora do Curso de Terapia Ocupacional do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Terapeuta Ocupacional pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM/USP), Bacharel, Mestre e Doutoranda em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). A autora toma o texto do livro *Ética*, de B. Spinoza. Trad. e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2007, Edição bilingue latim/português. EIII CP1. Fonte: http://www.scientiaestudia.org.br/associac/adriana_belmonte.asp, acessado em 09 de julho de 2015.

¹⁶² MOREIRA, Adriana Belmonte. Nietzsche e Espinosa: Fundamentos para uma terapêutica dos afetos. São Paulo, Brasil, 2010.

¹⁶³ Espinosa 15, EIII DP57.

¹⁶⁴ Situações difíceis como país em pós-guerra, comunidades tentando sair da pobreza, organizações locais em busca da garantia da água, gangues de jovens (“marimbas”), entre outras.

¹⁶⁵ A educação popular impulsiona a reflexão crítica e participativa sobre as situações da realidade tentando que as pessoas, em conjunto, construam caminhos para transformar essa situação e o mundo terminando com a opressão, em processos que não estão isolados em domínios restritos, sejam eles acadêmicos, religiosos ou de outra natureza. Se por acaso, o leitor ou leitora não está familiarizado com o tema “Educação Popular”, é bom fazer um percurso por algumas das referências mais importantes sobre este movimento de origem latino-americano, nos anos de 1960 e 1970, com uma grande contribuição do Brasil, especialmente de Paulo Freire e que faz parte da agenda continental. Um percorrido histórico do desenvolvimento da Educação Popular precisa ter em conta o contexto do país, latino-americano e mundial. A bibliografia é grande, e o leitor pode buscar as obras de Paulo Freire, Rosa Maria Torres, Moacir Gadotti, Carlos Rodríguez Brandão, Antonio Fagundes, Sérgio Guimarães (é com acento agudo mesmo?), Orlando Fals Borda e outros. Pode também conferir as ações de organizações como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs em toda a América Latina), as redes de educação popular, as organizações locais, e pode se aproximar para oficinas, seminários, encontros e outras atividades locais, nacionais ou latino-americanas de Educação Popular.

¹⁶⁶ Paulo Eduardo de Oliveira (Paulo Colina) Poeta, tradutor, ficcionista, dramaturgo, ator, cantor, compositor agitador cultural. Nasceu em Colina em 09 de março de 1950. Faleceu em 09 de outubro de 1999, em São Paulo, vítima da doença de Chagas. Um dos fundadores, em 1978, do Grupo Quilombohoje, que edita os “Cadernos Negros” foi diretor da União Brasileira dos Escritores (UBE), seção São Paulo. Foi divulgador ferrenho da poesia afrodescendente praticada aqui nessa nossa terra. Autor de Fogo Cruzado, contos, AXÉ – Antologia contemporânea da poesia negra brasileira, plano de voo (poesia), A noite não pede licença (poesia), Entredentes (teatro), Contos brasileiros teatro, dir. Marisa Morrone Carillo, O que é africanidade? Cf. <http://colinaspaulo.blogspot.com.br/2011/07/paulo-colina.html>

¹⁶⁷ Os Xamãs são uma categoria especial de médico-pajé que podem entrar em êxtase.

¹⁶⁸ Gramsci atualizou a ideia de interregno para definir uma situação na qual as antigas formas de fazer as coisas já não funcionam, mas as formas de resolver os problemas de uma nova maneira efetiva ainda não existem ou não as conhecemos. Ver: Entrevista com Zygmunt Bauman. Por Justo Barranco. “É possível que já estejamos em plena revolução”. Revista Fronteira do Pensamento. MG Magazine. 09.12.2014.

<http://www.frenteiras.com/entrevistas/zygmunt-bauman-e-possivel-que-ja-estejamos-em-plena-revolucao>.

¹⁶⁹ Na Internet, circula este texto atribuindo a autoria a Fernando Pessoa. Entretanto, o trecho citado faz parte do texto de ANDRADE, Fernando Teixeira. In: O medo: o maior gigante da alma. s/e, s/d.

¹⁷⁰ Pachacuti (do quíchua Pacha Kutiq, “O que muda a Terra”, ou “Reformador da Terra”) foi o nono governante do Império inca e seu primeiro imperador, entre os anos 1438 e 1471. Segundo Pedro Sarmiento de Gamboa, ele tomou o reino quando tinha 22 anos, reinou por 103 anos, e viveu 125 anos. Ele foi sucedido por seu filho Tupac Inca. (Wikipédia)

CAPITULO VII



Mas como
futurar?

¿Por qué no?

(Claribel Alegría)

“¿Por qué no detenerme
en esa esquina
y sorprender a la muerte
por la espalda?”

Por que Não?

Por que não parar
naquele canto
e surpreender a morte
pelas costas?

Entramos no caminho do Futureo reconhecendo-nos como caminhantes transformadores, esclarecendo o tipo de caminhada, definindo o que buscamos, estabelecendo o alcance temporal do futuro bonito que buscamos e convidando as pessoas certas dos setores certos. Então, construímos o sonho bonito¹⁷¹, o qual nomeamos de momento “A”; disponibilizamos o sonho como horizonte para todos, no momento “B”; e planejamos o uso do sonho no momento “C”. Cada um deles com seus respectivos passos.

LEMBRAR QUE SÃO CAMINHOS, NÃO ESTRADAS

Destacamos com Milan Kundera, no Capítulo III desta publicação, que a estrada é uma desvalorização triunfal do espaço, do que nomeamos de tempo e das experiências. Hoje, o modelo de sociedade nos força a correr para chegar rapidamente ao destino, mas nós NÃO Aceitamos. Reconhecemos que o mais importante em cada iniciativa e mesmo na vida é construído no meio do processo.

No caso do Futureo, o caminho para sua aplicação não é uma estrada. Buscamos que o Futureo seja feito tomando o tempo necessário que os participantes queiram disponibilizar, possibilitando os encontros entre eles e seus sonhos e conhecendo que “cada trecho do caminho é em si próprio dotado de um sentido e convida-nos a uma pausa”, como mencionou Kundera.

Quando decidimos a tarefa de construir o futuro de uma experiência, situação, comunidade, coletivo, etc., e usamos métodos participativos que reconhecem os diversos setores envolvidos, algo interessante acontece, como a construção de uma imagem que se consegue refletindo e combinando, aceita por esses distintos setores participantes-construtores. É assim, que ela volta em propriedade coletiva e em referência para todos os que estão lá. É diferente se alguém de fora chega para construir uma imagem de futuro para eles.

A imagem de futuro bonito é um símbolo de poder e quase de suprapoder da comunidade. “Supra”, porque supera as intenções imobilizadoras das forças escondidas na história oficial. A imagem, já pertencente a todos, é algo “comum” (“comunidade”) e fortalece o senso de comunidade e corresponsabilidade.

Para voltar à imagem comum, a chave está primeiro na qualidade de construção participativa. Temos algumas palavras sagradas para esse processo, como, por exemplo, “métodos participativos”, “gradualidade”, “reconhecer” os diversos setores com interesses em jogo na experiência “vivenciada”, “refletir” e “combinar”. A forma de desenvolver o Futureo é muito participativa e demanda refletir e combinar juntos, como o leitor vai observar ao longo do capítulo. A imagem será mais “comunizada” quanto mais seja disponibilizada como referente, como horizonte.

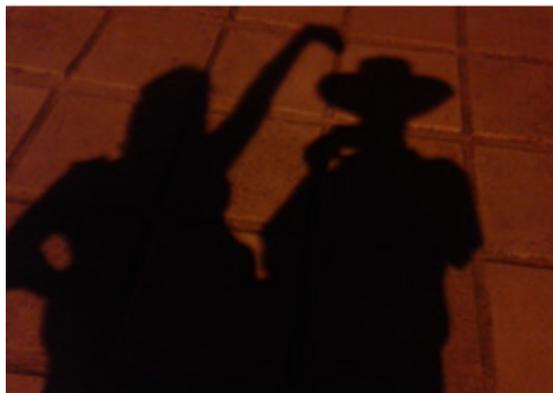
FOCO SOBRE O QUE SOMOS E O QUE BUSCAMOS

É uma tarefa difícil, hoje, estabelecer suficientemente o que somos e o que buscamos. É difícil, sim, porque estamos muito absorvidos sobre o que os outros nos impõem, e o que permitimos impor, porque são demasiados os encurralamentos e as padronizações, e porque para a grande maioria de pessoas, a busca diária de sobreviver dignamente toma muita energia.

O escritor Eduardo Galeano traz o exemplo do movimento Zapatista¹⁷², que rompeu com alguns abusos dando uma nova direção a população de Chiapas, levando mudanças ao país inteiro e gestando novos sonhos no continente. Ele afirma que,

Os que falam do problema indígena terão que começar a reconhecer a solução indígena. No fim das contas, a resposta zapatista pelos cinco séculos de mascarar o tema, o desafio dessas máscaras que desmascaram, está revelando o esplêndido arco-íris que o México contém, e está devolvendo a esperança aos condenados à espera perpétua. Os indígenas, como se vê, só são um problema para aqueles que lhes negam o direito de ser o que são, e assim, também negam a pluralidade nacional e negam o direito dos mexicanos a serem plenamente mexicanos, sem as mutilações impostas pela tradição racista, que apequena a alma e corta as pernas.

Esta situação não é diferente em outras partes da América Latina; é por isso que o parágrafo de Galeano reforça as nossas preocupações e faz refletir sobre o que buscamos e o que somos. No caso citado, as pessoas que fazem parte do movimento reivindicam seus direitos e para isso vão contra o que as forças hegemônicas impuseram. Os interessados, no México, resolveram seguir o caminho sonhado por eles e não pelos outros, ou seja, o seu próprio caminho, cheio de desejos, autoafirmação e entusiasmos, apesar da caminhada não ser fácil.



Somos latino-americanos e buscamos a nossa própria voz. Desta forma, podemos dizer que somos diversos, não pertencemos apenas a um grupo étnico, e estamos em vários espaços sociais e culturais. Somos homens e mulheres; indígenas, negros, ciganos, brancos e mestiços; Somos urbanos e rurais; trabalhamos como agricultores, operários, intelectuais, ou estamos desempregados, e alguns somos forçados a cometer crimes. Somos quilombolas ou “palenqueros”; ribeirinhos, ou da montanha; vivemos no lugar dos pais, ou já não mais, porque tivemos que migrar na busca de oportunidades, ou porque temos sido deslocados à força a lugares estranhos.

Também somos parte dos invasores europeus, às vezes repressores, às vezes submetidos, às vezes libertadores. Mas acima de tudo somos a esperança de um futuro bonito.

Prezado leitor ou leitora, neste momento, o tema torna-se um reconhecimento da pluralidade, bem como, uma definição pessoal e comunitária, e também se torna um reconhecimento da complexidade e da oportunidade de construir futuros, destacando aspectos dessa complexidade. Podemos nesse sentido, questionamos: qual ou quais dessas partes vou/vamos priorizar e assumir na determinação de minha/nossa posição frente ao mundo? Essa definição ajuda a dar sentido ao horizonte que construímos, ou seja, a nossa imagem de futuro bonito. E ainda tem mais. Os anos passaram e agora nós também estamos aprendendo a recuperar a consciência de nós mesmos, integrados no mundo e no universo, só que longe de toda visão antropocêntrica como era a visão dos europeus quando invadiram nosso continente.

É o tempo de lembrar o bem viver (Sumak Kawsai em quéchuá; Suma Qamaña em aymara) que vem sendo aprimorado por meio das lutas dos povos originários da América Latina e das diversas etnias que posteriormente começaram a morar em nossos territórios. É uma filosofia que traduz viver no coletivo, harmonia com a natureza e é carregada de sentidos para construir um futuro bonito para cada um e para todos.

FOCO SOBRE O ALCANCE TEMPORAL DO FUTURO BONITO

Podemos gerar imagens de futuro bonito de diversas situações e conjuntos de pessoas, como: uma “fábrica recuperada” na Argentina, ou um assentamento campesino do Semiárido no Brasil, um bairro popular na capital do Estado, um grupo de experimentadores agroecológicos em Guatemala, uma associação de vítimas da violência em Colômbia, uma escola pública na Nicarágua, um Núcleo de pesquisa na universidade, a instituição “X”, uma organização popular contra a mineração transnacional, um CEBs em Honduras, um grupo de adolescentes em México, um time esportivo em Belize, uma família na cidade de Campina Grande, entre outros. O importante é construir a partir do lugar que estamos e então cada novo Futureo avançará para maiores níveis.

As diversas temporalidades das imagens bonitas que um Futureo pode produzir incluem:

1. Uma imagem que fica em um tempo dentro de nossa geração;
2. Uma imagem de futuro bonito que transcende a nossa geração;
3. Uma imagem para fechar a nossa existência como organização, grupo, etc.;
4. Uma imagem atemporal.

Reconhecimento da morte

Falamos em páginas anteriores (especialmente no capítulo III) que a morte é parte do futuro e também pode ser parte do sonho. Já temos aprendido nos exercícios de planejamento organizacional que é preciso sonhar com o fim da organização, do coletivo, olhando para ele como um fechar-abrindo. A morte também pode ser parte do sonho bonito, mas não qualquer morte. Um sonho bonito poderia incluir a “boa morte” das organizações, das iniciativas e das pessoas. O que é e o que não é uma boa morte depende da cultura dos povos e das perspectivas pessoais.

Por exemplo, para os Yorubá – grupo étnico africano – a morte não representa uma extinção ou o fim da vida, mas a mudança de uma vida para outra¹⁷³. Eles fazem uma substancial ligação entre boa vida e boa morte, ocupando o caráter pessoal uma posição de relevância: “Boa vida é a conduzida segundo os princípios de um bom caráter, que privilegiam interesses de ordem grupal em relação aos individuais. Boa morte é a natural, ocorrida em idade avançada¹⁷⁴. Daí, “o provérbio: Arùn l’a wò, a ki wo Ikú (A doença pode ser curada, a morte não pode ser remediada).

O desafio é compreender que a morte faz parte das nossas vidas e do processo ao longo da caminhada e pode limitar, e ainda matar, os processos iniciados ou gerar novas possibilidades.

FOCO EM CONVIDAR AS PESSOAS CERTAS DOS SETORES CERTOS (PARTICIPANTES)

1. Protagonistas dos diversos setores com interesses em jogo;
2. Uma equipe facilitadora

É difícil conseguir a participação direta de todas as pessoas, de todos os setores de uma comunidade rural ou urbana. Nessas circunstâncias, a experiência tem apresentado o Futureo como um exercício para ser desenvolvido pelos indivíduos e coletivos de cada Setor com Interesses em Jogo pertinentes (SIJO), ou seja, que mais assumem ou vão assumindo o poder de transformar as suas vidas, aqueles que não negam a possibilidade de melhorar esta vida nos assuntos que lhes interessam e que não se negam viver com liberdade junto aos demais e a natureza. São as pessoas que vivem o coletivo e se permitem fazer parte do processo. Elas influenciam a vida da comunidade e os nomeamos de “protagonistas”. É essencial incorporá-las no Futureo. Um convite especial será feito para cada um dele quando escolhidos.

Especialmente, nos primeiros momentos do Futureo da comunidade é preciso fazer logo a escolha das pessoas que vão atuar como construtores da imagem de futuro da comunidade (ou da organização ou para uma situação “X”). Uma boa conversação com eles é fundamental para integrar e socializar, facilitando assim as etapas posteriores.

Uma construção com protagonistas

O protagonismo é uma forma avançada de participação que marca o percurso dos acontecimentos ou muda-os. Mas os que protagonizam nem sempre são nomeados protagonistas. No Semiárido brasileiro, como em todo Brasil e América Latina (Abya Yala) existem palavras populares para designar os protagonistas e as ações protagonistas. Quando mencionam um homem “cabra da peste”, uma mulher “arretada” ou um jovem “desenrolado” estão falando de pessoas que se destacam, que têm iniciativa, que marcam situações e possivelmente já são protagonistas em seu meio, sua região, seu lugar de vivência e convivência.

São qualidades dos protagonistas ter força de vontade, vontade de agir, interagir, ser proativo, se posicionar o necessário, entre outros aspectos. Em outro momento anterior desta publicação, tratamos acerca do protagonista e agora, nos ancoramos no relato de um homem anônimo do povoado de Neguá, litoral da Colômbia, citado pelo escritor Eduardo Galeano,

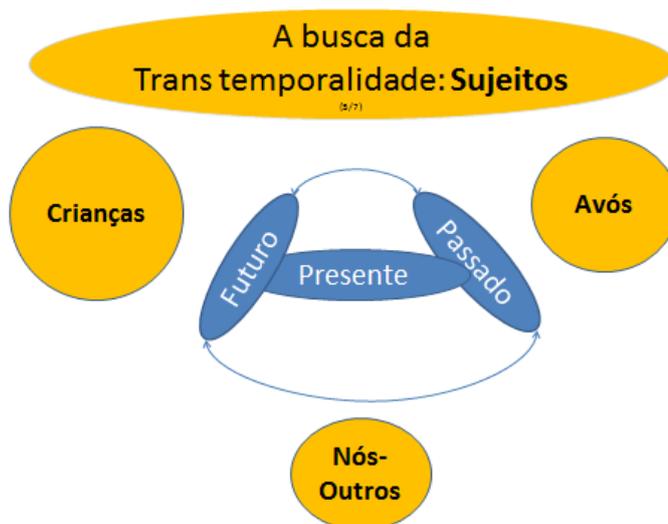
[...] revelou: um monte de gente, um mar de foguinhos. Não existem dois fogos iguais. Cada pessoa brilha com luz própria, entre todas as outras. Existem fogos grandes e fogos pequenos, e fogos de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem fica sabendo do vento, e existe gente de fogo

louco, que enche o ar de faíscas. Alguns fogos, fogos bobos, não iluminam nem queimam. Mas outros, outros ardem a vida com tanta vontade que não se pode olhá-los sem pestanejar, e quem se aproxima se incendeia¹⁷⁵.

Percebemos que as pessoas com potencial de protagonista podem estar na comunidade (dentro ou fora) e ainda por se revelar. Cada um com sua identidade... Uns inspirando outros... Outros buscando suas referências para transformar a situação “X” e procurando outras pessoas para serem protagonistas e darem continuidade aos processos de mudanças na execução das ações comunitárias.

Tipos de protagonistas

Temos identificado quatro tipos de protagonistas em cada dinâmica comunitária: uns que levam a comunidade por uma trilha específica (lideranças), outros que impulsionam um conjunto ou grupos de membros da comunidade a fazer algo diferente (promotores ou impulsionadores), os que fazem tão bem as coisas que os demais tratam de imitá-los (executores modelos)¹⁷⁶ e recentemente foi evidente para nós a existência de alguns membros das comunidades que ajudam outros para que logrem algo importante para a comunidade e seus membros, mas muito discretamente, geralmente sem que os beneficiários de seu apoio descubram quem está os apoiando (protagonistas ocultos)¹⁷⁷.



Os protagonistas participantes são as sementes novas, que vão projetar a imagem de um bom futuro, usando as ideias ainda dispersas e parciais que caminham através de suas mentes e seus corações. Aquelas que consideram mais relevantes para conseguir uma vida digna e agradável para todos. Eles, os protagonistas, trabalharão nos três momentos do método, que vamos revisar em breve. Eles vão formar grupos libertários, imaginadores do futuro mais bonito que vai acontecer se tudo correr bem. Eles devem evitar que a esta altura a razão ou o hábito limite o sonho.

Há protagonistas de todas as idades. Você vai encontrar pessoas idosas que só falam do passado (e também adultos de 30 anos que fazem isso) e outros que imaginam futuros bonitos, sem muito problema. Eles são muito importantes no Futureo, porque já têm incorporados nas suas propostas elementos valiosos alimentados a partir de sua vivência do passado.

Os melhores libertários e imaginadores são as crianças e os adolescentes, quando estão confortáveis para falar e os temas são pertinentes para eles. Exercícios com as crianças para imaginar como podem ser as mais bonitas ruas e calçadas, a casa de cultura, o parque, a comunidade do futuro, podem surpreender os adultos. Suas construções têm a ver com a sua experiência familiar e comunitária e não podemos negar que também com as suas leituras, histórias dos adultos, filmes, noticiários, TV, etc. Assim, os engenheiros e arquitetos podem se alimentar muito a partir da visão das crianças.

São protagonistas dos diversos setores com interesses em jogo (SIJO)

Podemos reconhecer diversos setores “com interesses em jogo” para construir uma imagem de futuro mais aceita. Lembremos que uma comunidade não é um conjunto homogêneo. Outra coisa são as diversas forças que influem desde fora da comunidade e que não vamos esquecer, mas não estão convidadas para intervir na construção do sonho do futuro bonito.

Um setor com interesses em jogo (SIJO) é um conjunto de atores sociais de uma comunidade ou situação que tem similares condições e/ou inclinações específicas, precisam dos mesmos ou similares tratamentos e reivindicações diferentes aos de outros SIJO's. Exemplos de SIJO's podem ser pensados por gênero (mulheres/homens), etnia, faixas etárias, tipo de moradia, origem, tipo de doenças, opção sexual, formação acadêmica, pertinência a organizações etc.

Um SIJO não necessariamente é um grupo de pessoas organizado e nem sempre os indivíduos são conscientes de fazer parte de um SIJO, mesmo que sejam. Podem sim, ser conscientes, mas não dar a devida importância. Ou ainda podem ser conscientes, mas preferir não falar sobre o assunto.

Muitos na comunidade podem não ser conscientes da existência de um determinado SIJO dentro dela, ou podem não querer falar dele, ou podem apresentar atitudes muito diversas sobre um SIJO particular, como por exemplo, atitudes de desprezo, de exclusão, de superestimação ou até de subjugação.

Em cada dinâmica comunitária pode manifestar-se SIJO's diferentes, em relação à essência da dinâmica em si. Há setores específicos na dinâmica esportiva, na dinâmica artística, na dinâmica econômica, na produtiva e assim por diante. A pergunta central é: quais são os setores com interesses em jogo, pertinentes para o que nos preocupa, nessa comunidade? E a resposta tem que ser construída em cada caso.

Podemos ilustrar usando como exemplo a dinâmica esportiva. Nela podemos encontrar como setores com interesses em jogo: os jogadores, os promotores e impulsionadores, as torcidas, os familiares de jogadores e diversos beneficiáveis suplementares (políticos, negociantes, autoridades religiosas, mídia...), dentre, possivelmente, outros.

O time facilitador, uma equipe que guia

O seu papel é ajudar a guiar os participantes (da comunidade, da organização, do coletivo, etc.), na viagem de construção do sonho. Os facilitadores são essenciais para promover uma atmosfera favorável para a criação da imagem de futuro bonito pelo diálogo e o consenso. Podem ser da comunidade ou de fora dela, só que não devem invadir o conteúdo. Sua tarefa é metodológica.

Quando alguém de fora da comunidade chega para facilitar um processo, é bom que se integre aos de “dentro”, para contribuir nas leituras do caminho ou interpretações do que está acontecendo e para aprender o método (apropriação da metodologia).

A equipe fará bem se propiciar o surgimento de elementos do nível emocional (sentimentos), além dos elementos racionais. O grupo também trabalha com as perguntas como ferramentas.

As perguntas são ferramentas chaves para o grupo facilitador. É bom formular as perguntas a partir de palavras interrogadoras típicas que ajudam a inventar, descrever, expressar esse futuro bonito. Algumas perguntas: o quê? Como? Quem? Qual ou quais? Onde? Quanto?... Outras palavras ajudam para refletir e avançar, entre elas o ‘por quê?’ e o ‘para quê?’ Os facilitadores experientes sabem que a interrogação nem sempre precisa de palavras orais, os gestos são parte da linguagem, e temos símbolos em cada cultura.

O facilitador precisa fazer uma imagem suficiente da comunidade, bem como das dinâmicas comunitárias, práticas e organizações comunitárias, que mais interessem, para assim, com as palavras interrogadoras, gerar as perguntas mais apropriadas. Serão construídas perguntas que foquem no interior dessa comunidade a sua dinâmica, prática, iniciativa ou organização comunitária. Depois, criar perguntas que focam no entorno dela, e também gerar perguntas focando em elementos e condições chaves dessa comunidade.

Destacamos abaixo algumas perguntas que podem ser utilizadas à vontade pelos facilitadores e também aprimoradas e acrescentadas ou retiradas:

1) Como queremos que as coisas funcionem (na situação “X”, na vida, comunidade, família, organização, etc.) em um período de três... dez anos para serem ótimas/boas?

2) Em uma situação de total satisfação, o que vai acontecer de forma diferente e o que vai deixar de acontecer?

3) O que gostaríamos que ficasse desde hoje para o futuro bonito?

4) Se você tiver a capacidade de transformar em realidade o que sonha, o que sonharia? (Descrever)

5) Imagine a situação ou a comunidade que nos interessa. Imagine que tudo nela é muito legal e nos sentirmos muito felizes. Agora descreva o que nesse estado, nela acontece, como acontece e quem faz ações relevantes para quem, como, quais são os resultados.

6) Quais são os acontecimentos marcantes no futuro em um estado de satisfação total para todos?

7) Em um futuro bonito, qual a hegemonia e resistências? Quais as tensões? Quais vão ser as potencialidades da comunidade?

8) Para a nossa (situação “X”, na vida, comunidade, família, organização, etc.) ser muito legal para todos o que deve ter, o que deve acontecer?

9) Como é que nós queremos ver a comunidade ou organização em três, quatro ou cinco anos... para nomeá-la de comunidade ou organização muito legal?

10) Quais mudanças desejamos nos distintos setores com interesses em jogo e seus protagonistas? O que muda as pessoas no plano pessoal, em um futuro em que tudo é bom? Como incorporam o afetivo? Como estarão se sentindo os diferentes atores?

11) Em um estado futuro bonito da (situação “X”, na vida, comunidade, família, organização, etc.) como é a inclusão? Quem fica excluído? Como será a harmonia entre as pessoas diversas? E com a natureza?

12) Como seria daqui a dez anos a paisagem (da região, lugar, território), se tudo correr bem?

DIFERENCIAR OS MOMENTOS E PASSOS DO MÉTODO

No capítulo IV, caracterizamos o Futureo como um ato esperançoso de rebeldia e liberdade, que transgrede a linearidade do tempo sequencial, destacando responsabilmente nossa identidade como seres humanos, criadores, para contribuir na transformação do mundo, a partir da geração coletiva de uma imagem positiva de futuro; e nossa, que vai ser convertida em um horizonte bonito, a despeito da história. É um processo mobilizador que não gera falsas promessas e é construído gradualmente pelos mesmos atores que vivem a situação e que pode ser muito bem usado em situações difíceis.

A imagem de futuro bonito evidencia o grande potencial criador das pessoas. Vai ser um caminho intenso, gradual e formativo, Precisamos de calma. Não é uma estrada. Será uma consolidação progressiva do sonho a partir dos sonhos de cada participante até gerar um só sonho para a comunidade, a organização ou para uma situação “X”.

A produção do sonho bonito inclui três grandes momentos, cada um com seus próprios passos:

- Momento A: DA CRIAÇÃO – Para construir progressivamente a imagem de futuro bonito.
- Momento B: DO HORIZONTE DE REFERÊNCIA – Para voltar a imagem do futuro bonito em um modelo ou ponto de apoio.
- Momento C: DE FECHAR-ABRINDO – Para gerar as primeiras dicas para a utilização da imagem de futuro.

Cada momento é um conjunto de passos que vamos ver a continuação. Os preparativos estão incorporados em cada momento e passam por toda a logística típica das oficinas, os convites, a criação dos ambientes físicos necessários, a conectividade, as emergências possíveis, e assim por diante.

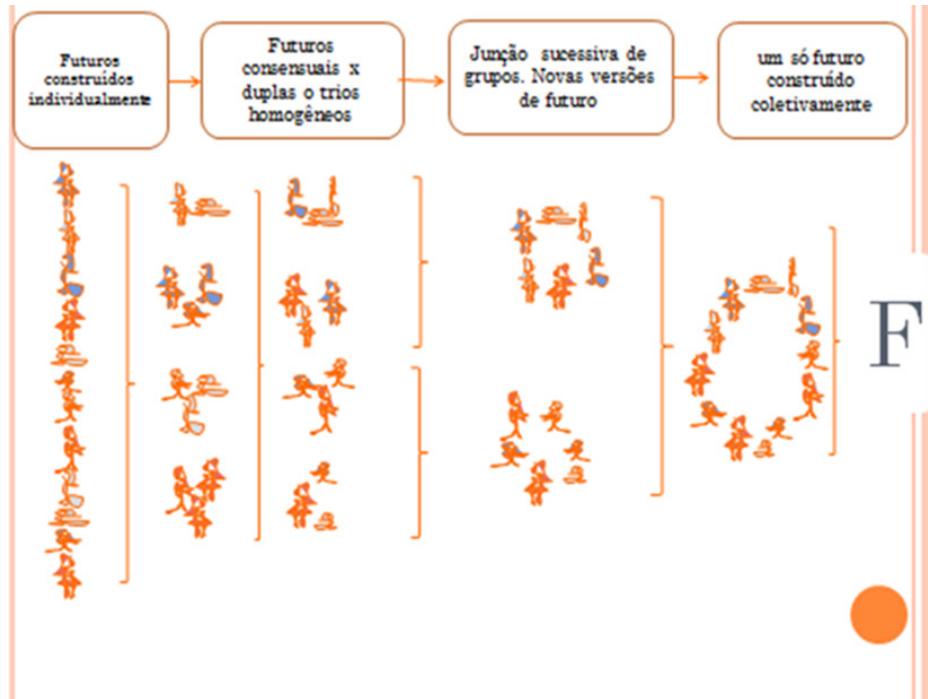
O MOMENTO "A": A CRIAÇÃO DA IMAGEM DE FUTURO BONITO¹⁷⁸

Em síntese, se trata de sonhar individualmente, daí passar a juntar sonhos e aprimorá-los e então juntar e aprimorar mais até chegar a um sonho de todos, com a intenção de – depois da aplicação do método – atuar para transformar na direção do sonho. Tudo ocorre como uma construção progressiva do futuro bonito, com uma condição essencial: liberdade. Não pode haver restrições ou ameaças no ar. Só assim é possível expressar os sonhos-bonitos-individuais e construir, a partir deles, novos sonhos bonitos, bons para todos e cada vez mais coletivos.

A criação da imagem de um futuro bonito acontece em uma sequência, na qual podemos diferenciar um passo zero e outros quatro passos. Da seguinte forma:

Passos	Nome	Descrição geral
Zero	Mística	Integração entre os participantes, com o programa, com a natureza e de si para consigo mesmo.
1	Construção individual	Criação, expressão inicial e registro dos sonhos pessoais de futuro bonito.
2	Primeira coletivização	Partilha, conversação e aprimoramento dos sonhos dentro de pequenos grupos com membros de características similares (cada grupo, com membros de um mesmo SIJO)
3	Construção por SIJO	Partilha, conversação e aprimoramento dos sonhos entre os diversos pequenos grupos de um mesmo SIJO. Pode ser necessário fazer várias integrações, pelo que poderíamos instalar passos 3ª, 3?, 3?, etc., até conseguir integrar uma imagem de futuro bonito por cada SIJO.
4	Convergência em uma imagem única de futuro bonito	Partilha, conversação e aprimoramento dos sonhos entre os diversos SIJOs. Pode ser necessário fazer várias integrações, pelo que poderíamos falar de passos 4ª, 4?, 4?, etc., até conseguir integrar uma só imagem de futuro bonito que represente todos os SIJO's. Pode-se utilizar um procedimento de consenso diferente com representantes de cada SIJO que dialogam, entre outros.

Cada sonho é reconhecido publicamente no exercício, como um insumo importante para a ação de todos. Isso ajuda a reduzir a hegemonia dos sonhos formalizados, dos sonhos considerados os únicos aceitáveis para aqueles que têm algum tipo de poder na comunidade. A relação entre os sonhos diversos e os sonhadores também diversos vira horizontal, dialógica, em um trabalho de mutirão, conforme representado na figura abaixo:



Uma aplicação no Semiárido Brasileiro

Socorro Luciana de Araújo, em depoimento, descreveu sua experiência na facilitação de um processo de Futureo, como parte do Curso de Especialização em Processos Históricos e Inovações Tecnológicas no Semiárido¹⁷⁹, durante aula realizada em um assentamento. Ela mostra a evolução dos sonhos individuais até coletivos marcando diferenças de gênero e geração. Vejamos parte de seu relato:

A construção dos sonhos se deu a partir dos sonhos individual de cada pessoa do grupo e, em seguida, foi construído um sonho em conjunto que contemplasse os sonhos de todos, mas em conjunto. As mulheres sonharam com mais espaços de lazer, construção e reforma das casas, aumento na geração de renda, educação contextualizada, espaços de produção. Os homens sonharam com estruturação dos lotes (barragens, poços, cisternas, estrada, posto de saúde, animais, feira de animais e mais segurança). As crianças sonham em ser médico, dentista e veterinário (Socorro Luciana de Araújo, 2013-2015).

E avança um pouco mais:

No segundo momento, apresentamos às famílias, os sonhos de todos os grupos em um só, percebemos que todos, mesmo com olhares diferentes, sonham as mesmas coisas. Querem ver o assentamento com qualidade de vida para todas as famílias. (Idem. 2013-2015).

Em seguida, ela compartilha como continuou o processo. Neste caso como parte da aplicação do método REI-F¹⁸⁰:

A partir de todos os sonhos, buscamos resgatar a história do assentamento. Novamente dividimos as famílias em grupos e a partir do olhar das mulheres e dos homens iniciamos a reconstrução da história.

Na fala de Socorro Luciana fica claro como foi a construção do exercício e os resultados obtidos por todos. Explicando os passos:

PASSO ZERO - A MÍSTICA

Vamos ver a intenção e descrição do passo zero, explicaremos porque falamos do passo “zero”, e adicionaremos algumas dicas para os facilitadores.

Antes de iniciar a construção da imagem de futuro bonito, desenvolvemos uma boa mística, ou seja, um momento com significado, centrado no espírito e nos sentidos, fundamentado em uma cosmovisão, na qual se incorpora, neste caso, o Futureo.

Esse é um momento sagrado que inclui uma simbologia reconhecida pelos diversos participantes, e elementos lúdicos para facilitar a sua preparação; ajuda a convergir as boas energias, os sentimentos e a razão de todos na atividade, e busca tirar o que pode desviar a atenção. Gera calma e fortalece as boas relações; e, em síntese, convoca o poder dos participantes, juntos, para conseguir o que estão buscando, que é construir a partir dos consensos algo tão importante como é a imagem de um futuro para todos.

Há vários destaques em toda mística, entre eles o seguinte: de nosso querer, são geradas as possibilidades para o acontecer; a expressão de nossos querer é um passo necessário para acontecer os momentos; e que já é o tempo de nossos sonhos.

Os participantes podem fazer um Futureo sem aplicar este passo, mas nunca vai ser a mesma coisa. Temos escolhido entendê-lo como um passo zero, não por minimizar, mas para ressaltar o seu valor.

O lugar e os preparativos

No lugar para a mística, são preparados um ou vários espaços para progredir a atividade. Nesses espaços ficam objetos simbólicos, imagens, etc. A execução combina com uma sentilógica predefinida, elementos do ancestral e do atual, com espaço para cada indivíduo participante e para o coletivo.

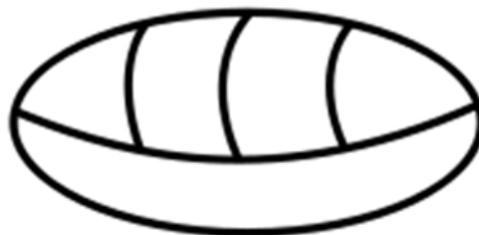
A programação geralmente incorpora uma combinação de danças, canções, poemas, relatos, compartilhamento de abraços e outros gestos. Pode haver oferendas para a mãe terra, para os demais, e de cada um para si. A participação não deve nunca ser obrigatória¹⁸¹.

A mística pode ser complementada ou acoplada com atividades lúdicas, que como bem afirma a ativista ludóloga latino-americana, Mercedes González:

A ideia é as pessoas se imaginar em uma sociedade onde todos somos capazes, em que as diferenças são complementares, onde a intimidade está profundamente relacionada ao público, onde podemos acessar as oportunidades. Então daquele imaginário! Revitalizamos a capacidade criativa, de escolha e de mudança que as pessoas têm sobre si e sobre seu ambiente familiar e social. (GONZÁLEZ, et. Al. 2006)¹⁸².

Por que a mística toma o nome de passo zero?

Sempre estamos tentando resgatar um novo sentido para cada coisa, especialmente para o que é da América Latina. O zero é um conceito da maior importância na vida e nas ciências exatas como a Matemática. O zero pode indicar o vazio (mas ocupa um lugar quando representado) da inexistência (mas existe), da quantidade nula (mas é essencial para representar outras quantidades). Se não temos zero, não podemos fazer muitas operações matemáticas. Se não temos o passo zero no Futureo, não vamos poder fazer do mesmo jeito o processo completo.



Em relação ao número zero, há um motivo para nos orgulharmos: não é coisa fácil representar o que não é. Na antiguidade, só quem estava nos níveis superiores da ciência poderia fazer isso. E nós estávamos! Os Maias, de nosso continente (Abya-Yala) estavam na vanguarda, seguidos pelos babilônios e os hindus.

E o resto da história, o leitor já conhece, depois aconteceu o tempo da barbárie. Quando os europeus invadiram o nosso continente, terminaram com o desenvolvimento de nossos povos, que haviam idealizado o número zero. Os avanços de nossos povos quase nunca foram registrados na história oficial dos invasores e tem sido muito difícil resgatar essa parte de nosso relato vital.

PASSO 1 - CONSTRUÇÃO INDIVIDUAL. "MEU SONHO É..."

Trata-se de focar a atenção nos desejos pessoais. Os primeiros insumos para a construção da imagem de futuro bonito são individuais. Cada participante vai dirigir a atenção para o que ele deseja como futuro, para a sua ideia pessoal de futuro bonito do que estamos falando (comunidade, dinâmica, prática, iniciativa ou organização comunitária...); e vai registrar. Este passo 1 busca expressar os sonhos individuais de futuro bonito (os elementos individuais dos sonhos) de uma forma que facilite sua utilização no passo seguinte. Ressaltamos que é uma geração individual, mas não precisa ser individualista.

Recomendações básicas

Só para garantir que a contribuição seja útil e melhor apreciada, é bom seguir algumas recomendações. Por exemplo, ser direto na forma de se expressar e fazer só as contribuições mais pertinentes ou as mais importantes. Desta forma se reduz confusão/conflito e garante que o essencial de sua postura esteja lá. Lembremos que este é só o passo 1, onde cada um dar seu aporte. No Futureo, depois, vamos ter um momento para diálogos e aprofundamentos.

Descrição

É uma reflexão individual, muito rápida, que toma de 10 a 15 minutos. Os facilitadores vão ressaltar que o primeiro espaço para compartilhar as imagens de futuro individuais vai acontecer no passo 2 e que cada sonho é importante para essa construção.

O facilitador usa perguntas-chave do tipo “Se vai tudo bem, como você gostaria de ver a situação “X” dentro de 5 ou 10 anos?” (Veja os exemplos de perguntas anteriores neste capítulo).

As orientações do facilitador para os participantes são:

1. Escreva em um cartão (também pode ser/incluir um desenho);
2. Neste passo individual, escreva somente uma lista ou enumeração de ideias para contribuir;
3. Pode ser, uma só característica ou elemento do futuro bonito desejado (por exemplo: uma moradora de um assentamento chamado Vitória, no estado da Paraíba, disse: Água! Só quero água no assentamento... (Atualmente já tem);
4. Só escreva as ideias que estão perto da superfície, no coração ou à flor da pele, prontas para sair;
5. É mais uma lista de ideias específicas, não uma narrativa, nem um discurso (neste momento).

O destino do que é compartilhado

Quando uma pessoa compartilha, esse “algo” que foi compartilhado já é do grupo que está sendo partilhado, (patrimônio coletivo) e também é de cada pessoa nesse grupo (patrimônio individual). O “algo” que é compartilhado pode entrar como um elemento nos processos de produção de novas ideias, de novas ações, das outras pessoas, às vezes consciente, às vezes inconscientemente¹⁸³.

O “algo” compartilhado também pode não entrar nesse momento como parte de ações e decisões, ou não entrar nunca. O importante é que o autor inicial da ideia compartilhada ao oferecê-la aos demais, perde controle sobre ela, e que neste processo de partilha mútua, ele também recebe outras ideias que podem ser úteis.

PASSO 2 - A PRIMEIRA COLETIVIZAÇÃO: “COMUNGAR OS SONHOS”

Trata-se de fazer a primeira construção coletiva e pelo consenso de imagens de futuro bonito, dessa vez em pequenos grupos homogêneos, e a partir das imagens individuais geradas por seus membros.

Paulo Freire (2004) afirmou que “não é possível sonhar e realizar o sonho se não se comunga este sonho com as outras pessoas” (p.206)¹⁸⁴. Sabendo que é assim, estamos na porta do como fazer, da aplicação. Devemos levar as contribuições individuais feitas no passo 1, para a sua disponibilização para os demais.

Cada imagem individual de futuro bonito será agora um ponto de partida. Vamos continuar avançando gradualmente, explorando o sonho de cada outro participante no grupo e entregando cada sonho particular para ser explorado pelos demais. Na discussão, buscamos provocar a sinergia. Como já foram feitas as ações de aproximação na mística (Passo zero) estamos confortáveis.

Neste passo 2, iniciamos com pequenos grupos que compartilham seus sonhos particulares, formados

por pessoas muito similares entre si. Cada grupo vai fazer das contribuições de seus membros uma só imagem de futuro bonito.

Descrição

Para este primeiro exercício de coletivização, consenso e aprimoramento, são formados grupos de 2 a 4 integrantes (preferencialmente três pessoas). Eles devem unificar, modificar, acrescentar e qualificar os futuros bonitos individuais para construir um sonho coletivo de cada pequeno grupo. Cada grupo de sonhadores vai ser formado por pessoas de um mesmo Setor com Interesses em Jogo (SIJO).

Como formar os grupos:

1. A situação vai evidenciar setores com interesses em jogo diversos (SIJO's). Queremos formar pequenos grupos integrados por pessoas do mesmo SIJO. E além dos SIJO, podemos ter critérios adicionais.

Exemplo: Reunir-se em grupos por SIJO, da mesma origem, ou SIJO's por etnia, ou por gênero, ou por idades similares, ou por atividades similares, ou por preferências "X", entre outros.

2. Pode ser que pelo grande número de participantes, seja possível formar vários pequenos grupos do mesmo SIJO (de aproximadamente três pessoas, cada um). Por exemplo, por Etnia, poderíamos ter três grupos do povo Potiguara, dois do povo Tabajara, um de ciganos, e quatro de quilombolas, etc.

3. Quando os participantes dos diferentes setores são muitos, pode-se adicionar complexidade. Por exemplo:

Dentro de cada SIJO pode ser pertinente considerar níveis de formação: uns grupos sendo de formação superior, outros de Ensino Médio, e outros com outras formações. Ou seja, vamos ter pequenos grupos de homens e de mulheres, e ainda mais, pequenos grupos de mulheres com formação superior, de mulheres com formação média, e de mulheres com outras formações. O mesmo vai acontecer com os homens;

4. Os facilitadores devem ser cuidadosos para diferenciar estes setores pelos aspectos comuns entre eles e pelas diferenças com os outros SIJO's;

5. É preciso definir quais são os SIJO's pertinentes nessa comunidade, dinâmica, prática, iniciativa ou organização comunitária que estamos focando¹⁸⁵.

Uma agenda típica inicial para cada pequeno grupo constituído:

1. Os integrantes do grupo se apresentam entre si, a partir de um aspecto que os demais não conhecem ou não têm claro, buscando uma relação com o tema. Por exemplo: "Meu nome é Rosilene, mas prefiro ser chamada de (Rosy). Estou interessada nos assuntos ligados aos quilombolas da região semiárida do Brasil, especialmente as mulheres que trabalham com barro na produção artesanal de louças, atividade também

desenvolvida por mulheres da minha família, lembranças que tenho quando menina...”. E assim cada pessoa vai se apresentando. O foco da apresentação individual será pré-definido pelos organizadores do Futureo;

2. Cada participante lê suas contribuições e todos escutam com atenção, buscando similitudes e diferenças com as suas;

3. Facilita o trabalho quando o grupo registra primeiro os aspectos dos futuros bonitos que são iguais em todos os membros do pequeno grupo;

4. Depois o grupo fala dos elementos parecidos. É um diálogo com os aportes de todos, que agora são utilizados como insumos apropriados pelo coletivo, tentando construir em cada caso aspectos que são aceitos por todos. Assim a lista de consensos vai aumentando;

5. O grupo foca nos aspectos que são diferentes e conversam sobre as (razões) e os porquês dos aspectos opostos. Lembrando que sempre há uma sentilógica nas contribuições;

6. O que os participantes escutam gera novas ideias. O grupo toma em consideração cada nova ideia que aparece sobre o futuro bonito, segundo eles, e decide quais novos elementos vão acrescentar a sua proposta.

7. O grupo pode fazer, quando necessário, pausas para descansar, relaxar, integrar um exercício de concentração, uma técnica de animação, caminhar por entre os outros grupos que estão refletindo, etc.

Destaques neste passo

1. A construção coletiva de futuros, não é um processo de adição simples. Não é só *adicionar* o que cada um fez com o de outro. É mais que isso: o produto que vai ser registrado deve passar por um diálogo e finalmente será decidido pelo consenso;

2. A imagem do futuro bonito resultante, está composta por elementos propostos pelos participantes. Tem elementos no futuro bonito que vão ficar iguais aos propostos por um ou mais participantes; outros vão ser modificados para integrar as propostas de vários; e tem os que vão ser completamente novos, gerados na discussão e que ninguém tinha pensado. Há também elementos que vão esperar para uma próxima oportunidade porque não há consenso;

3. É uma boa ideia, escrever em um cartão visível para todos a partir dos produtos individuais. Os participantes podem facilmente adicionar, tirar, aprimorar, criar algo novo, olhando para o cartão;

4. O produto final do pequeno grupo, o futuro bonito desde a perspectiva de “nosso grupo de sonhadores” pode ser registrado como uma lista de características e melhorado com uma ou duas afirmações que vinculam entre si os itens. Também pode ser um textinho ampliado por um desenho.

5. Um cuidado especial: é uma construção com reflexão e sentimentos. Quando um pequeno grupo está frente às ideias de futuro bonito que cada participante aportou, o caminho mais fácil é fazer uma grande lista com todas as contribuições e pronto. Mas, esse não é o trabalho! No Futureo estamos falando de falar, de contrastar, de senti-pensar (criar uma senti-lógica), de construir e de consenso.

6. Um recurso opcional é alimentar-se de outras experiências em condições semelhantes. Conhecer a situação atual de comunidades semelhantes que já têm um caminho percorrido pode contribuir para motivar, entusiasmar os membros na construção de um futuro bonito da sua própria comunidade ou para evitar um desastre futuro.

Por exemplo, os membros de um assentamento que está sendo estudado para iniciar um projeto de Água no Semiárido, podem conseguir dicas do que pode ser seu futuro visitando outro assentamento que já tem o sistema trabalhando por vários anos.

Atualmente, temos muitas comunidades que estão sendo alvo de estudo para atividades extrativas depredadoras. Da mesma maneira, seus moradores podem obter dicas do que pode ser um futuro deprimente, reconhecendo os efeitos de explorações semelhantes em comunidades que têm aceitado explorações como essa.

Desta forma, a aproximação com outras experiências pode também ocorrer através das experiências compartilhadas na internet.

PASSO 3 - CONSTRUÇÃO POR SIJO. "O SONHO DE NOSSO SETOR É..."

Trata-se de chegar para a imagem de futuro bonito de cada Setor com Interesses em Jogo (SIJO) a partir das imagens dos pequenos grupos homogêneos.

Descrição

No Passo anterior, foram trabalhados grupos de diferentes SIJO's gerando cada um a sua proposta de imagem de futuro bonito e assim conseguimos várias propostas intermediárias de imagens de futuro bonito por cada SIJO. No passo 3, vamos explorar, discutir, unificar, modificar, acrescentar, aprimorar, qualificar as propostas intermediárias, geradas pelos diferentes pequenos grupos de cada SIJO até conseguir um só sonho por cada SIJO. Cada novo grupo junta os participantes de diversos grupos do mesmo SIJO que trabalharam no passo anterior. Vamos ver como.

Uma agenda típica para cada novo nível de agrupação:

1. Cada pequeno grupo do passo anterior se junta com outro pequeno grupo do mesmo SIJO, formando novos grupos de aproximadamente seis pessoas;
2. Os integrantes do novo grupo se apresentam entre si, escolhem uma pessoa para registrar os produtos consensuais e uma pessoa para coordenar e iniciam a partilha das duas imagens de futuro presentes. Primeiro um grupo, depois o outro;
3. Todos escutam com atenção, buscando coincidências, similitudes, e diferenças com as próprias imagens. Vão registrando, decidindo o que fica, também vão transformando e aprimorando;
4. Quando conseguem construir uma só imagem de futuro, desse grupo de seis pessoas, se juntam com outro grupo também de aproximadamente seis pessoas que fez a mesma operação, partilham as novas versões de imagem de futuro e discutem até conseguir uma só imagem de futuro deste grupo maior;
5. E assim sucessivamente até conseguir uma só imagem de futuro bonito por cada SIJO. Por isso falamos que pode haver passos 3^a, 3^b, 3^c, etc.

Caso haja muitas pessoas participantes: até aqui avançamos com um sistema de fusão sucessiva, mas pode acontecer que haja muitas pessoas no exercício e os participantes não achem apropriado discutir com mais de 12 pessoas. Neste caso, entramos no método de delegados negociadores. Chegado o momento, cada novo grupo (de doze membros) desenvolve seu trabalho até construir sua imagem de futuro coletiva e depois faz uma escolha de negociadores plenipotenciários que vão partilhar sua imagem de futuro coletiva e dialogar com os delegados dos outros grupos, até criar a imagem de futuro bonito de todo o SIJO. Pode haver a decisão de ratificação em plenária de cada SETOR.

Caso poucas pessoas participantes: quando são poucas pessoas participantes no exercício, por cada SIJO e poucos pequenos grupos no passo 2 (dois o até três grupos com dois ou três pessoas cada um), pode formar-se diretamente um só grupo por SIJO e em um passo chegar a construir as respectivas imagens de futuro bonito¹⁸⁶. Os grupos terminam seu trabalho deste passo quando tiverem construído uma única imagem consensual de futuro e o passo termina quando cada SIJO tem sua imagem de futuro.

Orientações gerais neste passo #3

1. Acrescentar e manifestar o interesse de cada participante nos grupos de discussão e construção das imagens de futuro para explorar com atenção o sonho dos outros pequenos grupos do mesmo SIJO e de disponibilizar o seu sonho grupal intermediário para ser explorado por eles. Havendo aprendizagens de ambas as partes;

2. Os produtos de cada SETOR vão ser apresentados como texto ou lista de características e se for possível em um mapa ou diagrama (Cada SETOR = um sonho ou imagem de futuro);

3. Como no passo 2, uma boa forma de desenvolver a discussão é a seguinte:

a. Os participantes destacam primeiro os aspectos dos futuros bonitos apresentados, que são coincidentes e os registram;

b. O grupo fala dos elementos que são parecidos, mas não idênticos e dialogam para ver se podem ser aceitos pelos que não tinham pensado dessa maneira e/ou tentam construir a partir deles novos elementos para aprimorar a imagem de futuro bonito boa para todos. Quando conseguido vão aumentando a lista;

c. O grupo foca nos aspectos que são diferentes e conversam sobre eles. Os “porquês” das diferenças. Dialogam para ver se podem ser aceitos pelos que não tinham pensado dessa maneira. Lembrar que sempre há uma sentilógica para as contribuições;

d. Caso tenha contribuições opostas, falar sobre elas, mas para entender. Não fazer grandes esforços para convencer aos outros ainda. Em outro ano pode ser que as coisas evoluam e o que parecia errado para uns, pode se descobrir apropriado. Tem que dar tempo ao tempo, como falavam os avós.

e. O grupo toma em consideração cada nova ideia que aparece sobre o futuro bonito, segundo ele, e decide com quais novos elementos vai acrescentar a sua proposta;

f. O grupo pode fazer, as vezes que precisar, pausas para descansar, relaxar, integrar um exercício de concentração, uma técnica de animação, caminhar por entre os outros grupos que estão refletindo, etc.

PASSO 4 - CONVERGÊNCIA POR UMA IMAGEM ÚNICA DE FUTURO BONITO. “O SONHO DE TODOS NÓS É...”

A intenção é chegar para a imagem de futuro bonito de todos, que seja um grande sonho, a partir das imagens dos setores com interesses em jogo, de maneira consensual. Entramos para este passo com a imagem de futuro bonito construída no passo 3, por cada SETOR.

Um primeiro momento é de compartilhar as distintas imagens de futuro bonito de cada SETOR. Isso pode acontecer assim:

1. Cada SETOR monta uma exposição para a apresentar a sua ideia de futuro bonito para todos os demais SIJO's e participantes. Para conseguir fazer bem, escolhem um coordenador de expressão;

2. Cada SETOR visita a exposição dos outros SETORES, para apreciar as imagens de futuro bonito construídas. Um sistema de rodízio com tempo definido;

3. Cada SETOR reflete sobre os demais trabalhos e encontra aspectos comuns, aspectos muito opostos, aspectos que podem se integrar e novos aspectos que estão lá e interessam ao próprio SETOR, mas que ainda não tinha pensado.

Para continuar o trabalho há duas propostas:

1. A primeira é fazer a construção por delegados plenipotenciários. Cada SETOR escolhe um delegado-para dialogar e um conselheiro, que vão se encontrar com os delegados e conselheiros dos outros SETORES, para fazer a partir de todas as imagens de futuro bonito, uma só. Cumprido o tempo, a comissão vai apresentar a sua proposta integradora e aprimorada para todos os participantes (plenária).

2. A segunda é formar uma equipe que revise os sonhos de cada SETOR, determine os elementos que são comuns dentro desses sonhos e, enquanto comissão, fazer a proposta de um sonho integrado. Depois deve buscar afinar as coerências entre os diversos elementos.

Sempre é recomendável uma apresentação do trabalho final em plenária, buscando a aprovação. E assim, já temos uma imagem de futuro bonito produzida por todos os participantes dos diversos setores com interesses em jogo e que são protagonistas na comunidade (ou na prática, iniciativa, organização comunitária, ou coletivo que foca nossa atenção).

O MOMENTO “B”: A IMAGEM DE FUTURO BONITO COMO HORIZONTE E COMO PROFECIA

A palavra “profecia”, parte segundo o professor Antonio Carlos, do grego “prophetia”, onde “pro” é “à frente” e “phanai” é “falar”¹⁸⁷, sabemos que expressa eventos que vão acontecer e que são anunciados com antecedência.

O estudioso em comunicação e psicoterapeuta, Para Paul Watzlawick¹⁸⁸, diz que, a profecia do evento leva ao cumprimento da profecia. Sua proposta é que uma suposição ou predição pelo fato de ter sido feita, leva a realidade ou suposto esperado ou profetizado, e desta forma confirma sua própria exatidão.

No Futureo, não só buscamos a construção do sonho bonito, mas também anunciá-lo. Ele vai existir. Sabemos que para que a profecia possa acontecer, é preciso que as pessoas acreditem nela. Esse é parte de nosso esforço.

No Futureo, discorreremos sobre o sonho para conseguir que seja cumprido. Temos de garantir que nosso sonho bonito e coletivo esteja presente no horizonte, iluminando as inteligências e os corações, afirmando uma consciência participante. A imagem de Futuro deve propor um sentido às decisões e ações de cada participante no assunto que foca nossa atenção¹⁸⁹ sem esquecer que este horizonte vai contribuir para que cada membro assuma posições frente às situações e forças de origem externa, mas que têm consequências dentro.

O momento “B” e parte do “C” vão ser desenvolvidos nessa direção. Nele, vamos (1) definir os lugares e tempos adequados para apresentar a imagem de futuro para os que não participaram diretamente da sua criação e para lembrar aos que participaram, e (2) vamos também criar formas de expressão simbólica, as quais vão ser nesses lugares e nesses espaços de tempo (falta um termo que defina o que elas vão ser).

PASSO 1 - UM FUTURO BONITO INTEGRAL EM VÁRIAS IMAGENS

O texto que descreve a imagem inicial do futuro bonito construída por todos vai ser passado para outras formas de expressão, que podem incluir:

- Imagens sobre uma superfície, que vão desde murais (paredes) até “banners”, cartões e cartolinas onde são instalados conjuntos de fotos e/ou de desenhos (de argila e/ou colagem) e/ou peças de artesanato e assim por diante;
- Como texto e derivados, para ler: histórias de quadrinhos, poemas, canções, metáforas, adivinhações;
- Como sons (narrações orais diversas, voz com instrumentos, músicas, roteiros para rádio tradicional ou comunitária básica, emboladas)¹⁹⁰;
- Propostas integrais na forma de apresentações de slides (em pessoa ou on-line), vídeos, pequenas peças de teatro, bonecos, atividades lúdicas, etc.
- Como movimentos (gestos que identificam, dança, etc.) e integralmente (como vídeos, pequenas peças de teatro, bonecos, jogos, entre outros).

Os grupos criativos

Os participantes dividem-se em grupos e a partir do texto cada grupo faz uma interpretação criativa do futuro sonhado. Destacamos o seguinte:

1. Os grupos criativos vão ser definidos pela técnica artística ou forma de expressão escolhida;
2. Cada grupo criativo pode incluir artistas, os que fazem diretamente o trabalho estético, e assistentes, os que contribuem com ideias, para garantir que os elementos básicos estejam na obra e sejam compreendidos pelo público;
3. É preferível que em cada comissão estejam presentes pessoas dos diferentes SIJO's.

O que buscamos

Buscamos que a imagem de futuro bonito, criada pelos protagonistas, que tem sido legitimada pelos membros da comunidade, esteja disponível integralmente para todas as pessoas que são partes dela, nos diferentes SIJO's... E que o acesso seja tanto esclarecedor quanto agradável. Um futuro bonito, autêntico e apresentado de forma bonita.

PASSO 2 - PLANEJAMENTO COMUNICACIONAL

Já com a ideia do futuro bonito em texto e em imagens, novamente os participantes vão se reunir por SIJO e vão refletir e decidir:

1. Quais são os espaços chaves para este SIJO na vida comunitária e quais os momentos-chave?;
2. Como deve ser apresentada a imagem de futuro e qual parte dela, nesses espaços e tempos para que ela seja considerada/assumida por todos (e por quê?);
3. Quais são os outros atores que devem/podem ser incorporados (e ainda não foram) em uma ação de comunicação ou de incidência com a intenção de garantir a admissão da imagem de futuro por quem deve ser assumida.

Os dois primeiros pontos contribuem para as novas oficinas de expressão (passo seguinte) e o último alimentará o Fechar-Abrindo (Momento final “C”).

PASSO 3 - NOVAS OFICINAS DE EXPRESSÃO

Os participantes, a partir da imagem de futuro criada no momento A e dando continuação de “como deve ser apresentada a imagem de futuro” nos espaços chaves de cada SIJO (passo anterior), agora representarão o Futuro bonito de forma utilitária para distintas situações.

O que buscamos

Buscamos que a mensagem, a imagem de futuro bonito, criada pelos protagonistas sejam legitimados pelos membros da comunidade, esteja disponível para todas as pessoas que fazem parte dela. Como um horizonte. Mas para ver o horizonte e que ele consiga impressionar, as pessoas devem levantar a cabeça e tomar o tempo necessário. Chamaremos a atenção de várias formas, nos momentos mais apropriados, para que elas ergam a cabeça. E onde e quando as pessoas interessadas estiverem. Também reiteramos, sem excesso.

Os grupos criativos

Os participantes dividem-se em grupos e a partir do texto, cada grupo faz uma interpretação criativa do futuro sonhado ou uma criação a partir das orientações geradas no passo 1. Destacamos o seguinte:

- Cada comissão pode incluir os artistas (os que fazem diretamente o trabalho estético) e os assistentes, que contribuem com ideias, para garantir que os elementos básicos estejam na obra e sejam compreendidos pelo público;
- É preferível que em cada comissão estejam presentes pessoas dos diferentes SIJO;
- Pode ser preciso criar um mesmo grupo criativo de uma das formas de expressão que trabalhe para os diversos SIJO's. Por exemplo, fotógrafos;
- A busca é que essa criação seja compreensível e consiga os propósitos estabelecidos no passo 1;
- É possível convidar para este passo alguns artistas de maior competência técnica, mas garantindo que eles não interfiram na ideia original.

Já tínhamos falado acima sobre as diversas possibilidades de expressão do futuro bonito.

PASSO 4 - GARANTIR VISIBILIDADE

Com os produtos dos passos anteriores, os participantes geram um plano de visibilidade comunitária para fazer o futuro bonito, parte da vida dos membros em cada setor com interesses em jogo. Pode haver ações para expressá-lo, outras para refletir sobre ele, também aprimorá-lo, gerar iniciativas, etc. O plano pode seguir a estrutura que os participantes estão acostumados, mas é bom lembrar as perguntas clássicas que orientam o plano:

- O que vamos fazer: enumeração e/ou descrição de cada ação que será realizada;

- Para que fazer cada ação: mencionar o resultado esperado de cada ação. Cada uma deve contribuir para fazer o futuro bonito, parte da vida dos membros;
 - Onde fazer: quais as regiões, locais, espaços de realização;
 - Quando fazer: tempo, prazo, duração, para executar cada atividade;
 - Quem fará: responsáveis principais pela ação, e indicação de outros participantes quando preciso;
 - Como será feito: técnica, passos, e recomendações metodológicas específicas;
 - Sempre ajuda pensar no que faz necessária e possível cada ação: o porquê.
- Este plano será apresentado para aprovação no “Momento C”, Fechar-Abrindo.

O MOMENTO “C”: FECHAR-ABRINDO

No momento “A”, geramos uma imagem de futuro bonito de todos. No momento “B”, construímos um plano de visibilidade deste plano, algumas expressões diferentes da imagem inicial de futuro bonito e expressões de aspectos do futuro bonito para os diferentes SIJO’s, diferentes momentos e diferentes espaços. Então, com a imagem consensual de futuro no coração de todos, você e os demais precisam usar essa imagem para contribuir na mudança das coisas, nessa direção.

No Fechar-Abrindo, é preciso gerar as condições mínimas para a mudança ser conseguida, vamos avançar na busca desse futuro que já foi construído como imagem. Neste momento os participantes vão pensar nos próximos passos, como sujeitos transformadores da realidade, que eles são. Entra na ação o que diversos pensadores, dos quais mencionamos nesta publicação, têm nomeado da “vontade de potência”, a “potência de agir”, “a vontade de potencial” e o entusiasmo.

Agenda mínima e alguns destaques

Os participantes, no fechar-abrindo, podem considerar na sua agenda seguintes pontos:

1. Apresentar o trabalho desenvolvido, as suas sensações, e os produtos para a comunidade ou organização;
2. Definir os passos seguintes e seus responsáveis;
3. Esclarecer os usos dos produtos gerados pelos participantes. Os produtos devem tornar-se insumos (“insumação dos produtos”);
4. Gerar um plano de devolução para outros setores;
5. Celebrar a finalização.

Em relação aos pontos propostos acima, nós, autores, queremos destacar certas atividades que podem ser muito desafiantes:

Destaque #1. Fazer voar a voz

A comunidade para mudar e se aproximar do sonho bonito, precisa fazer um grande esforço de comunicação. Pode usar a mídia amiga e as redes sociais para divulgar o sonho e as propostas e avanços e para convocar os apoios e pode divulgar e acrescentar forças incidindo inclusive nas redes sociais.

Exemplos:

- Um texto integral do sonho bonito vai estar nos espaços públicos e comuns da comunidade e vai ser entregue a cada membro ou cada família em um formato, também esteticamente bonito, como parte do cerimonial de “fechar-abrindo” (passo seguinte). Vão ser entregues outros materiais também em espaços extracomunitários pertinentes (movimentos sociais, outras comunidades, instâncias de decisão);

- Diante das exposições, os assistentes se dividem em grupos e a partir do texto, cada grupo faz uma interpretação criativa do futuro sonhado e de seus papéis possíveis;
- Apresentações para as professoras das escolas.

Destaque #2. Refletir sobre as condições para realizar esse futuro bonito

É um tempo para perguntas que ajudam, pelas respostas que geram, a tornar real ou efetivo o sonho. Como as seguintes:

1. Quais condições limitam a possibilidade de conseguir esse futuro? Quais favorecem? (Dentro e fora da comunidade);
2. Que coisas têm que mudar antes para construir esse futuro? Como podemos? (Potencialmente uma lista de objetivos do caminho);
3. Quais capacidades precisamos para conseguir esse futuro?
4. E outras geradas pelos participantes

Um exercício de prognóstico das ameaças, oportunidades, debilidades, e fortalezas, internas e externas, no processo de realização do sonho bonito pode contribuir muito bem. E pode ser ainda melhor quando buscamos respostas para perguntas do tipo: como reduzir as ameaças? Como garantir as melhores oportunidades? Como debilitar as debilidades? Como manter as fortalezas ou fortalece-las?

Destaque #3. Salientar as intenções do Futureo pertinentes para nosso caso.

Voltamos para as intenções originais do Futureo. O que estamos procurando? (Lembremo-nos do capítulo V).

a) Podemos com o sonho bonito subsidiar o planejamento, seja o planejamento estratégico da comunidade ou planejamentos de iniciativas específicas (em uma dinâmica ou prática comunitária, um projeto, etc.).

b) Podemos usar o sonho bonito e coletivo para contrastar com o que já acontece como iniciativa(s) na comunidade ou organização. Como o que está acontecendo ou vai ser feito contribui para o logro do sonho bonito? Podemos comparar o futuro bonito sonhado também com documentos que encaminham as ações, como um plano geral, um plano estratégico, um desenho de projeto, uma imagem ideal construída antes, ou algo similar. Estabelecemos a coincidência entre a imagem construída coletivamente (sonho) e o documento de referência, questionamos o que da imagem de Futureo que não foi incluído no documento de referência e o que está no documento de referência que não incluímos no nosso sonho. Refletimos sobre incluir isso ou não. Se quiserem, os participantes podem retornar ao trabalho em grupos ou selecionar uma comissão de plenipotenciários para incorporar os elementos relevantes no sonho do futuro bonito.

c) O sonho pode ser destacado como como afirmação da identidade comunitária. O futuro comum, pode identificar quando os moradores não têm uma história comum porque chegaram no território fugindo da violência, deslocados de diferentes regiões, vítimas de grandes desastres, ou quando como assentamentos conquistaram a terra...

d) O sonho bonito e comum serve, neste processo, para integrar um setor de moradores que não tem consciência de pertencimento, ou quando os demais setores rejeitam a outro setor de moradores. Como o caso de jovens membros de gangues em estados ainda não muito avançados de violência, setor do território que foi entregue a imigrantes que saíram das suas regiões pela força, etc.

e) O futuro bonito construído coletivamente pode dar um novo sentido para a história e provocar novas dicas, quando incorporado como referente hoje do acontecido no passado. Como acontece no método de Revisão da história da comunidade com vista ao Futuro ou REI-F;

Destaque #4. Encaixar a nossa imagem nas instâncias de decisão

Parte da tarefa é expressar a imagem de futuro, compartilhar. A outra parte é o esforço para encaixá-la nos espaços de decisão pertinentes e monitorar os resultados. Os participantes voltarão à imagem de futuro em um insumo para as discussões e tomadas de decisões nas instâncias que podem nos afetar. É o exercício cidadão da incidência

Destaque #5. Duas precauções para o que falta na caminhada

1. Proteger o primeiro Futureo de ser encurralado e reduzido por duas tendências sufocadoras da chance de sonhar livremente: por um lado, as “avaliações realistas da experiência”, especialmente exercidas por pessoas muito conservadoras, que descartam propostas que nascem ou renascem, usando argumentos como: “nós tentamos isso e não funcionou”. E, além disso, as “avaliações racionalistas” muitas vezes acadêmicas formais que impedem o progresso apelando para as caixas mono disciplinares e o pensamento simplista da realidade (vs. A Complexidade). Aqueles que não podem reconhecer a transdisciplinaridade e dificilmente aceitam a interdisciplinaridade. Este não é o tempo deles. Nesta atividade, estamos dedicados a sonhar ou utopizar sem bares ou fechaduras, e depois vamos transformar essa utopia em topia ou realidade.

2. Afastar a repressão e a autorrepressão. Não é suficiente para criar, mediante a combinação de representações de coisas concretas ou ideias, também é preciso fazer isso sem limites normalizadores e conversar sobre o tema. “Sem limites normalizadores” quer dizer sem muita intervenção dos padrões lógicos e categorias aprendidas sem reflexão e repetidas muitas vezes, mas também sem a ditadura do hábito... Neste exercício.

AGORA, SERÁ NECESSÁRIO REINVENTAR!

Mudar é possível é necessário. A proposta nestas laudas é contribuir para mudar o mundo e contribuir para mudarmos, a partir do sonho de um futuro bonito que parte das diferenças e fazê-las dialogar. A sugestão é também mudar a proposta metodológica quando for necessário. Tudo está em construção porque tudo é incompleto.

Ocorre que, quando vamos mudando para outro ou outros mundos possíveis, algumas coisas novas ou transformadas, carecerão de nomes adequados e será preciso falar sobre eles, apontar com o dedo, sussurrar, gritar, falar de novo, e por não saber como mencioná-las, até criar as palavras apropriadas (Obrigado! Gabo¹⁹²).

É uma tarefa necessária em todas as dinâmicas comunitárias para nos separar dos anos de solidão, que já são mais de cem. É preciso reinventar a linguagem e nos reinventarmos sempre.

Eu costumo, inclusive usando um jogo verbal, dizer que você só aprende quando aprender a razão de ser do objeto que aprende.
(FREIRE, 2003)

Mas só se compreende,
só se conhece o que se pode
em alguma medida reinventar.
(BERGSON, 2006).

NOTAS

¹⁷¹ Os termos sonho bonito e futuro bonito, são sinônimos.

¹⁷² Em espanhol: “Los que hablan del problema indígena tendrían que empezar a reconocer la solución indígena. Al fin y al cabo, la respuesta zapatista a cinco siglos de enmascaramiento, el desafío de estas máscaras que desenmascaran, está desplegando el espléndido arcoiris que México contiene y está devolviendo la esperanza a los condenados a espera perpetua. Los indígenas, está visto, sólo son un problema para quienes les niegan el derecho de ser lo que son y así niegan la pluralidad nacional y niegan el derecho de los mexicanos a ser plenamente mexicanos, sin las mutilaciones impuestas por la tradición racista, que enana el alma y corta las piernas”. (Una Marcha Universal. Página 12. <http://www.pagina12.com.ar/2001/01-03/01-03-11/contrata.htm>)

¹⁷³ Dos livros “Orún Àiyé - O Encontro de Dois Mundos” de José Beniste, e “Os Nagô e a Morte” de Juana Elbein dos Santos.

¹⁷⁴ IFATOLA. LoKení. Yorubá - Vida e Morte. Mundo Dos Orixás. <http://www.orixas.com.br/portal/index.php/32-artigos/languages/76-yoruba-vida-e-morte> . Acessado em 17 de julho de 2014.

¹⁷⁵ GALEANO, O livro dos abraços. 2002

¹⁷⁶ As categorias de protagonistas lideranças, impulsionadores e executores modelos já foram descritas em (ULLOA, 2009) e outros textos anteriores do mesmo autor. Nessa sequência, “puxar”, “empurrar” e “servir como modelo” foram consideradas as grandes funções para os três tipos de protagonistas citados.

¹⁷⁷ Há um filme que ajuda entender esta categoria de participantes: 2001, Le fabuleux destin d'Amélie Poulain, Directeur: Jean-Pierre Jeunet. Roteiro: Jean-Pierre Jeunet, Guillaume Laurant,

¹⁷⁸ Os termos sonho bonito e futuro bonito, são sinônimos.

¹⁷⁹ Curso de Especialização em Processos Históricos e Inovações Tecnológicas no Semiárido Brasileiro (PRONERA/INSA/UFPB) e Movimentos Sociais do Campo (Via Campesina), realizado nos anos de 2013 a 2015.

¹⁸⁰ A REI-F é o Método de Revisão de Experiência com Vista ao Futuro.

¹⁸¹ O conteúdo dos parágrafos sobre a mística foi enriquecido pelo texto: Mesa Andina/Oferendas. Xamanismo. <http://www.xamanismo.com.br/Teia/SubTeia1205102587lt001> . Acessado em 15. 01. 2015.

¹⁸² GONZÁLEZ, et. al. La lúdica para la vida y el desarrollo. 2006

¹⁸³ No Futureo, destacamos o uso coletivo daquilo compartilhado para o grupo, mas não podemos esquecer que podem resultar usos individuais.

¹⁸⁴ FREIRE, Paulo. Pedagogia da tolerância. São Paulo UNESP. 2004, p. 206.

¹⁸⁵ Um “SIJO”, que é essencial para uma situação, não é necessariamente relevante para outra.

¹⁸⁶ Este momento de comunicação nomeamos de “células” em um recente trabalho no Instituto Nacional do Semiárido (Insa). O leitor pode encontrar mais informação em ULLOA FORERO, et. al. Comunicação interpessoal entre pesquisadores: Momentos Sinérgicos. Insa. 2015.

¹⁸⁷ Ver: CARLOS, 2012. Profecia. <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/profecia/>

¹⁸⁸ Watzlawick, Paul (1922-2007). Psicoterapeuta, teórico da Comunicação. Co-criador da “Mental Research Institute” de Palo Alto. Nasceu na Áustria e migrou para Canada. Ver: WATZLAWICK, Paul. The Invented Reality. New York: W.W. Norton & Company, Inc., 1984 p. 95-116

¹⁸⁹ A comunidade, dinâmica comunitária, prática, iniciativa, organização comunitária, ou coletivo para o que estamos aplicando o Futureo.

¹⁹⁰ No Nordeste do Brasil, também: “Coco de embolada”, “Coco-de-improviso” ou “Coco-de-repente”. Uma dupla de cantadores que cantam versos entre si tentando vencer o outro a partir da criatividade e agilidade.

¹⁹¹ O Brasil é o país dos grandes teatrístas do mundo: Augusto Boal. Seus livros estão sendo reeditados, no Brasil, desde o ano 2013. Cf. A Secretaria da Educação de Paraná <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=17601> e da Info-Escola: <http://www.infoescola.com/artes-cenicas/teatro-do-oprimido/>.

¹⁹² Gabo é Gabriel García Márquez, o escritor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBA. *I have a dream* [Gravação de Som]. comps. Ulvaeus Björn e Andersson Benny . - [s.l.] : Poilar Music Studios, 1979. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/I_Have_a_Dream_%28can%C3%A7%C3%A3o%29

A-LA-UNE. Marien Ngouabi: *Les petits secrets d'un odieux assassinat...* Disponível em: <http://www.dac-presse.com/actualites/a-la-une/politique/811-marien-ngouabi-les-petits-secrets-dun-odieux-assassinat.html>. Acesso em: 05 de 11 de 2014.

ALLENDE, Isabel. *O Reino do dragão de ouro*. Capítulo I – O Vale dos Yetis. Editorial Areté. Random House Mondadori. 2003.

AMOS, Kathleen A. *The ethics of scholarly publishing: exploring differences in plagiarism and duplicate publication across nations*. [Periódico] // J Med Libr Assoc. - 04 de 2014. - Vol. 102 (2). - pp. 87-91. Disponível: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3988779/>.

ANDRADE, Fernando Teixeira. O Medo: o maior Gigante da Alma. s/e, s/d. Disponível em: <http://limacoelho.jor.br/index.php/O-medo-o-maior-gigante-da-alma/>.

ASLISSON, Elton. *Má conduta científica é um problema global*. Agência FAPESP. Disponível: <http://www.agencia.fapesp.br/19643>. Acesso em 22 de agosto de 2014.

AUGÉ, Marc. *Para onde foi o futuro?* Trad. Ribeiro Eloisa Araújo. - Campinas: Papyrus, edição brasileira, 2012, p. 121.

AUGUSTO, André. *Que se votará no referendo grego?* Revista Eletronica Esquerda Diário. 30 de 06 de 2015. - <http://www.esquerdadiario.com.br/Que-se-votara-no-referendo-grego>.

BALDI, César Augusto. *Sumak kawsay, interculturalidade e descolonização*. Jornal Carta Forense. 12 de 04 de 2013. - <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/artigos/sumak-kawsay-interculturalidade-e-descolonizacao/10907>.

BARROS, Filho Clovis. *A diferença entre Moral e Ética*. (pelo Filósofo Clovis de Barros Filho). <https://www.youtube.com/watch?v=x8JggjaMY4A>. - Filósofo Clovis de Barros Filho. Acesso em 12 de outubro de 2014.

BARUCH, Jérémie. *Gaza: 600 mortos, 100 000 déplacés, des quartiers annihilés... 13 jours de guerre* [Artigo] // Le Monde. Acesso em 22 de julho de 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Nós hipotecamos o futuro* (Vídeo 23'42") [Entrevista]. - [s.l.] : Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=OcpD1pLdkoQ>; Globo, 2012. Assistido em Youtube: 09 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/?tab=wm#inbox/14abcf5b59c5b73b?projector=1>.

BECHARA, Evanildo. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. pag 112.

BOFF, Leonardo. *O viver melhor ou o bem viver?*. Agenda Latinoamericana 2012.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOXACA, Lucas e LUTEREAU, Luciano. *El temor de ser "mal visto"*. Página 12. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/psicologia/9-252904-2014-08-17.html>. - Sección Psicología: sobre la obediencia neurótica. Acessado em: 17 de agosto de 2014.

BRECHT, Bertolt. *Cinco dificuldades de escrever sobre a verdade*. 1934. Disponível em: <http://redecastorphoto.blogspot.com.br/2013/03/bertolt-brecht-cinco-dificuldades-de.html>. Acesso em: 13 de julho de 2014.

BRUSCHTEIN, Julián. *Ahora usan los golpes de mercado*. Página 12. Disponível: <http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/elpais/1-256534-2014-10-01.html>. - El país | Miércoles, 1 de octubre de 2014. Acesso em 01 de outubro de 2014.

BUCKINGHAM, will. et. al. *O Livro da Filosofia*. trad. Kim Douglas. Sao Paulo. Globo, 2011. p. 352.

CANTALICE, Thiago. *Feminismo, mercado de sexo e turismo: reflexões sobre as múltiplas faces e interpretações do sexo mercantil*. Bagoas. - [s.l.] : Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Vol. 8. pp. 145-178.

CARDONA, Navarrete Steven - Entrevista com Boaventura de Sousa Santos. *O neo-extrativismo está acabando com a América Latina*. Biodiversidad en América Latina y El Caribe. -16-11-2014. Disponível em: http://www.biodiversidadla.org/Principal/Secciones/Documentos/O_neoextrativismo_esta_acabando_com_a_America_Latina. Entrevista original em: El Espectador (Colombia), 26-10-2014. A tradução de: André Langer. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

CAREAGA, Ana María. *Consecuencias subjetivas del terrorismo de Estado*. Espacios. - Buenos Aires: Instituto Espacio para la Memoria, 2012. p 4.

_____. *Nadie Sabía lo que todos sabían*. Página 12. Disponível: <http://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/psicologia/9-256044-2014-09-28.html>. Acesso em: 28 de setembro de 2014.

CASTILLO VACANO, Luz. *El tiempo en el mundo andino*. Musef. Museo Nacional de Etnografía y Folklore, 2009. Disponível: http://www.musef.org.bo/uploaded-files/musef_investigacion/TiempoMundoAndino.pdf. Acesso: 15 de janeiro de 2015.

CHAMORRO CAICEDO, Luz Stella. *Los cautiverios de niñas y jóvenes excombatientes de grupos armados colombianos*. Trabajo Social. - Bogotá : [s.n.], 2012. Vol. 14. pp. 127-144.

DÁVALOS, Pablo. El Sumak Kaway Suma Quamaña y el acontecimiento indígena: *Una crítica desde la ontología política de la resistencia* [Seção do Livro] // Territorios em disputa. Despojo capitalista Luchas em defesa de los bienes comunes y alternativas emancipadoras para América Latina / A. do livro Composto Claudia, Navarro Mirna Lorena e Compiladoras. [s.l.]. Bajo Tierra Ediciones, 2014. Texto traducido por el autor de la página 359.

DAVIDOVÍCH, Luiz e VILELA, Fernanda. *Mas, afinal, o que é física quântica?* (Entrevista) [Online] // Agência Ciência Web. 11 de 03 de 2014. Disponível: <https://agenciacienciaweb.wordpress.com/2012/10/18/mas-afinal-o-que-e-fisica-quantica/>. Acesso em: 14 de julho de 2015.

DAVIS, Angela. *A democracia da abolição: para além do império das prisões e da tortura*. Rio de Janeiro. Casa SP, 2009.

DUSSEL, Enrique 1492: *O encobrimento do Outro. A Origem do “mito dá modernidade”*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

EDWARDS, David. Stephen Hawking comes out: *‘I’m an atheist’ because science is ‘more convincing’ than God* [Periódico] //Rawstory. <http://www.rawstory.com/rs/2014/09/stephen-hawking-comes-out-im-an-atheist-because-science-is-more-convincin>. [s.n.], 24 de 09 de 2014. Acesso em: 07 de abril de 2015.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. ed. Schröter Michael. RJ. Jorge Zahar Editor, 1998. Disponível: <http://copyfight.me/Acervo/livros/ELIAS,%20Norbert.%20Sobre%20o%20Tempo.pdf>.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba. Positivo, 2010.

FERREIRA, Francisco H. G. et. al. *Mobilidade Econômica e a Ascensão da Classe Média Latino-Americana*. Visão Geral. Banco Mundial. 2013.

FONSECA, José Henrique. et. al. *O homem do Ano / esc. Fonseca Rubem; art. Benício Murilo*. 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo UNESP. 2004, p. 206.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo. Paz e Terra, 1992, p. 05.

_____. *Mudar é possível e necessário*. [Entrevista]. São Paulo: Francis, depoimento em Abril 1997. Livro publicado em 2003.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo. Unesp, 2000.

FUNDACIÓN ROSA Luxemburgo; *Radialistas apasionadas y apasionados, Censat Agua Viva Alternativas al desarrollo. La destrucción del planeta no es un destino*. Bogotá. Censat-Agua Viva-Amigos de la Tierra (Colombia) e Fundación Rosa de Luxemburgo (Quito), 2014, p. 88.

GADOTTI, Moacir e VENTURA, Toni. *Paulo Freire contemporâneo* (Documentário). art. Freire Paulo. 2007. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=EzjY0x37E88>. Acesso em: 25 de outubro de 2014.

GALEANO, Eduardo Peligro em la noche. In: *Espelhos: uma história quase universal*. Editora Siglo XXI. 2009. p. 333

_____. *O Livro dos Abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. 9ª ed. Porto, 2002. p. 333

GARCÍA MARQUEZ, Gabriel. *La Mala hora*. Mondadori – Narrativa. 1983, p. 120. Original em espanhol: La vida no es más que una continua sucesión de oportunidades para sobrevivir.

GODOY, Paula. *O corpo, a Potência e os Afetos segundo Spinoza*. Jornal Existência. Sociedade de Análise Existencial e Psicomaiêutica (SAEP), 2015. Disponível: <http://www.existencialismo.org.br/jornalexistencial/paulaspiniza.htm>

GÓMEZ, Esperanza. et al. *Vivir Bien Frente al desarrollo: Procesos de Planeación Participativa en Medellín*. [s.l.]. Universidade de Antioquia, Faculdade de ciências Sociais, 2010, p. 274.

GONZÁLEZ, Mercedes. *La lúdica para la vida y el desarrollo*. 2006. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/ol9zjp19nh5trc3/L%C3%BAdica%20para%20el%20Desarrollo.pdf?dl=0>. Folheto de uso interno para capacitadores, enriquecido por los integrantes de la red RELAJO. Acesso em: 20 de janeiro de 2015.

GUSMAN, Luis. *Epitafios: el derecho a la muerte escrita*. [s.l.]. NORMA, Grupo Editorial, Colección Vitral. 2005.

HABERMAS, Jurgen. *Entre naturalismo e religião: Estudos filosóficos*. trad. Siebeneichler Flávio Beno. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 2007. p. 20 (original 1929. - Título Original: Zwischen Naturalismus und Religion. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/105735979/HABERMAS-Jurgen-Entre-Naturalismo-e-Religiao>.

HESSEL, Marcelo. *O homem do Ano – Crítica*. Omelete. 31 de 07 de 2003. Disponível em: <http://omelete.uol.com.br/cinema/io-homem-do-anoi/#.U8O-oUBiI8U>. Acesso em: 14 de julho de 2014.

HUANACUNI, Fernando. *Bolívia e a política do Viver Bem* [Entrevista]. [s.l.]: ADITAL, Notícias da América Latina e Caribe, 2015.

IFATOLA, Lokeni. *Yorubá-Vida e Morte*. Portal Orixás. Disponível em: <http://www.orixas.com.br/index.php/inicio/artigos/76-yoruba-vida-e-morte>. - Dados coletados: Salami-Tem. Morte na cultura Yorubá. Acesso em: 17 de julho de 2014.

INFOPÉDIA. Plexo // *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Porto Editora, 2003-2015. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/plexo>. Acesso em: 30 de janeiro de 2015.

IRURETA, Graziela Mazorco. *La descolonización en tiempos del Pachakutik*. Polis – Revista Latinoamericana. 2010, p. 1-18.

KUNDERA, Milan. *A imortalidade*. [s.l.]. Nova Fronteira, 1990. 7ª, p. 167.

LACERDA, Bruno Amaro. *A Dignidade Humana em Giovanni Pico della Mirandola*. Revista Legis Augustus (Revista Jurídica). - 09 de setembro 2010. Vol. 3. pp. 16-23.

LE MONDE. fr. *Les images de la mort de Tamir Rice, 12 ans, tué à Cleveland par la police*. - 27 de 11 de 2014. Disponível em: http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2014/11/27/cleveland-le-policier-qui-a-abattu-un-enfant-de-12-ans-a-tire-des-son-arrivee-sur-les-lieux_4529858_3222.html. Acesso em: 27 de novembro de 2014.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida* (Pulsações). Editora Nova Fronteira. 1999. p. 138.

LOPEZ, Joséfa. *Violences policières aux Etats-Unis: Les Noirs sont quasi déshumanisés*. Le Monde.fr. http://www.lemonde.fr/ameriques/video/2014/11/25/violences-policieres-aux-etats-unis-les-noirs-sont-quasi-deshumanises_4529171_3222.html. Acesso em 26 de novembro de 2014.

LORCA, Javier; MIGNOLO, Walter. *El control de los cuerpos y los saberes* (Entrevista a Walter Mignolo). Biodiversidad en América Latina. - 10 de 07 de 2014. Disponível em: http://www.biodiversidadla.org/Principal/Secciones/Documentos/El_control_de_los_cuerpos_y_los_saberes#.U8Vrbf9u5sl.gmail. Acesso em: 16 de julho de 2014.

LÖWY, Michael. *Por um novo mundo, sem capitalismo* [Entrevista] / ed. Amigos Caros. Ano XVIII No. 211. São Paulo. Caros Amigos. Publicado, 2014. pp. 16-20.

LLORENT, Helena. *Entrevista com Carlotta Sami* (ACNUR) no dia mundial dos Refugiados. Pedimos más solidaridad. Diálogo - Página 12. Junho de 2014.

LUCKMANN, Thomas. *Teoría de la Acción Social*. Paidós, 1966. pp. 14-37.

MARCHESINI, Paula. Borges, *Deleuze e o Tempo*. Revista escrita. Ano 2007. pp. 1-10.

MARIEN, Nguoubi. *Chronique d'une mort annoncée*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z-CFy96Piik>. acesso em: 11 de maio de 2014).

MAZORCO, Irureta Graciela. El vivir bien: *Paradigma ancestral o aymaracentrismo*. Aimaras Interculturales. com. Acesso em: 11 de abril de 2011.

_____. *La descolonización en tiempos del Pachakutik*. Polis [En línea], 2010. Vol. 9. - Publicado em: 18 abril 2012.

MOACIR, Gadotti. A escola e o professor: *Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo. Publisher Brasil, 2007.

MONTAÑO GARFIAS, Ericka. *Los invisibles pierden a su cronista*. La Jornada. México.[s.n.]. Disponível em: link: <http://www.jornada.unam.mx/2015/04/14/politica/002n1pol>. Acesso em: 14 de abril de 2015.

MOREIRA, Adriana Belmonte. Nietzsche e Espinosa: *Fundamentos para uma terapêutica dos afetos*. Cadernos Espinosanos. São Paulo, Brasil. FFLCH-USP, 2010. pp. 141-165. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/espinosanos/ARTIGOS/numero%2024/adriana.pdf>.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget. 2ª ed., p. 177.

MOSÉ, Viviane. *Especial Nietzsche*. Youtube. Café Filosófico -cpflcultura, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/wszgKT2zS-c>. Acesso em: 11 de janeiro de 2015.

NABUCO, Aray. *Por um novo mundo, sem capitalismo*. Publicado na Revista Eletrônica Caros Amigos – A primeira à Esquerda, Ed. 211, 2014.

NAÇÃO Zumbi - Chico Science. *Banditismo por uma questão de classe*. - 1994. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/nacao-zumbi/banditismo-por-uma-questao-de-classe.html>.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Negro e Racismo*. Revista de Cultura Vozes. 1974. Vol. 68 (7), pp. 65-68

NEWS.VA. Official Vatican Network América/Colômbia. A Colômbia como a Síria: *quase seis milhões de deslocados por causa dos conflitos internos*. News.Va. Official Vatican Network. Vaticano. [s.n.], 05 de 07 de 2014. News.Va. Official Vatican Network. Acesso em: 05 de julho de 2014.

NUÑEZ, Rafael; SWEETSER, Eve. With the Future Behind Them: *Convergent Evidence From Aymara Language and Gesture in the Crosslinguistic Comparison of Spatial Construals of Time*. Cognitive Science, 2006, pp. 1-49. Disponível em: <http://www.ppls.ed.ac.uk/ppig/documents/NSaymaraproofs.pdf>.

BARCELLONI, Gianni; ANTOINE, Claude. *O Leão de Sete Cabeças*. Diretor: Glauber Rocha. Longa-metragem (95 min). Roma, Itália, Companhia produtora: Polifilm. 1970.

ORMOND. Fabricio da Silva. *Mecanismos do Governo Federal e suas respectivas políticas públicas para o fomento do turismo social*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 187. Monografia, Graduação em Turismo, Grau de Bacharel.

PÁGINA 12. *Nuevo Colonialismo*. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-260751-2014-11-27.html>.

_____. *Terminó la tregua de Gaza*. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-252537-2014-08-09.html>. Acesso em: 09 de agosto de 2014.

PÉREZ, Adrián. *El joven objetor de Conciencia*. Página 12. disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-252394-2014-08-07.html>. - Argentina. acesso em: 07 de agosto de 2014.

PEREZ-MARÍN, Aldrin Martin. *et al.* O semiárido Brasileiro: *Riquezas, diversidades e saberes*. Campina Grande. Insa, 2013. - pp. 14-15.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *A falência do PT, a ascensão da direita e a esquerda órfã*. Revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/a-falencia-do-pt-a-ascensao-da-direita-e-a-esquerda-orfa-7538.html>. - <http://www.cartacapital.com.br/politica/a-falencia-do-pt-a-ascensao-da-direita-e-a-esquerda-orfa-7538.html>.

PINTO, Gerson Neves. *A invenção da Bioética*. Scientia Iuris, Londrina, v.18, n.2, p.211-227, dez. 2014.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades*. Observatorio Latinoamericano de Geopolítica. - 05 de 08 de 2008. Disponível em: <http://www.geopolitica.ws/article/entre-america-e-abya-yala-tensoes-de-territorialid/>. Acesso em: 19 de junho de 2015.

QUINTERO, Jorge. La felicidad es un antídoto: *Científico Colombiano*. El Tiempo. 2012. <http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-12436409>. Acesso: 09.08.2014

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Editora. CLACSO. Buenos Aires. 2005. p. 118.

RECH, Daniel. *et al.* *O genocídio do Nordeste, 1979-1983*. CPT. CEPAC. IBASE. São Paulo: Mandacaru LTDA, 1983.

RELIGIÃO Yoruba. WIKIPÉDIA /prod. WIKIPÉDIA a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation. 17 de 07 de 2014. http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Religi%C3%A3o_yoruba&oldid=39125044.

REVISTA Semana. *Un ladrón colombiano de cinco estrellas*. Revista Semana. Bogotá. [s.n.], Resenha do livro: Alias do autor Andrés Pachón. Acesso em: 12 de julho de 2014.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o Sentido do Brasil*. 1ª ed. 1995 – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RISKI, Marta. *El sentido común jamás fue neutral*. Página 12. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/laventana/26-246168-2014-05-15.html>. Acesso em: 18 de maio de 2014.

RUTLEDGE, Robb B. *et al. A computational and neural model of momentary subjective well-being. Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America (PNAS)*. Research paper. Published online before print August 4, 2014. Aceitação por a banca editorial em 02-07-2014.

SALATIEL, José Renato. *Militarismo na América Latina: a ditadura militar na Argentina*. Pedagogia & Comunicação. 2012. <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/militarismo-na-america-latina-a-ditadura-militar-na-argentina.htm>. Acesso em 10.08.2014.

SALLON, Hélène. *Etats-Unis: 300 millions d'armes à feu, 30 000 morts par an*. Le monde. fr. 2013. http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/01/08/etats-unis-300-millions-d-armes-a-feu-30-000-morts-par-an_1813806_3222.html. Acesso em 27 de novembro de 2014.

SAMI, Carlota. *Pedimos más solidaridad* [Entrevista]. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *De las dualidades a las ecologías*. Biodiversidade en América Latina y El Caribe / ed. Exeni Rodríguez José Luis. - Avril de 2012. Disponível em: http://www.biodiversidadla.org/Objetos_Relacionados/De_las_dualidades_a_las_ecologias._Boaventura_de_Sousa_Santos. Serie Cuadernos de Trabajo No. 18. www.remtebolivia.org; remtebolivia@yahoo.es. Acesso em: 15 de julho de 2014.

SEMANA El ventilador del Hacker. *Semana* / ed. *Semana Revista*. - 23 de 08 de 2014. Disponível em: <http://www.semana.com/nacion/articulo/el-ventilador-del-hacker/400101-3>. Revista *Semana*, Colombia. Acesso em: 23 de 08 de 2014.

SILVA, Vera Regina Rodrigues da. *Entre Quilombos e Palenques: um estudo antropológico sobre políticas públicas de reconhecimento no Brasil e na Colômbia*. Tese de doutorado. USP. Ano 2012. p. 28-29

SPINNEY, Laura. *How time flies*. *The Guardian*. 2005. Disponível em: <http://www.theguardian.com/science/2005/feb/24/4>.

SOUZA, Ana Inês; CARNEIRO, Gisele. *Afinal o que é utopia? As utopias em torno do trabalho: liberdade e criação*. Caderno 4 da Série: História Social do Trabalho. Curitiba. Julho de 2006.

TEDESCO, Marcelo C. *Notícias que dan vergüenza ajena*. Página 12. - 07 de 05 de 2014. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar/diario/laventana/26-245668-2014-05-07.html>. Acesso em: 12 de maio de 2014.

TENDLER, Victor. Encontro com Milton Santos: *O Mundo Local Visto do lado de cá* / art. Tandler Victor [et al.]. 2006. - Documentário - Duração: 89 min-.

TERRICABRAS, Josep-Maria. *Dicionário de filosofia*. Barcelona. Ariel, 1994. - Vols. Tomo I (A-D).

TVP. *La línea de tempo de Estela de Carlotto e Inácio* (entrevista em TV). tvpublica. TVP, 30 de nov. de 2014. Disponível em: <http://www.tvpublica.com.ar/articulo/la-linea-de-tiempo-de-estela-de-carlotto-e-ignacio-guido-montoya-carlotto/>. Acesso em: 23 de 01 de 2015.

UCL. *Equation to predict Happiness*. prod. (UCL) University College of London. 05 de agos. de 2014. Disponível em: http://www.ucl.ac.uk/news/news-articles/0814/040814_happiness_equation. - Lead author of the study, Dr Robb Rutledge. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

ULLOA FORERO, Luis Felipe. et al. Comunicação interpessoal entre pesquisadores: *Momentos Sinérgicos*. Campina Grande. Instituto Nacional do Semiárido, 2015, p. 40.

_____. *Diagnóstico de las Pandillas Juveniles de Estelí (Por qué no terminamos esto?)*. ed. Espinoza Ordoñez Diana e Caballero Karla Yeneris. - Estelí: ADESO. Asociación para la Investigación del Desarrollo Sostenible de Las Segovias, 2004, p. 406.

ULLOA FORERO, Luis Felipe. *Mecanismos para lograr el Empoderamiento y Autogestión de las Organizaciones de Base y sus Implicaciones en la Modalidad de Coejecución*. (Exposición Central). II Foro Regional de análisis "Empoderamiento y Autogestión para el desarrollo rural de Las Segovias" (Memoria) / A. do livro Nicaragua). TROPISSEC/ IDR (Gobierno de / ed. Nicaragua TROPISSEC-IDR/ Gobierno de. Estelí. [s.n.], 1999. 1a. 607-D-11.

_____. As dinâmicas Comunitárias: *Síntese No. 2* Disponível em: www.insa.gov.br. 03 de dez. de 2013. <http://www.insa.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/Texto-de-Felipe.pdf>. -

_____.; PEREZ-MARIN, Aldrin Martin. REI-F: *Um método participativo da história do recente*. Anais I Mostra de Produção Científica do Insa. Campina Grande, PB, Brasil. Instituto Nacional do Semiárido, INSA, 2013. pp. 99-103. Disponível em: <http://www.insa.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/ANAIS-I-Mostra-de-Produ%C3%A7%C3%A3o-Cientifica-do-INSA.pdf#page=99>.

_____. La línea de vida: *Acercamiento precoz a nuestra historia*. [Online] = A Linha da vida // Psicosocial.net. 2001-2005. Disponível em: http://www.psicosocial.net/de/centro-de-documentacion/doc_view/220-la-linea-de-la-vida?tmpl=component&format=raw.

_____. *Siete Pláticas sobre las organizaciones de desarrollo hoy*. Tegucigalpa. Editorial Guaymurás, 2010, pp. 147-153.

_____. *Por qué no terminamos esto? Diagnóstico de las pandillas juveniles o marimbas de Estelí (con miras a buscar pistas para mejorar la situación)*. Ed. Espinoza Ordoñez Diana y Caballero Karla Yeneris. - Estelí. ADESO "Las Segovias", 2004, p. 406.

_____. *Protagonismo desde adelante, desde atrás, desde todas partes*. Ed. Tellería Picón Gabriela. Jinotepe. Fondo Editorial Libros para Niños, 2009, p. 112.

Watzlawick, Paul. *Profecía Autocumplida*. The invented Reality. New York: W.W. Norton & Company, 1984. Disponível em: <https://es.scribd.com/doc/153018703/Watzlawick-Profecia-autocumplida>.

WEBSTER. Webster Ninth New College dictionary. Springfield. [s.n.], 1983, p. 1235. - Traducción del Inglés por el L.F.Ulloa.

ZULETA, Estanislao. *Elogio de la Dificultad*. 1980. Disponível em: http://www.elabedul.net/Articulos/el_elogia_de_la_dificultad.php. Acesso em: 14 de 02 de 2013.

CONTATOS DOS AUTORES

luisfelipeulloa@gmail.com
ppaulassana@gmail.com
Rosy_cassy@hotmail.com
aldrin.perez@insa.gov.br





MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES



Av. Francisco Lopes de Almeida, S/N - Serrotão
CEP: 58429-970 Caixa Postal 10067 - Campina Grande (PB).
www.insa.gov.br

 insa@insa.gov.br

 83.3315.6400

 @insamct

 insamcti